

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

Guy de Maupassant | H. G. Wells | Zhang Tianyi | Jane Bowles | E. M. Forster | John Updike | Ingo Schulze

Direcção: Luísa Costa Gomes | Edição: Tinta Permanente

10

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para: contos-leitores@ficcoes.net

O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão *online* no *site* www.ficcoes.net

A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e e-mail para contactos.

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados, acompanhados do respectivo cheque de pagamento, para:

Tinta Permanente
Av. Infante D. Henrique, 71
9500-150 Ponta Delgada

Poderá também fazer o seu pedido por e-mail, para:
assinaturas@ficcoes.net

Neste caso, deve fazer o seu pagamento através de depósito na conta nº 016001000036065000306, (indicando na transferência o seu nome e a menção "assinatura").

Assinatura anual 2004 (3 números): 30 Euros

Assinatura 2 anos 2004/05 (6 números): 50 Euros

Números atrasados (cada):

| | |
|------------------|------------|
| Do nº 1 ao nº 6 | 6 Euros |
| Ano 2003 | 8 Euros |
| Ano 2004 | 10 Euros |
| Ficções de Humor | 3,99 Euros |

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS Nº 10
2º SEMESTRE DE 2004

Ficções
ficcoes@ficcoes.net
www.ficcoes.net

Direcção
Luísa Costa Gomes

Capa e orientação gráfica
Jorge Silva

Revisão tipográfica
Luís Milheiro

Impressão
Manuel A. Pacheco, Lda - Lisboa

Distribuição
Sodilivros

Tiragem
1 800 exemplares

Depósito Legal
182179/02

Edição
Tinta Permanente
tintapermanente@mail.pt

Administração
Empresa de Palavras
Av. Igreja, 9 – 3º Esq.
1700-230 Lisboa
Tel. 296 628 135

© ***Ficções*** 2004

Índice

- 5 Guy de Maupassant *Amor*
- 15 H. G. Wells *Um sonho do Armagedão*
- 55 Zhang Tianyi *O senhor Hua Wei*
- 69 Jane Bowles *Aldeia das Cataratas*
- 127 E. M. Forster *O obelisco*
- 153 John Updike *A outra vida*
- 179 Ingo Schulze *de “33 momentos de felicidade”*

Guy de Maupassant

Amor

Tradução de João Martins

Guy de Maupassant (1850-1893), Henri René Albert Guy de Maupassant, nasceu em Miromesnil, perto de Dieppe, na Normandia, filho de um fidalgo ocioso e vagamente pintor. A mãe, Laure Le Poitevin, mulher culta e literata, é irmã de um grande amigo de Flaubert, Alfred Le Poitevin, ele mesmo casado com a irmã de Gustave de Maupassant, pai do escritor. Os pais separam-se em 1860. Passa a infância e a adolescência com a mãe e o irmão mais novo. É internado num colégio de padres de onde é expulso. Inscreve-se em Direito em Paris e é mobilizado para a guerra franco-prussiana um ano depois. O pai arranja-lhe um substituto, é liberto do Exército e volta a Paris. Entre 1872 e 1880, Maupassant passa por vários Ministérios e por vários empregos, enquanto faz tentativas literárias sob a égide de Louis Boulhet e de Flaubert. *Boule de Suif* é o seu primeiro conto reconhecido e entre 1880 e 1891, com uma constância incedível, Maupassant publica cerca de trezentos contos e novelas e seis romances. Vitimado pela sífilis, profundamente deprimido e sofrendo de crises de angústia e de alucinações, faz uma primeira tentativa de suicídio. É internado numa casa de saúde em Passy onde morre louco, dois anos mais tarde. *Amour* faz parte da colectânea *Le Horla* (1887) e foi publicada pela primeira vez no *Gil Blas* de 7 de Dezembro de 1886.

... Acabo de ler nas breves de uma gazeta a notícia de um drama passional. Ele matou-a e depois matou-se a si mesmo. Amava-a, portanto. Mas Ele e Ela que importam? Só me importa o seu amor; e não, de forma alguma, porque me enteneça ou me espante, porque me comova ou me dê que pensar, mas porque acorda em mim uma lembrança de juventude, estranha recordação de uma caçada em que o Amor me apareceu como aos primeiros cristãos apareciam cruces em pleno céu.

Nasci com todos os instintos e sentidos do homem primitivo, temperados por raciocínios e emoções de civilizado. Amo a caça com paixão; e o animal a sangrar, o sangue nas penas, o sangue nas minhas mãos crispam-me o coração a ponto de o fazer parar.

Nesse ano, pelos fins do Outono, o frio chegou bruscamente e eu fui convidado por um primo, Karl de Rauville, para ir aos patos, nas lagoas, ao romper do dia.

O meu primo, homem de quarenta anos, ruço, robusto e de barba espessa, pequeno fidalgo de província de uma rudez afável, feitio alegre, dotado daquele espírito gaulês que torna agradável a mediania, habitava uma espécie de quinta acastelada num vale amplo onde corria um ribeiro. A toda a volta, as colinas eram cobertas por bosques, velhos bosques senhoriais onde ainda havia árvores magníficas e onde se encontrava a mais rara caça de penas de toda aquela região de França. Por vezes, matavam-se ali águias; e as aves de arribação, que tão raro é virem até às nossas terras demasiado povoadas, faziam escala quase infalivelmente naquelas ramarias seculares, como se nelas houvessem achado ou reconhecido um pequeno reduto de floresta dos tempos antigos, que ali persistisse para lhes servir de abrigo na sua curta etapa nocturna.

No vale, estendiam-se grandes pastagens, irrigadas por valeiras e separadas por sebes; mais longe, o ribeiro, até ali canalizado, abria numa vasta lagoa. Esta lagoa, o mais admirável terreno de caça que alguma vez vi, era a menina dos olhos do meu primo, que dela cuidava como de um parque. Através da multidão imensa dos caniços que a cobriam, tornando-a viva, sussurrante, fervilhante, tinham sido traçadas estreitas avenidas, por onde as barcas chatas passavam à vara, mudas, sobre a água morta, roçando os juncos, espantando os peixes, rápidos, por entre as ervas, e fazendo mergulhar as galinhas-d'água, cuja cabeça, negra e afilada, desaparecia bruscamente.

Amo a água com uma paixão desregrada: o mar, embora demasiado grande e turbulento, impossível de domar; os rios, tão belos, mas que passam, que fluem,

que partem; e sobretudo as lagoas, onde palpita toda a existência desconhecida da fauna aquática. A lagoa é todo um mundo à face da Terra, mundo diferente, com a sua vida própria, os seus habitantes sedentários e os seus viajantes de passagem, as suas vozes, os seus ruídos e, principalmente, o seu mistério. Nada há mais perturbador, mais inquietante, mais assustador, por vezes, do que um pântano. De onde nos vem este medo que paira sobre tais campinas cobertas de água? Do vago rumor dos juncaís, dos estranhos fogos-fátuos, do silêncio profundo que as envolve nas noites calmas, ou das brumas bizarras, que passam sobre os caniços como vestidos de mortas? Ou, antes, do marulho imperceptível, tão leve, tão suave, mas mais aterrador, por vezes, que o canhão dos homens ou o trovão do céu, que faz das lagoas terras de algum sonho, terras temíveis onde se oculta um segredo indecifrável e perigoso?

Não. Algo mais dali se desprende; outro mistério, mais fundo, mais grave, flutua na espessura das névoas, o mistério, quem sabe, da própria criação! Pois não foi na água estagnada e lodosa, na densa humidade das terras molhadas sob o calor do sol, que se agitou, que vibrou, que se abriu à luz o primeiro germe de vida?

Cheguei a casa do meu primo ao princípio da noite, sob um frio cortante.

Ao jantar – na grande sala de armários, tecto e paredes cobertos de aves empalhadas, de asas abertas ou empoleiradas em galhos fixos por pregos: gaviões, garças-reais, mochos, noitibós, bútiós, açores, abutres, falcões – o meu primo, ele mesmo semelhante a um estranho animal das terras frias, envergando uma jaqueta

de pele de foca, foi-me contando as disposições que tomara para aquela noite.

Devíamos sair às três e meia da manhã, a fim de chegar pelas quatro e meia ao local escolhido para a espera. Aí fora construído um abrigo com pedaços de gelo, para nos proteger um pouco do terrível vento que precede o raiar do dia, esse vento aguçado pelo frio que lacera a carne como uma serra, a corta como uma lâmina, a perfura como um agulhão envenenado, a torce como uma tenaz e a queima como fogo.

O meu primo friccionava as mãos: “Nunca vi um gelo assim. Às seis da tarde, já estávamos com doze graus negativos.”

Fui para a cama logo após a refeição, e adormeci com o fulgor de uma intensa labareda na lareira do meu quarto.

Acordaram-me ao bater das três. Enfiei-me numa pele de carneiro e fui dar com o meu primo envolto numa pele de urso. Depois de termos bebido cada um duas chávenas de café a esaldar, seguidas de dois copos de fino champanhe, partimos na companhia de um guarda e dos nossos cães: *Plongeon* e *Pierrot*.

Assim que saímos, senti-me gelar até aos ossos. Estava uma daquelas noites em que a terra parece morta de frio. O ar gélido oferece resistência, dói tanto que o podemos palpar; sopra nenhum o agita; está coagulado, imóvel; morde, trespassa, resseca, mata as árvores, as plantas, os insectos, até os pássaros pequenos, que dos ramos tombam no chão endurecido e que igualmente endurecem, como ele, no amplexo do frio.

A lua, no seu último quarto, toda inclinada para um lado, pálida, como desmaiada em pleno espaço, tão

fraca que nem pôr-se conseguia já, lá se deixava ficar, no alto, também ela transida, paralisada pelo rigor do céu. Vertia sobre o mundo uma luz seca e triste, a claridade agonizante e baça que todos os meses sobre nós derrama, no termo da sua ressurreição.

Seguíamos lado a lado, Karl e eu, costas vergadas, mãos nos bolsos, espingarda debaixo do braço. As nossas botas, envolvidas em lã para nos permitirem caminhar sobre o ribeiro gelado sem escorregar, não faziam o menor ruído; e eu observava o vapor branco da respiração dos cães.

Em breve chegámos à beira da lagoa e tomámos um dos trilhos de juncos secos que avançavam por este baixo matagal adentro.

Os nossos cotovelos, roçando as folhas longas como fitas, deixavam atrás de nós um leve murmúrio; e eu senti-me possuído, como nunca até então, pela emoção poderosa e singular que os pantanais me provocam. Aquele era um pântano morto, morto de frio, pois que sobre ele caminhávamos, por entre o povo dos seus juncos ressequidos.

Repentinamente, numa das curvas do trilho, avistei o abrigo de gelo que fora construído para nos proteger. Entrei e, como tínhamos ainda cerca de uma hora de espera antes de as aves despertarem, enrolei-me no meu agasalho para me tentar aquecer.

Então, deitado de costas, pus-me a contemplar a lua deformada, que exhibia quatro pontas através das paredes vagamente transparentes da nossa casa polar.

Mas o frio da lagoa gelada, o frio daquelas paredes, o frio descido do firmamento não tardou a penetrar-me de forma tão terrível que comecei a tossir.

O meu primo Karl ficou preocupado: “Se não caçarmos grande coisa, paciência. Não quero que te constipes; vamos fazer uma fogueira.” E ordenou ao guarda que cortasse alguns juncos.

Fizemos com eles um monte no meio do nosso abrigo, aberto no topo para deixar sair o fumo; e, quando as chamas rubras se elevaram ao longo dos muros claros de cristal, estes começaram a derreter, devagar, imperceptivelmente, como se as pedras de gelo se cobrissem de suor. Karl, que ficara lá fora, gritou: “Vem ver!” Saí e fiquei mudo de assombro. O nosso abrigo, em forma de cone, lembrava um diamante monstruoso de coração de fogo, subitamente nascido na água gelada da lagoa. E, lá dentro, viam-se duas formas fantásticas, as dos nossos cães aquecendo-se junto das chamas.

Mas um grito estranho, um grito perdido, um grito errante passou, por sobre as nossas cabeças. O clarão da fogueira acordara as aves bravias.

Nada me comove como este primeiro clamor de vida, que não se vê mas que voa pelo negrume dos ares, tão veloz, tão distante, antes de aparecer no horizonte o primeiro alvor dos dias de Inverno. Tenho a impressão, nessa hora glacial da madrugada, de que o grito fugaz levado nas asas de um bicho é um suspiro da alma do mundo!

Karl dizia: “Apaguem o fogo. Está a nascer o dia.”

O céu, com efeito, começava a clarear, e os bandos de patos riscavam o firmamento em pinceladas esguias e rápidas que depressa se apagavam.

Um clarão troou na noite. Karl disparara; e os dois cães arremeteram.

Então, de minuto a minuto, ora ele, ora eu, visávamos prontamente logo que sobre os caniçais surgia o vulto de uma tribo alada. E *Pierrot* e *Plongeon*, ofegantes e excitados, iam-nos trazendo a caça ensanguentada cujos olhos, por vezes, ainda nos fitavam.

Erguera-se o dia, um dia claro e azul; já o sol se mostrava ao fundo do vale e nos preparávamos para voltar, quando duas aves, de pescoço erecto e asas abertas, passaram bruscamente sobre nós. Disparei. Uma delas caiu-me quase aos pés. Era uma marrequinha de papo prateado. Nesse instante, por cima de mim, gritou uma voz, uma voz de ave. Foi um queixume breve, repetido, lancinante; e o animal, o animalzinho poupado, pôs-se a voltear no azul do céu acima de nós, olhando a companheira morta nas minhas mãos.

Karl, de joelhos, arma apontada, olhar ardente, seguia-o, esperando que se aproximasse.

– Mataste a fêmea – disse ele. – Agora o macho não se vai embora.

Era verdade, não se ia embora; continuava a voar em círculos, num pranto, à nossa volta. Nunca outro gemido de dor me feriu o coração como o chamamento desolado, a acusação plangente deste pobre animal perdido no espaço.

De vez em quando, fugia sob a ameaça da espingarda que lhe seguia o voo; parecia disposto a continuar o seu caminho, solitário pelo céu fora. Porém, incapaz de o fazer, logo tornava em busca da sua fêmea.

– Põe-na no chão – disse-me Karl, – que ele não tarda a aproximar-se.

E, realmente, lá vinha ele, indiferente ao perigo, enlouquecido no seu amor de bicho pelo outro bicho, que eu matara.

Karl disparou; foi como se tivesse cortado a corda que o sustentava. Vi tombar uma coisa negra; ouvi nos juncos o impacto de uma queda. E *Pierrot* foi-mo buscar.

Meti-os a ambos, já frios, na mesma bolsa... e regresssei, ainda nesse dia, a Paris.

H.G. Wells

Um sonho do Armagedão

Tradução de José Manuel Mota

H. G. Wells (1866-1946) nasceu em Bromley, hoje um subúrbio de Londres, numa família muito modesta da pequena burguesia. O seu primeiro emprego foi aprendiz de retroseiro; mas com o seu interesse e curiosidade intelectual conseguiu uma bolsa para estudar na Normal School of Science, onde os ensinamentos de T.H. Huxley, o grande apóstolo do darwinismo, haviam de marcá-lo para toda a vida. E tanto que, quando o mestre se jubilou, o jovem Wells desistiu de concluir os estudos; virou-se para a escrita, e em 1895 publica a sua primeira obra de relevo, *The Time Machine*, a que se sucederam as prodigiosas sequências de fantasias científicas a que o seu nome está predominantemente associado para o grande público: *The War of the Worlds*, *The Island of Doctor Moreau*, *The Invisible Man*, *The First Men in the Moon*, além de numerosos contos. A partir de 1900 a obra de Wells inflecte noutras direcções: a escrita utópica (*A Modern Utopia*); a ficção realista e de tese (*Tono-Bungay*, *Ann Veronica*); uma terceira vertente relevante da sua vastíssima produção é a propaganda dos seus ideais de progresso assente na ciência e na engenharia social: o ideal quase utópico de um Estado mundial, socialista-liberal. Dele estão traduzidas entre nós *A Máquina do Tempo*, *A Guerra dos Mundos*, *O Homem Invisível*, *A Ilha do Doutor Moreau* em várias traduções e editoras desde 1936 até hoje; *Alma Simples* (Kipps) na Portugália (em 1945, trad. Cabral do Nascimento); e *História Universal* (Livros do Brasil, última reedição 1974-76). *Um Sonho do Armagedão* (*A Dream of Armageddon*) saiu inicialmente na colectânea *Twelve Stories and a Dream* (1903).

O homem de rosto lívido entrou na carruagem em Rugby. Mexia-se devagar apesar da pressa do carregador e, ainda ele estava no cais, já eu tinha reparado no seu ar doente. Deixou-se cair com um suspiro no canto em frente a mim, tentou compor um pouco a manta de viagem e ficou imóvel, os olhos fixos no vazio. Ao fim de algum tempo, sentindo-se observado, olhou para mim e fez um gesto desalentado para apanhar o jornal. Então olhou de novo na minha direcção.

Fingi ler. Receava tê-lo incomodado sem querer, e logo a seguir surpreendeu-me ouvi-lo falar.

– Como disse? – perguntei.

– Esse livro – repetiu, apontando um dedo magro – é sobre sonhos.

– Pois é – respondi; era os *Estados Oníricos* de Fortnum Roscoe, e o título estava estampado na capa.

Calou-se, suspenso, como que à procura das palavras.

– Sim – disse por fim – mas não nos dizem nada.

Houve ali um momento em que não percebi o que queria dizer.

– Não sabem – acrescentou.

Olhei-o com um pouco mais de atenção.

– Há sonhos – disse – e sonhos.

É o género de afirmação que nunca discuto.

– Suponho... – hesitou. – Costuma ter sonhos? Quero dizer, sonhos vívidos?

– Sonho muito pouco – respondi. – Num ano terei uns três sonhos vívidos.

– Ah! – disse, parecendo por instantes organizar as ideias. – Os seus sonhos não se lhe confundem com recordações? Não fica com dúvidas: isto aconteceu ou não?

– Quase nunca. À excepção de uma hesitação momentânea de vez em quando. Acho que poucas pessoas ficarão.

– E *ele* diz... – apontou para o livro.

– Diz que por vezes acontece, e dá a explicação do costume sobre a intensidade da impressão e coisas assim, para justificar o facto de regra geral não acontecer. Creio que o senhor sabe alguma coisa destas teorias...

– Muito pouco... excepto que estão erradas.

A mão macilenta brincou durante algum tempo com a correia da janela. Preparei-me para retomar a leitura, e isso pareceu precipitar a observação seguinte. Inclinou-se para a frente quase como se me fosse tocar.

– Não há uma coisa qualquer chamada sonhos sucessivos, que continuam noite após noite?

– Acho que sim. Há casos citados na maior parte dos livros sobre perturbações mentais.

– Perturbações mentais?! Sim, é provável que sim. É o sítio certo para eles. Mas o que eu quero dizer... – olhou os nós dos dedos rijos. – Isso será sempre sonhar? Será sonhar? Ou é outra coisa qualquer? Não poderá ser outra coisa qualquer?

Não fosse a sua expressão de crispada ansiedade, ter-lhe-ia travado a persistência da conversa. Recordo-lhe agora o aspecto dos olhos sumidos e as pálpebras avermelhadas. Talvez conheçam esse olhar.

– Não estou só a discutir uma opinião – disse. – Isto está a dar cabo de mim.

– Os sonhos?

– Se lhe quer chamar sonhos. Noite após noite. Vívidos!... Tão vívidos... Isto – apontou para a paisagem que passava a correr pela janela – parece irreal comparado com eles! Mal consigo lembrar-me de quem sou, o que faço... – Fez uma pausa. – Ainda agora...

– O sonho é sempre o mesmo, é isso? – perguntei.

– Acabou.

– O que quer dizer?

– Morri.

– Morreu?

– Morto e despedaçado, e agora, tudo o que de mim havia nesse sonho está morto. Morto para sempre. Sonhei que era outro homem, sabe, a viver noutra parte do mundo, num tempo diferente. Sonhei isso noite após noite. E noite após noite acordei para essa outra vida. Situações novas e acontecimentos novos, até que cheguei ao último...

– Em que morreu?

– Em que morri.

– E desde então...

– Não – disse. – Graças a Deus! Isso foi o fim do sonho...

Era evidente que eu não ia escapar àquele sonho. E afinal, tinha uma hora pela frente, estava a escurecer rapidamente, e Fortnum Roscoe tem um estilo soturno.

– Viver num tempo diferente – disse eu – quer dizer numa época diferente?

– Sim.

– Passada?

– Não, futura. Futura.

– No ano três mil, por exemplo?

– Não sei que ano era. Sabia-o quando estava a dormir, quer dizer, quando estava a sonhar, mas não agora, não agora que estou acordado. Há uma série de coisas que esqueci desde que despertei destes sonhos, embora as soubesse na altura em que estava... suponho que a sonhar. Eles designavam o ano de forma diferente do modo como nós o designamos. Mas *como* é que eles lhe chamavam? – levou a mão à testa. – Não – disse –, não me lembro.

Sorriu ao de leve. Por momentos receei que não fosse contar-me o sonho. Em geral detesto pessoas que contam sonhos, mas este era diferente. Até dei uma ajuda.

– Começou... – sugeri.

– Foi vívido desde o começo. Parecia que tinha acordado nele de repente. E é curioso que nestes sonhos de que estou a falar nunca me lembrava da vida que vivo agora. Era como se a vida do sonho bastasse enquanto durava. Talvez que... mas vou-lhe contar como me sinto quando faço os possíveis para me lembrar de tudo. Não me lembro de nada com precisão até ao ponto em que estava sentado numa espécie de arcada

com vista para o mar. Tinha estado a dormir e de repente acordei, bem fresco e desperto, sem parecer nada estar a sonhar, porque a rapariga deixou de me abanar com o leque.

– A rapariga?

– Sim, a rapariga. Não me interrompa, se não confunde-me. – Parou abruptamente. – Não vai pensar que estou doído, pois não? – disse.

– Não – respondi. – O senhor estava a sonhar. Conte-me o seu sonho.

– Acordei, dizia eu, porque a rapariga parou de me abanar. Não fiquei surpreendido por me encontrar naquele sítio ou coisa que o valha, está a compreender? Não senti que lá tivesse ido parar sem mais nem menos. Entrei naquele momento e pronto. Toda a lembrança que eu tinha *desta* vida, desta vida no século dezanove, se desvaneceu quando acordei. Esfumou-se como um sonho. Sabia tudo sobre mim, sabia que o meu nome já não era Cooper mas Hedon e sabia tudo sobre a minha posição no mundo. Esqueci muita coisa desde que acordei, há uma falta de articulação, mas lá era tudo perfeitamente claro e normal.

Hesitou de novo, agarrando-se à correia da janela, avançando o rosto e olhando-me suplicante:

– Acha isto um disparate?

– Não, não! – exclamei. – Diga-me como era essa arcada.

– Não era bem uma arcada... não sei como lhe chamar. Era virada a sul. Pequena. Estava toda à sombra excepto o semicírculo por cima da varanda que mostrava o céu e o mar e o canto onde estava a rapariga. Eu estava num divã – um divã de metal com almofadas às

riscas claras – e a rapariga estava debruçada na varanda de costas para mim. A luz da manhã dava-lhe na orelha e na face. O lindo pescoço branco com os caracolinhas que nele se aninhavam e o ombro branco estavam ao sol, e toda a graça do seu corpo se encontrava na fresca sombra azulada. Estava vestida – como hei-de dizer? Uma coisa ampla e esvoaçante. E ali estava ela, e eu a sentir como era bela e desejável, como se nunca a tivesse visto antes. E quando enfim suspirei e me ergui sobre o braço ela voltou o rosto para mim...

Interrompeu-se.

– Vivi cinquenta e três anos neste mundo. Tive mãe, irmãs, amigos, mulher e filhas – conheço bem os seus rostos, as suas expressões. Mas o rosto desta rapariga... é muito mais real para mim. Posso evocá-lo para o rever – era capaz de o desenhar ou pintar. E afinal...

Parou – mas eu não disse nada.

– O rosto de um sonho – o rosto de um sonho. Era bela. Não aquela beleza que é terrível, fria, e digna de veneração como a beleza de um santo; não aquela beleza que suscita paixões violentas; mas uma espécie de luminescência, lábios meigos que se abrem em sorrisos suaves, e olhos cinzentos, graves. E movimentava-se airoosamente, parecia ter pacto com tudo o que era agradável e gracioso...

Parou, cabisbaixo, o rosto escondido. Depois olhou para mim e continuou sem fazer mais tentativas de disfarçar a fé absoluta na realidade da sua história.

– Está a ver, eu tinha renunciado aos meus projectos e ambições, a tudo aquilo por que tinha trabalhado ou que tinha ambicionado, por causa dela. Tinha sido um homem de poder lá no Norte, cheio de influência e bens

e de grande reputação, mas comparado com ela nada disso parecia ter importância. Tinha vindo para aqui com ela, para esta cidade de prazeres soalheiros e tinha deixado tudo ao abandono para ao menos salvar um resquício da minha vida. Enquanto estive apaixonado por ela antes de saber que ela sequer gostava de mim, antes de ter imaginado que ela o ousaria – que nós o ousaríamos – toda a minha vida parecera vazia e sem sentido, pó e cinzas. *Era* pó e cinzas. Noite após noite, dia após dia, ansiei e desejei – e a minha alma fora de encontro ao que era proibido!

Mas é impossível a um homem contar estas coisas a outro. É emoção, é uma tonalidade, uma luz que vem e vai. Só enquanto existe é que tudo muda, tudo. O facto é que me vim embora e os deixei às voltas com a sua Crise.

– Deixou-os, quem? – perguntei, confuso.

– As pessoas lá do Norte. É que – neste sonho, pelo menos – eu tinha sido um grande homem, o género de homem em quem as pessoas confiam, à volta de quem se agrupam. Milhões de homens que nunca me tinham visto estavam prontos a fazer coisas e a correr riscos por terem confiança em mim. Fizera esse jogo durante anos, esse jogo amplo e trabalhoso, o difuso, monstruoso jogo político no meio de intrigas e traições, palavras e agitação. Era um vasto mundo revoltado, e cheguei a ter uma espécie de liderança na oposição ao Bando – chamavam-lhe o Bando, uma espécie de compromisso de projectos de patifaria e ambições vis à mistura com *slogans* e grandes manifestações de emoção estúpida e de demagogia – o Bando que ano após ano mantinha o mundo em cega agitação, e enquanto andava à deriva,

a deriva era para um desastre infinito. Mas não posso esperar que compreenda os cambiantes e complicações desse ano – o ano não sei quantos que veio a seguir. Estava tudo no meu sonho, até aos mais ínfimos pormenores. Suponho que tinha estado a sonhar com isso antes de acordar, e o vago esboço de uma qualquer estranha iniciativa que eu imaginara ainda me pairava no espírito, enquanto esfregava os olhos. Devia ser assunto desagradável, que me fez agradecer a Deus a luz do sol. Endireitei-me no divã e fiquei a olhar para a mulher, feliz – feliz por me ter afastado de todo o tumulto, da loucura e da violência antes de ser tarde de mais. Ao fim e ao cabo, pensei, a vida é assim – não valerão o amor e a beleza, o desejo e o prazer todas essas lutas sinistras por fins incertos e desmedidos? E censurei-me por ter sempre procurado ser um chefe quando podia ter dedicado os meus dias ao amor. Mas nesse caso, pensei, se não tivesse levado na juventude uma vida rigorosa e austera, podia ter-me desperdiçado com mulheres vãs e sem valor, e só de pensar nisso todo o meu ser se desfazia em amor e ternura pela minha querida amante, a minha amada que viera enfim e me obrigara – obrigara-me pela força do seu irresistível fascínio – a pôr de lado essa vida.

“Bem o mereces – disse de modo a que ela não ouvisse. – Bem o mereces, minha querida; mereces orgulho, louvor e tudo. Meu amor! Ter-te *a ti* vale isso tudo.”

Ao ouvir-me murmurar ela voltou-se.

“Anda ver – gritou (parece que estou a ouvi-la) – vem ver o sol nascer sobre o Monte Solaro.”

Lembro-me de me ter posto de pé de um salto e de ir ter com ela à varanda. Pôs-me a mão branca no ombro

e apontou para as grandes massas de pedra calcária que ganhavam cor e vida. Olhei. Mas primeiro reparei no sol que lhe dava no rosto acariciando-lhe as linhas da face e do pescoço. Como descrever-lhe o quadro que tínhamos diante de nós? Estávamos em Capri...

– Já lá estive – disse eu. – Subi ao Monte Solaro e bebi *vero Capri*, uma mistela turva parecida com sidra, lá no alto.

– Ah! – disse o homem lívido – então talvez me possa dizer. Há-de saber se isto é mesmo Capri. Porque nesta vida nunca lá estive. Deixe-me descrever-lha. Estávamos num pequeno quarto, um entre muitos outros, muito frescos e soalheiros, escavados na pedra calcária de uma espécie de promontório muito acima do mar. A ilha toda, sabe, era um hotel enorme, de uma complexidade difícil de explicar, e do outro lado havia quilómetros de hotéis flutuantes, e plataformas flutuantes enormes onde poisavam as máquinas voadoras. Chamavam-lhe uma cidade do prazer. É claro que não havia nada disso no seu tempo – ou, melhor dizendo, não *há* nada disso *agora*. Claro. Agora! – pois.

Bem, esse nosso quarto ficava na extremidade do promontório, de modo que era possível ver para oriente e para ocidente. Para oriente havia um grande rochedo – com uns trezentos metros de altura – de um cinzento frio à excepção de uma orla de brilho dourado e, para além dela, a ilha das Sereias e uma costa abrupta que se esbatia e mergulhava na cálida aurora. E quando nos voltávamos para ocidente, em primeiro plano havia uma pequena enseada, um crescente de praia ainda na sombra. E dessa sombra erguia-se o Solaro, alto e direito, a crista rosada e dourada pelo sol, como uma

beldade no seu trono, com a lua branca a flutuar por trás dela no céu. E à nossa frente, de leste a oeste, estendia-se o mar de muitos matizes, todo salpicado de barcos à vela.

Do lado nascente, claro que os barquinhos eram cinzentos, minúsculos mas muito nítidos, ao passo que do poente eram como barquinhos de ouro – brilhando como ouro – quase como pequenas labaredas. E mesmo por baixo de nós havia um rochedo com um arco escavado pelas águas. A água azul do mar quebrava-se em verde e espuma à volta do rochedo, e uma galera vinha deslizando sob o arco.

– Conheço esse rochedo – disse eu. – Quase me afoguei lá. Chamam-lhe os *Faraglioni*.

– *I Faraglioni*? Sim, ela chamou-lhes assim – respondeu o homem do rosto lívido. – Havia uma história qualquer... mas isso...

Levou de novo a mão à testa.

– Não – disse. – Não me lembro que história era.

Bem, isso é a primeira coisa de que me lembro, o primeiro sonho que tive, aquele quartinho umbroso e aquela beleza de ar e céu, e aquela minha querida companheira, de braços luminosos e traje gracioso, e como ali sentados falávamos baixinho um com o outro. Baixinho não porque alguém nos pudesse ouvir, mas porque havia ainda entre nós uma tal frescura de espírito que os nossos pensamentos como que receavam vir a exprimir-se por palavras. E por isso fluíam de mansinho.

Depois sentimos fome e fomos do nosso aposento, por uma estranha passagem com piso rolante, até ao salão do pequeno-almoço – havia aí uma fonte e música. Era um lugar agradável e alegre, inundado de sol e

com a água a cair, e o murmúrio de cordas dedilhadas. Sentámo-nos e comemos sorrindo um para o outro, e ignorei um homem que me observava de uma mesa próxima.

Daí fomos para o salão de baile. Mas não consigo descrever esse salão. Era uma coisa enorme – maior do que qualquer outro edifício jamais visto – e de um lado ficava a velha porta de Capri, encaixada na muralha de uma galeria bem no alto. Vigas leves, suportes e fios de ouro, jorravam dos pilares como fontes, esparziam-se pelo tecto como uma aurora boreal e entrelaçavam-se como... como que por magia. Em toda a volta da grande pista de dança havia belas imagens, estranhos dragões e fantásticas e complexas figuras grotescas segurando luzeiros. O local estava inundado de luz artificial que envergonhava o dia que rompera. E à medida que atravessávamos a multidão as pessoas voltavam-se e olhavam-nos, pois o meu nome e a minha cara eram conhecidos em todo o mundo, e sabia-se como eu havia subitamente renunciado ao orgulho e à luta para vir para este lugar. E olhavam também para a mulher a meu lado, embora parte da história de como ela viera, finalmente, ter comigo fosse desconhecida ou estivesse mal contada. E sei que eram poucos os homens que lá estavam que me não julgavam feliz, apesar de toda a vergonha e desonra que tinham manchado o meu nome.

O ar estava cheio de música, de aromas harmoniosos, do ritmo de movimentos gráteis. Milhares de criaturas gentis enchiam o salão, as galerias, ou sentavam-se pelos inúmeros nichos; estavam vestidas de cores magníficas e coroadas de flores; milhares dançavam na grande pista sob as imagens brancas dos deuses antigos, e grupos

esplêndidos de jovens e donzelas passeavam de um lado para o outro. Nós dois dançávamos, não as coisas monótonas e insípidas do nosso tempo – quer dizer, deste tempo – mas danças que eram belas e inebriantes. E mesmo agora consigo ver a minha amada a dançar – a dançar alegremente. Dançava, sabe, com um ar grave; dançava com uma dignidade séria; e no entanto sorria-me e acariciava-me – sorria e acariciava com os olhos.

A música era diferente – murmurou. – Era... não consigo descrevê-la; mas era infinitamente mais rica e mais variada que qualquer música que eu tenha ouvido acordado.

E então – foi no fim da dança – um homem veio falar comigo. Era um homem magro e decidido, vestido com demasiada sobriedade para um sítio daqueles, e eu já tinha reparado nele a observar-me no salão do pequeno-almoço, e mais tarde, ao percorrermos a passagem, tinha evitado o olhar dele. Mas agora, sentados numa alcova, sorrindo para toda aquela gente feliz que cruzava o chão lustroso de um lado para o outro, ele veio tocar-me e falou de modo que tive de atendê-lo. E pediu para me falar um pouco a sós.

“Não”, disse eu. “Não tenho segredos para esta senhora. Que me quer dizer?”

Disse que era um assunto trivial, ou pelo menos árido, para uma senhora ouvir.

“Talvez para eu ouvir”, disse eu.

Ele olhou de relance para ela, como se lhe fosse pedir para interceder. Então perguntou-me de repente se eu tinha ouvido falar de uma grande declaração de vingança feita por Evesham. Ora até então Evesham

tinha sido o meu lugar-tenente na chefia desse grande partido do Norte. Era um homem enérgico, duro, rude, e só eu tinha conseguido controlá-lo e sofreá-lo. Foi por causa dele, ainda mais do que por minha, penso, que os outros tinham ficado tão consternados com o meu afastamento. De modo que esta questão do seu procedimento voltou a fazer despertar o meu antigo interesse na vida que pusera de lado há tão pouco tempo.

“Há vários dias que não dou atenção a notícias” – disse. – “Que tem Evesham andado a dizer?”

E aí o homem começou a contar, sem se fazer rogado, e tenho de confessar que até eu fiquei chocado com a loucura temerária de Evesham, com as palavras desvai-radas e ameaçadoras que empregou. E o mensageiro que me tinham enviado não só me falou do discurso de Evesham como ainda me pediu conselho e insistiu na necessidade que tinham de mim. Enquanto ele falava, a minha companheira, inclinada um pouco para frente, observava-nos.

Os meus velhos hábitos de conspirador e organizador vieram ao de cima. Conseguia até imaginar-me a voltar de repente para o Norte, e o efeito dramático que isso teria. Tudo o que este homem disse dava de facto conta do desconcerto do partido, mas não da sua perda. Devia regressar mais forte do que quando viera embora. E nessa altura pensei na minha companheira. É que... como explicar? Havia certas peculiaridades na nossa relação – o que não vem agora ao caso – que tornariam impossível a presença dela junto de mim. Iria ter de a deixar; na verdade, teria de renunciar a ela claramente, publicamente, se fosse a fazer tudo o que havia a fazer

no Norte. E o homem sabia *disso*, ao falar com ela e comigo, sabia-o tão bem como ela, que os meus passos para o dever eram primeiro a separação, depois a renúncia. Ao ser assaltado por esse pensamento o meu sonho de regresso desfez-se em pedaços. Voltei-me de súbito para o homem, quando ele já imaginava que a sua eloquência me tinha vencido.

“Que tenho eu a ver agora com isso?”, disse. “Isso para mim acabou. Acha que vim para aqui para me fazer rogado pela sua gente?”

“Não”, disse, “mas...”

“Mas porque não me deixam em paz? Não tenho nada a ver com isso. Já não sou mais que um cidadão como os outros.”

“Sim”, respondeu. “Mas já pensou? Este falar-se de guerra, estes desafios temerários, estas agressões desvairadas...”

Levantei-me.

“Não”, gritei. “Não vou dar-lhe ouvidos. Levei todas essas coisas em conta, pesei-as... e afastei-me.”

Pareceu ponderar a hipótese de continuar a insistir. Desviou os olhos de mim para a minha companheira que nos observava.

“Guerra”, disse, como se falasse consigo mesmo; depois voltou-me as costas devagar e foi-se embora.

Ali fiquei preso no turbilhão de pensamentos que o apelo dele tinha desencadeado.

Ouvi a voz da minha companheira.

“Querido”, disse ela, “mas se eles precisam de ti...”

Não acabou a frase, deixou-a a meio. Voltei-me para o seu doce rosto, e o meu espírito vacilava, perturbado.

“Querem-me só para fazer o que eles não se atrevem a fazer sozinhos”, disse eu. “Se não confiam em Evesham, eles que se avenham com ele.”

Lançou-me um olhar dúbio.

“Mas a guerra...”, disse.

Vira-lhe no rosto uma dúvida que já vira antes, incerteza por si e por mim, a primeira sombra da descoberta que, considerada até às últimas consequências, acabaria por nos separar para sempre.

Ora eu, com um espírito mais velho, podia fazê-la pender para uma ou outra convicção.

“Minha querida”, disse, “não te deves preocupar com estas coisas. Não vai haver guerra. De certeza que não vai haver guerra. O tempo das guerras já passou. Confia em mim que sei de que lado está a justiça. Eles não têm qualquer direito sobre mim, minha querida, ninguém tem qualquer direito sobre mim. Tive a liberdade para escolher a minha vida e escolhi esta.”

“Mas a guerra...”, disse ela.

Sentei-me ao lado dela. Enlacei-a e peguei-lhe na mão. Ocupei-me a afastar dela aquela incerteza – a encher-lhe de novo a cabeça com coisas agradáveis. Menti-lhe, e ao mentir-lhe menti também a mim próprio. E ela só queria acreditar em mim, só queria esquecer.

Em breve a sombra desaparecera, e corríamos para a Grotta del Bove Marino, onde costumávamos banhar-nos todos os dias. Nadámos e atirámos água um ao outro, e naquela água que me sustinha, pareceu-me que me tornara noutra coisa, mais leve e mais forte do que um homem. Por fim saímos, alegres e a pingar, correndo por entre os rochedos. Depois vesti um fato de

banho enxuto e sentámo-nos ao sol, e daí a pouco já cabeceava, apoiando a cabeça nos joelhos dela, e ela pôs-me a mão no cabelo, acariciando-o suavemente, e eu dormitei. E eis que, como se se partisse a corda de um violino, acordei, e estava na minha cama em Liverpool, na vida actual.

Só por instantes acreditei que esses momentos tão vivos mais não fossem que a substância de um sonho.

Na verdade, não podia acreditar que tivesse sido um sonho, apesar da realidade inquestionável das coisas à minha volta. Tomei banho, vesti-me como por hábito e, enquanto me barbeava discorria porque é que eu, entre todos os homens, devia deixar a mulher que amava e voltar para a irrealidade fantástica da política no Norte duro e aguerrido. Mesmo que Evesham fosse obrigar o mundo a voltar à guerra, que tinha eu a ver com isso? Eu era um homem com um coração de homem, e porque haveria eu de sentir a responsabilidade de um deus pelo rumo que o mundo pudesse tomar?

Saberá que não é bem isto que eu penso das coisas, das coisas que me dizem realmente respeito. Eu sou advogado, sou um homem de opinião.

A visão era tão real, tem de compreender, tão completamente diferente de um sonho que eu estava continuamente a lembrar-me de pormenores banais e sem importância; até a decoração da capa de um livro pousado na máquina de costura da minha mulher na sala do pequeno-almoço, me recordava vividamente o debrum dourado do assento na alcova onde falara com o mensageiro do partido que abandonara. Já ouviu falar de algum sonho com essa característica?

– Qual?

– A de mais tarde recordar pequenos pormenores de que se tinha esquecido.

Fiquei a pensar. Nunca tinha reparado nisso, mas ele tinha razão.

– Nunca – respondi. – Parece que isso nunca acontece com os sonhos.

– Pois não – respondeu ele. – Mas foi isso mesmo o que me aconteceu. Compreenda que sendo advogado em Liverpool não podia deixar de me questionar sobre o que os meus clientes e colegas de profissão com quem falava no escritório iriam pensar se de repente lhes dissesse que me tinha apaixonado por uma jovem que iria nascer dali a umas centenas de anos, e que estava preocupado com as políticas dos meus tetranetos. Nesse dia eu ia estar sobretudo ocupado com a negociação de um contrato de arrendamento por noventa e nove anos. Era um empreiteiro cheio de pressa e queríamos agarrá-lo de toda a maneira. Tivemos uma entrevista e ele mostrou uma certa falta de compostura, de tal modo que quando fui para a cama ainda estava irritado. Nessa noite não tive sonhos. Nem sonhei na noite seguinte, pelo menos, que me lembre.

Desvaneceu-se algo daquela intensa sensação de realidade. Comecei a convencer-me de que *fora* um sonho. E foi então que voltou.

Quando o sonho voltou, quase quatro dias depois, foi muito diferente. Tenho a certeza de que também no sonho tinham decorrido quatro dias. Muitas coisas tinham acontecido no Norte, e a sombra desses acontecimentos interpusera-se de novo entre nós, e desta vez não se dissipou tão facilmente. Sei bem que comecei com sombrias rumações. Porque haveria eu, afinal,

de voltar, voltar até ao fim dos meus dias à labuta e ao esforço, aos insultos e à eterna insatisfação, só para salvar umas centenas de milhão de pessoas vulgares, que eu não amava e não podia senão desprezar as mais das vezes, do esforço e angústia da guerra e do infinito desgoverno? E além disso eu podia falhar. Todos *eles* perseguiram os seus fins mesquinhos, e por que razão é que... porque não havia eu também de viver como um homem? E no meio de tais pensamentos a voz dela chamou-me, e ergui os olhos.

Vi-me acordado e a caminhar. Tínhamos vindo sair acima da Cidade do Prazer, estávamos perto do cume do Monte Solaro, olhando para a baía. Era fim de tarde e estava muito límpido. Lá ao longe, à esquerda, Ischia pairava numa neblina dourada entre mar e céu, e Nápoles era de uma brancura fria contra as colinas, e diante de nós estava o Vesúvio com um delgado e alto penacho que esvoaçava virado ao sul e as ruínas de Torre Annunziata e Castellamare cintilantes e próximas.

Interrompi-o subitamente:

– Já estive em Capri, claro?

– Só neste sonho – disse –, só neste sonho. Por toda a baía frente a Sorrento estavam atracados e amarrados os palácios flutuantes da Cidade do Prazer. E para norte estavam as enormes plataformas flutuantes para os aeroplanos. Todas as tardes desciam do céu aeroplanos, cada um deles trazendo milhares em busca de prazer vindos das partes mais remotas da terra para Capri e os seus encantos. Tudo isto se estendia, dizia eu, sob os nossos olhos.

Mas nós só reparámos neles por acaso, por causa de um espectáculo invulgar que aquela tardinha nos

mostrou. Cinco aeroplanos de guerra há muito abandonados nos distantes arsenais da foz do Reno manobravam no céu a oriente. Evesham tinha surpreendido o mundo aparecendo com eles e outros mais, pondo-os a voar em círculos por aqui e por ali. Era a arma de intimidação no grande *bluff* que jogava, e até eu fora apanhado de surpresa. Ele era uma daquelas pessoas cheia de energia, incrivelmente obtusas, que parecem enviadas pelos céus para criar desgraças. E a energia dele, à primeira vista, parecia-se tanto com capacidade! Mas não tinha imaginação, nem inventiva, apenas uma força de vontade estúpida, imensa, que o impelia, e uma fé louca na sua “sorte”, a sorte estúpida dos néscios para sair de apertos. Lembro-me de como ficámos sobre o promontório a observar o esquadrão volteando ao longe, e de como avalei o pleno sentido daquela visão, vendo claramente o rumo que as coisas teriam que tomar. E apesar de tudo ainda não era demasiado tarde. Creio que poderia ter-me ido embora e salvo o mundo. As pessoas do Norte seguir-me-iam, bem o sabia, desde que tão-somente respeitasse os seus padrões morais. O Leste e o Sul confiariam em mim como não confiariam em nenhum homem do Norte. E eu sabia que tinha apenas de lhe pôr a questão e ela deixar-me-ia ir... Não que me não amasse!

Só que eu não queria ir; a minha vontade era diametralmente oposta. Eu só há muito pouco tempo me livrara do pesadelo da responsabilidade; renegara o meu dever há tão pouco tempo que era claro como o dia que aquilo que eu *tinha* que fazer, não tinha poder para alterar a minha vontade. A minha vontade era viver, colher prazeres e fazer feliz a minha querida

companheira. Mas, embora este sentimento de grandes deveres descuidados não tivesse poder para me arrastar, podia pôr-me taciturno e preocupado, roubando brilho aos dias passados e despertando-me para tristes lucubrações no silêncio da noite. E quando me levantei e vi os aeroplanos de Evesham voando de um lado para o outro – aquelas aves de um mau agoiro infinito – ela estava a meu lado, observando-me, percebendo que havia de facto dificuldades, mas só vagamente – perscrutando-me com o olhar, as feições ensombradas de perplexidade. O rosto dela ficou acinzentado com o pôr do sol a apagar-se no céu. Ela não tinha culpa de me reter. Tinha-me pedido que me afastasse dela, e à noite, mais uma vez, de lágrimas nos olhos, pedira-me que partisse.

Acabou por ser o senti-la a meu lado que me despertou daquele estado de espírito. Voltei-me para ela subitamente e desafiei-a a correr pela encosta da montanha abaixo. “Não”, disse, como se eu ofendesse a sua seriedade; mas eu estava decidido a acabar com aquela seriedade, e fi-la correr – não se pode continuar desalentado e triste quando se está sem fôlego – e quando ela tropeçou, apoiei-lhe o braço com a mão. Passámos a correr por uns homens que se viraram espantados com o meu comportamento – devem ter-me reconhecido. E a meio caminho pela encosta abaixo vem um tumulto dos ares, clang-clanc, clang-clanc; parámos, e logo a seguir surgiram por sobre a crista do monte os tais engenhos de guerra voando uns atrás dos outros.

O homem pareceu hesitar no começo da descrição.
– Como eram? – perguntei.

– Nunca tinham combatido – disse. – Eram precisamente como os couraçados de hoje em dia; nunca tinham combatido. Ninguém sabia o que poderiam fazer, com homens exaltados lá dentro; e poucos se preocupavam sequer em especular sobre isso. Eram grandes veículos em forma de ponta de lança mas sem haste, e em vez dela uma hélice.

– Aço?

– Aço não.

– Alumínio?

– Não, não, nada disso. Uma liga então muito vulgar, tão vulgar como o latão, por exemplo. Chamava-se... deixe-me ver... – apertou a fronte com os dedos. – Estou a esquecer tudo – disse.

– E estavam armados?

– Pequenos canhões que disparavam cargas altamente explosivas. Disparavam para trás, pela parte de trás da asa, por assim dizer, e avançavam pela ponta. Isso era a teoria, sabe, mas nunca tinham sido experimentados. Ninguém podia dizer com exactidão o que ia acontecer. E entretanto suponho que era muito agradável voar pelos ares como um bando de jovens andorinhas, velozes e gráteis. Creio que os capitães tentaram não pensar muito a sério como seria de facto. E estas máquinas voadoras eram apenas um dos infindáveis engenhos de guerra que tinham sido inventados e ficado inactivos durante a longa paz. Havia toda a espécie de coisas destas que as pessoas desenterravam e aprestavam: coisas infernais, coisas insanas; coisas que nunca tinham sido experimentadas; máquinas enormes, explosivos terríveis, grandes canhões. Conhece a insensatez do tipo de gente engenhosa que faz coisas

destas – produzem-nas como os castores constroem diques, sem consciência dos rios que desviam ou das terras que vão inundar!

À medida que descíamos as escadinhas sinuosas de volta para o nosso hotel, no crepúsculo, antevi tudo: vi como as coisas se encaminhavam de forma clara e inevitável para a guerra às mãos insensatas e violentas de Evesham, e tive uma leve suspeita de como iria ser a guerra nestas novas condições. E mesmo então, embora visse que se aproximava a minha última oportunidade, não conseguia arranjar vontade de voltar.

Suspirou.

– Foi a minha última hipótese. Só fomos à cidade quando o céu se encheu de estrelas, por isso passeámos lá no alto no terraço, de cá para lá, ela aconselhando-me a regressar.

“Meu querido”, disse, mirando-me com o seu rosto meigo, “isto é Morte. Esta vida que levas é Morte. Volta para eles, volta para o teu dever...”

Pôs-se a chorar, dizendo, entre soluços, agarrada ao meu braço enquanto repetia:

“Volta. Volta.”

Então de repente emudeceu e, olhando-a no rosto, li num instante o que lhe tinha passado pela mente. Era um daqueles momentos em que se consegue mesmo *ler* o pensamento.

“Não!”, disse eu.

“Não?”, perguntou surpreendida e creio que um pouco receosa com a resposta ao seu pensamento.

“Nada”, disse eu, “me fará regressar. Nada! Fiz a minha escolha. Escolhi o amor e o mundo que siga o seu caminho. Aconteça o que acontecer vou viver esta

vida – viverei para *ti!* Nada me desviará; nada, minha querida. Mesmo que morresses... mesmo que morresses...”

“Sim ?”, murmurou de mansinho.

“Nesse caso... eu morreria também.”

E antes que ela abra a boca comecei eu a falar, a falar eloquentemente – como o *sabia* fazer naquela vida – exaltando o amor, fazendo a vida que levávamos parecer heróica e gloriosa; e aquilo a que eu me furtava, algo de árido, de desmedidamente ignóbil e que fazia muito bem em pôr de lado. Esforcei-me quanto pude para mostrar o fascínio da nossa vida, procurando não só convencê-la mas convencer-me a mim próprio. Conversámos, ela presa a mim, dilacerada entre tudo o que julgava nobre e tudo o que sabia ser doce. E por fim lá consegui dar um ar de heroicidade, fiz de todo o desastre do mundo que se adensava um mero cenário esplendoroso para o nosso amor sem par; e nós ambos, pobres almas tontas, passeávamo-nos envoltos nessa ilusão esplêndida, ou antes embriagados com essa ilusão maravilhosa, sob as estrelas imóveis.

E assim, passou a minha hora.

Foi a minha última oportunidade. E enquanto ali passeávamos, os chefes do Sul e do Leste fortaleciam a sua determinação, e a enérgica resposta que abalaria de uma vez para sempre o jogo de Evesham tomava forma e aguardava. E por toda a Ásia, e sobre os oceanos, e no Sul, o ar e os fios do telégrafo vibravam com os avisos: preparem-se; preparem-se.

Ninguém no mundo sabia o que era a guerra. Ninguém podia imaginar, com todas estas novas invenções, o horror que a guerra podia trazer. Acredito

que a maior parte das pessoas ainda pensava que se tratava apenas de fardas vistosas, gritos “à carga!” e cortejos triunfais com bandeiras e fanfarras – numa época em que meio mundo ia buscar o seu alimento a regiões a dezenas de milhar de quilómetros de distância...

O homem lívido fez uma pausa. Lancei-lhe um olhar, e o rosto dele estava concentrado no chão da carruagem. Um apeadeiro, uma enfiada de vagões carregados, uma guarita de sinais e as traseiras de uma casinha voaram pela janela da carruagem, e passou-se uma ponte com estrépito, fazendo ecoar o barulho do comboio.

– Depois disto – disse – sonhei muitas vezes. Durante três semanas a minha vida foi esse sonho. E o pior é que houve noites em que não conseguia dormir, às voltas na cama, *nesta* maldita vida; e *lá* – num lugar perdido para mim – havia coisas a acontecer – coisas importantes, coisas terríveis... eu vivia de noite – os meus dias, os meus dias acordado, esta vida que levo agora, tornavam-se um sonho distante e apagado, um cenário pardacento, a capa de um livro.

Ficou pensativo.

– Podia contar-lhe tudo, cada pormenor do sonho; mas do que fazia durante o dia – não, não poderia contar-lhe – não me lembro. A minha memória – a minha memória foi-se. A substância da vida escapou-me...

Inclinou-se para a frente, fazendo pressão sobre os olhos com as mãos. Durante muito tempo não disse nada.

– E depois? – disse eu.

– A guerra rebentou como um furacão.

Parecia olhar para o indizível.

– E depois? – insisti.

– Um toque de irreal – disse, baixo, como quem fala sozinho – e teriam sido pesadelos. Mas não eram pesadelos... não eram pesadelos. *Não!*

Ficou em silêncio durante tanto tempo que comecei a aperceber-me de que havia o perigo de perder o resto da história. Mas ele continuou a falar no mesmo tom de interrogativa introspecção.

– Que fazer senão fugir? Não pensara que a guerra fosse atingir Capri – tinha-me parecido ver Capri fora daquilo tudo, como contraste com aquilo tudo; mas passadas duas noites toda a cidade gritava e vociferava, todas as mulheres e quase todos os homens usavam um distintivo – o distintivo de Evesham – e a música era sempre a mesma canção de guerra estridente, constantemente repetida, e por toda a parte havia homens a alistar-se e a fazer manobras nos salões de baile. Toda a ilha estava num burburinho com os boatos; dizia-se repetidamente que os combates tinham começado. Não contara com isso. Tinha visto tão pouco da vida de prazer que não soubera contar com esta violência vinda de amadores. Quanto a mim estava de fora. Era como o homem que podia ter impedido o incêndio de um paiol. Passara a hora. Eu não era ninguém; qualquer rapazola presumido que usasse um distintivo valia mais do que eu. A turba empurrava-nos e berrava-nos aos ouvidos; a maldita canção ensurdecia-nos; uma mulher berrou com a minha companheira por não trazer distintivo, e nós recuámos de novo para o nosso lugar, vexados e insultados – a minha companheira pálida e em silêncio,

e eu tremendo de raiva. Estava tão furioso que teria sido capaz de discutir com ela se lhe tivesse visto nos olhos a sombra de uma acusação.

Toda a minha grandeza me tinha abandonado. Caminhava de um lado para o outro na nossa cela na rocha, e lá fora estava o mar na sombra da noite e uma luz a sul que fulgia, desaparecia e voltava de novo.

“Temos de sair daqui”, repeti vezes sem conta. “Fiz a minha escolha e não me vou meter nesta confusão. Não tenho nada a ver com esta guerra. As nossas vidas estão acima de tudo isto. Isto não é refúgio para nós. Vamo-nos daqui.”

E no dia seguinte já estávamos a fugir da guerra que cobria o mundo.

E tudo o mais foi a Fuga – tudo o mais foi a Fuga. Meditou soturnamente.

– Quanto tempo durou?

Não deu resposta.

– Quantos dias?

Estava pálido e contraído e apertava as mãos com força. Não ligou à minha curiosidade.

Tentei fazê-lo voltar à história com perguntas.

– Para onde foram? – disse.

– Quando?

– Quando saíram de Capri.

– Para sudoeste – disse, olhando-me por um segundo. – Fomos de barco.

– Mas não teria sido melhor um aeroplano?

– Tinham sido apreendidos.

Não lhe fiz mais perguntas. Daí a pouco pensei que ia recomeçar. Desatou a argumentar, monocórdico:

– Mas porque havia de ser? Se, na verdade, esta

batalha, esta carnificina e esta tensão são a vida, porque temos esta ânsia de prazer e de beleza? Se não *há* refúgio, se não há lugar de paz, e se todos os nossos sonhos de lugares calmos são uma loucura e uma cilada, porque é que temos esses sonhos? Por certo não eram desejos pouco nobres, intenções vis que nos tinham levado a este ponto; era o Amor que nos tinha isolado. O Amor viera ter comigo nos olhos dela, envolto na beleza dela, mais deslumbrante que tudo o resto na vida, com a forma e a cor da própria vida, e intimou-me a ir embora. Eu tinha calado todas as vozes, respondido a todas as questões – tinha vindo ter com ela. E de repente não havia senão Guerra e Morte!

Tive uma inspiração.

– Mas afinal – disse eu – tudo podia não passar de um sonho.

– Um sonho! – gritou, exaltado comigo –, um sonho quando, mesmo agora...

Pela primeira vez ficou excitado. Um leve rubor subiu-lhe ao rosto. Ergueu a mão aberta, fechou-a com força e deixou-a cair no joelho. Falou, desviando os olhos, e continuou sem me olhar o resto do tempo.

– Não somos mais que fantasmas – disse – e fantasmas de fantasmas, desejos como sombras de nuvens, e vontades de palha que remoinham ao vento; os dias passam, os usos e os costumes arrastam-nos como um comboio leva a sombra das suas luzes – pois seja! Mas há uma coisa que é certa e real, uma coisa que não é sonho, mas eterna e resistente. É o centro da minha vida, e todas as coisas à volta dela são subalternas ou inteiramente vãs. Eu amava-a, à mulher do meu sonho. E eu e ela estamos ambos mortos!

Um sonho! Como pode ser um sonho, quando mergulhou uma vida real numa dor inconsolável, quando tirou valor e sentido a tudo aquilo por que vivi e que amei.

Mesmo até ao momento em que ela foi morta acreditei que ainda tínhamos uma hipótese de escapar – disse. – Durante toda a noite e manhã em que atravessámos o mar de Capri até Salerno, falámos em fugir. Estávamos cheios de uma esperança que se colou a nós até ao fim, esperança na vida que havíamos de ter juntos, longe de tudo aquilo, longe da batalha e da luta, das paixões loucas e vãs, do “farás” e “não farás” arbitrário daquele mundo. Estávamos numa exaltação, como se a nossa demanda fosse uma coisa sagrada, como se o amor de um pelo outro fosse uma missão...

Mesmo quando vimos do barco o rosto formoso do grande rochedo de Capri – já rasgado e ferido pelas plataformas dos canhões e esconderijos que a iriam transformar numa fortaleza – não fazíamos ideia da matança iminente, embora a fúria dos preparativos pairasse em torno, na fumaça e nas nuvens de poeira em inúmeros pontos no cinzento da rocha; só que eu fiz disso tema de conversa e fui falando. Lá estava a rocha, ainda bela apesar de todas as cicatrizes, com as suas inúmeras janelas, arcos e caminhos, socalco após socalco, por umas centenas de metros, tudo amplamente escavado na pedra cinzenta, interrompido por terraços engrinaldados de vinha e pomares de limoeiros e laranjeiras, renques de piteiras e figueiras-do-inferno e tufos de flor de amendoeira. E de sob a arcada construída sobre a Marina Piccola vinham outros barcos; e ao dobrarmos o cabo e já com terra firme à vista, outra fiadazinha de

barcos aparecia, levados pelo vento na direcção do sudoeste. Em pouco tempo uma multidão aparecera, os mais distantes apenas pontinhos azul-ultramarino na sombra da falésia leste.

“É o amor e a razão”, disse eu, “a fugir de toda esta loucura da guerra.”

E embora daí a pouco víssemos uma esquadilha de aeroplanos cruzando o sul, não nos preocupámos. Ali estava – uma linha de pontinhos no céu – e logo outros, pintalgando o horizonte a sudeste, e mais ainda, até essa região do céu ficar pontilhada de manchas azuis. Num momento pareciam finos tracinhos azuis, depois um, seguido de uma multidão, virava de chapa para o sol, e tornavam-se em súbitas faíscas. Apareciam, ascendiam e caíam, crescendo, como um bando enorme de gaivotas, corvelos ou pássaros do género, movendo-se em maravilhosa uniformidade, e sempre que se aproximavam espalhavam-se por uma maior extensão de céu. A ala sul lançou-se numa nuvem em forma de flecha cruzando o sol. E então, de repente, viraram para leste e deslizaram nessa direcção, cada vez mais pequenos e ténues até desaparecerem do céu. E a seguir reparámos para norte, nas máquinas de guerra de Evesham, muito altas, pairando sobre Nápoles como uma nuvem de mosquitos ao entardecer.

Parecia não ter mais que ver connosco do que um bando de pássaros.

Até o ressoar das armas ao longe, para sudeste, parecia nada significar para nós...

Em cada dia, em cada sonho que se seguiu, continuávamos na mesma exaltação, ainda em busca do refúgio onde pudéssemos viver e amar-nos. A fadiga,

a dor e muitas aflições caíram sobre nós. Pois embora estivéssemos cobertos de pó e nódoas da penosa caminhada, meios mortos de fome e horrorizados pelos cadáveres que víamos e com a fuga dos aldeãos — porque logo um surto de combates varreu a península —, com tudo isto a pesar-nos no espírito, o resultado era uma determinação cada vez mais profunda. E que corajosa e paciente ela era! Ela que nunca tinha enfrentado agruras e intempéries mostrava coragem por ela e por mim. Corremos tudo à procura de uma saída, num território que as várias forças beligerantes ocupavam e pilhavam. Íamos sempre a pé. A princípio havia outros fugitivos, mas não nos misturávamos com eles. Uns escapavam-se para norte, outros eram apanhados pela torrente de camponeses que inundava as estradas principais; muitos entregavam-se nas mãos da soldadesca e eram mandados para norte. Muitos homens eram recrutados à força. Mas nós mantivemo-nos ao largo destas coisas; não tínhamos trazido dinheiro para ir subornando uma passagem para o norte, e receei pela minha amada às mãos dessa multidão de alistados. Tínhamos desembarcado em Salerno, e haviam-nos impedido de seguir para Cava, e tentámos atravessar para Taranto por um desfiladeiro no Monte Alburno, mas fomos forçados a voltar para trás por falta de mantimentos, e assim chegámos aos pântanos de Paestum, onde os grandes templos se erguiam solitários. Eu tinha uma vaga ideia que de Paestum seria possível arranjar um barco ou coisa que o valha e fazermo-nos outra vez ao mar. E foi aí que a batalha nos apanhou.

Uma espécie de cegueira apoderou-se-me da alma. Vi claramente que estávamos a ficar cercados; que a

grande teia daquela gigantesca guerra nos tinha nas suas malhas. Muitas vezes víramos as levadas de tropa vindas do norte andando de um lado para o outro, e tínhamo-nos cruzado com elas na montanha, carregando munições e preparando o assentamento dos canhões. Julgámos uma vez que tinham disparado contra nós, tomando-nos por espíões – fosse como fosse, um disparo zunira por cima de nós. Várias vezes nos tínhamos escondido nos bosques, dos aeroplanos que pairavam por cima.

Mas nada disto interessa agora, estas noites de fuga e dor... Estávamos finalmente num espaço aberto perto daqueles grandes templos em Paestum, num lugar pedregoso e vazio salpicado de arbustos espinhosos, um sítio vazio e desolado e tão árido que um renque de eucaliptos ao longe mostrava as raízes descarnadas. É como se estivesse a vê-lo! A minha companheira sentada à sombra de um arbusto, pois sentia-se muito fraca e cansada, e eu de pé vigiando a ver se podia calcular a distância dos disparos, que ora se aproximavam ora se afastavam. É que eles ainda combatiam a distância, com aquelas novas e terríveis armas nunca antes usadas: armas que atingiam mais longe do que a vista alcança e aeroplanos capazes de... do que *eles* seriam capazes ninguém podia prever.

Sabia que estávamos entre os dois exércitos e que eles se iam aproximando um do outro. Sabia que estávamos em perigo e que não podíamos parar para descansar!

Tudo isto estava presente no meu espírito, mas sem eu ter consciência disso. Pareciam questões que não nos diziam respeito. Antes de mais, pensava na minha companheira. Invadia-me uma angústia dolorosa. Pela

primeira vez ela tinha-se dado por vencida e pusera-se a chorar. Ouvia-a soluçar atrás de mim, mas não me voltei para ela, pois sabia que precisava de chorar, tinha aguentado tanto e durante tanto tempo por mim. Era bom, pensei, que ela chorasse e descansasse e depois continuaríamos, pois eu não fazia a menor ideia do que estava quase a acontecer. Ainda agora parece que estou a vê-la sentada, os lindos cabelos sobre os ombros, e as faces a ficarem cavadas.

“Se nos tivéssemos separado”, disse ela, “se te tivesse deixado ir...”

“Não”, disse eu. “Mesmo agora, não me arrependo. Não me arrependerei; fiz a minha escolha, e continuarei até ao fim.”

E então...

No céu, por cima de nós, houve um clarão e uma explosão, e por todo o lado à nossa volta ouvi balas fazendo um barulho semelhante ao súbito arremessar de uma mão-cheia de ervilhas. Lascavam as pedras à nossa volta, faziam rodopiar fragmentos de tijolo e seguiam...

Levou a mão à boca e depois humedeceu os lábios.

– Com o clarão eu tinha-me voltado... Sabe... ela levantou-se... Levantou-se e deu um passo na minha direcção...

Como se quisesse alcançar-me...

Uma bala atravessara-lhe o coração.

Parou, e olhou-me fixamente. Senti toda aquela incapacidade absurda que um inglês sente em ocasiões destas. Por instantes o meu olhar cruzou-se com o dele,

e depois desviei-o para olhar pela janela. Durante muito tempo mantivemo-nos em silêncio. Quando finalmente olhei para ele estava encostado no seu canto, de braços cruzados e os dentes cravados nos nós dos dedos.

De repente mordeu uma unha e ficou a olhá-la.

– Levei-a nos braços – disse – até aos templos... como se isso tivesse importância. Nem sei porquê. Pareciam uma espécie de santuário, não é? E já ali estavam há tanto tempo...

Deve ter tido morte quase imediata. Mas... falei com ela... todo o caminho.

Outro silêncio.

– Vi esses templos – disse eu subitamente, e na verdade ele tinha-me feito recordar de forma muito nítida essas arcadas de arenito gasto, serenas e iluminadas pelo sol.

– Fui para o maior, o de pedra morena. Sentei-me numa coluna caída e segurei-a nos braços... calado depois do que lhe murmurara antes. E pouco depois as lagartixas saíram, correndo por ali de novo, como se não se passasse nada de anormal, como se nada tivesse mudado... Estava tudo terrivelmente silencioso, o sol alto e as sombras paradas, até as sombras das ervas por cima do frontão estavam paradas – apesar dos estrondos e detonações que enchiam os céus.

Se bem me lembro os aeroplanos vinham do sul e a batalha dirigia-se para o oeste. Um aeroplano foi atingido, voltou-se e caiu. Lembro-me disso – embora não me interessasse nada. Não parecia ter importância. Parecia uma gaivota ferida, sabe... batendo as asas por algum tempo na água. Conseguia vê-lo pela nave do templo – uma coisa negra na água muito azul.

Por três ou quatro vezes rebentaram bombas pela praia, depois tudo parou. De todas as vezes as lagartixas corriam a esconder-se por instantes. Não houve mais danos, excepto uma vez uma bala perdida que fendeu a pedra ali perto – apenas abriu uma nova superfície brilhante.

À medida que as sombras se alongavam o silêncio parecia maior.

O curioso – observou, como quem está a ter uma conversa banal – é que eu não *pensava*... absolutamente em nada. Estava sentado com ela nos braços, no meio das pedras, numa espécie de letargia, paralisado.

E não me lembro de acordar. Não me lembro de me vestir naquele dia. Sei que dei por mim no escritório com todas as cartas abertas à minha frente e como fiquei surpreso pelo absurdo de estar ali, vendo que na realidade estava sentado, atordoado, naquele templo em Paestum com uma mulher morta nos braços. Li as cartas maquinalmente. Esqueci-me do que tratavam.

Calou-se e seguiu-se um grande silêncio.

De repente apercebi-me de que descíamos a encosta de Chalk Farm para Euston. Espantou-me como o tempo passara. Ataquei-o com uma questão brusca, do género “Agora ou nunca”:

– E voltou a sonhar?

– Voltei.

Parecia querer obrigar-se a concluir. Falou muito baixo.

– Só mais uma vez, e como se fosse só por um momento. Parecia ter acordado de repente de uma profunda apatia, ter endireitado o tronco, e o corpo estava ali ao meu lado sobre as pedras. Um corpo

descarnado. Não era ela, sabe? Tão depressa... não era ela...

Devo ter ouvido vozes. Não sei. Só tinha a certeza de que se aproximavam homens daquele ermo e que isso era a última afronta.

Levantei-me e dei uns passos pelo templo, e então apareceram primeiro um homem de rosto amarelo, com uma farda branco sujo debruada a azul, e depois vários que treparam ao alto da velha muralha da cidade desaparecida, aí se agachando. Lá se mantiveram, de armas na mão, figurinhas brilhando ao sol, perscrutando cautelosamente o terreno.

E mais longe vi outros, e depois mais ainda, noutra ponta da muralha. Era uma longa fila irregular de homens, aparentemente desordenada.

Pouco depois o homem que eu vira primeiro levantou-se e gritou uma ordem, e os seus homens vieram pela muralha abaixo, atravessando o matagal até ao templo. Ele desceu com eles, chefiando-os. Caminhava na minha direcção, e quando me viu parou.

A princípio observara estes homens com mera curiosidade, mas quando vi que tencionavam vir para o templo senti-me impellido a proibir-lho. Gritei ao oficial:

“Não devem entrar aqui”, gritei, “*eu* estou aqui. Estou aqui com a minha morta.”

Ele fixou-me, e depois gritou-me uma pergunta numa língua desconhecida.

Eu repeti o que dissera.

Ele gritou de novo, e eu cruzei os braços e fiquei imóvel. A seguir ele falou para os seus homens e avançou. Vinha de espada na mão.

Fiz-lhe sinal de que se mantivesse afastado, mas ele continuou a avançar. Disse-lhe mais uma vez, muito paciente e claramente:

“Não devem vir para aqui. Estes templos são antigos e eu estou aqui com a minha morta.”

Pouco depois estava já tão perto que lhe podia ver as feições com clareza. Era um rosto estreito, com olhos cinzentos sem brilho, e um bigode preto. Tinha uma cicatriz no lábio superior, estava sujo e com a barba por fazer. Continuava a gritar frases ininteligíveis, talvez a interrogar-me.

Agora compreendo que ele estava com medo de mim, mas na altura isso não me ocorreu. Enquanto tentava explicar-lhe a situação, interrompeu-me com um tom imperioso, mandando-me afastar, suponho.

Tentou passar adiante, e eu agarrei-o.

Vi o rosto dele alterar-se ao sentir-me tocá-lo.

“Louco! Não percebes! Está morta!”

Recuou. Lançou-me uns olhos cruéis. Vi neles como que uma resolução triunfante... de prazer. Então, de repente, de sobrolho carregado, recuou a espada – *assim* – e arremeteu.

Parou abruptamente.

Apercebi-me da mudança de ritmo do comboio. Os freios começaram a fazer-se ouvir e a carruagem rangeu e abanou. O mundo do presente teimava em afirmar-se, tornava-se clamoroso. Vi pela janela embaciada enormes luzes eléctricas cortando o nevoeiro do alto dos seus postes, vi filas de vagões vazios, parados, a passar diante; e a seguir foi uma guarita de sinais a passar, erguendo a constelação de luzinhas verdes e vermelhas no crepúsculo londrino. Olhei de novo as suas feições crispadas.

– Ele atravessou-me o coração. Foi uma espécie de espanto – nem medo, nem dor – apenas estupefacção, o senti-la perfurar-me, sentir a espada entrar pelo meu corpo dentro. E não doeu, sabe? Não doeu nada.

As luzes amarelas do cais apareceram no meu campo de visão, passando primeiro depressa, depois devagar, acabando por parar com um solavanco. Lá fora, sombras vagas de homens passavam de um lado para o outro.

“Euston!”, gritou uma voz.

– Quer dizer que...?

– Não houve dor, picada ou aguilhoada. Espanto e depois escuridão cobrindo tudo. A cara inflamada e brutal diante de mim, o rosto do homem que me tinha matado pareceu afastar-se. Esfumou-se.

“Euston!”, bradavam as vozes no exterior.
“Euston!”

A porta da carruagem abriu-se deixando entrar uma torrente de som, e um carregador fitava-nos. Chegavam-me aos ouvidos o som das portas que batiam, o dos cascos dos cavalos dos fiacres, e em fundo o fragor difuso e longínquo do empedrado de Londres. Um vagão cheio de lanternas acesas enchia o cais de luz.

– Uma escuridão, um dilúvio de trevas que se espalhou, tapando tudo.

– Não tem bagagem, cavalheiro? – disse o carregador.

– E acabou assim? – perguntei.

Pareceu hesitar. Depois, quase imperceptivelmente, respondeu:

– Não.

– Quer dizer que...

– Não consegui ir ter com ela. Ela estava no outro lado do templo... e depois...

– Sim? – Insisti. – E...?

– Pesadelos – gritou. – E que pesadelos! Meu Deus! Pássaros enormes que lutavam e se dilaceravam.

Zhang Tianyi

O senhor Hua Wei

Tradução de Rosa Vieira de Almeida

Zhang Tianyi, pseudónimo de Zhang Yuanding, nasceu em Nanjing em 1906, tendo-se depois mudado para Pequim onde viveu grande parte da sua vida e onde veio a morrer em 1985. Depois de ter desistido do curso na Universidade de Pequim, trabalhou como jornalista e professor em Hangzhou e Xangai. Como outros escritores da sua geração, Zhang Tianyi é herdeiro do Movimento 4 de Maio que veio a revolucionar a literatura chinesa, transformando uma literatura clássica de elite intelectual numa literatura moderna dirigida às massas urbanas. Em 1931, adere à União Chinesa de Escritores de Esquerda e inicia a época mais prolífica da sua carreira. Com sentido de humor e ironia, Zhang Tianyi ridiculariza a burguesia e os intelectuais – no fundo, as pessoas que liam os seus contos. Zhang Tianyi escreveu extensivamente sobre literatura moderna até à implantação da Nova China em 1949, ano a partir do qual se passou a dedicar exclusivamente à literatura infantil. Na década de 50, foi também editor da revista *Literatura do Povo* e de outras publicações literárias. O conto *O Senhor Hua Wei* foi escrito em 1937, ano em que o Partido Comunista Chinês e o Kuomintang criavam uma aliança nacional de resistência à invasão japonesa e ficou na história da literatura chinesa moderna como um dos contos mais importantes desta época.

Depois de muito pensar, acho que posso considerá-lo meu parente. Tratava-o por “Senhor Hua Wei”. Ele achava que este tratamento não era o melhor.

– Realmente, Irmão Tianyi! – dizia ele. – Porquê esta insistência nisso de “senhor”? Devias tratar-me por Irmão Wei ou mesmo por Ah-Wei.¹

Resolvido o problema, pôs o chapéu e disse: “Irmão Tianyi, adiamos a conversa para outra altura. Sempre quis conversar longas horas contigo mas nunca tenho tempo para nada. Hoje, o Director Liu fez uma proposta de horário pós-laboral para autarcas, insistiu que eu fosse lá dar a minha opinião e que o ajudasse a fazer uma revisão. Às três ainda tenho que ir a uma assembleia.”

Dito isto, abanou a cabeça e esboçou um sorriso forçado. Contou que não tinha medo das dificuldades e que aliás, nesta altura da Guerra de Resistência contra o Japão, todos tinham que sofrer algumas amarguras.

No entanto, seria sempre preciso organizar o seu tempo.

– O Comissário Wang também já mandou um terceiro telegrama, insistindo que vá de visita a Hankou, mas como é que me consigo despachar a tempo? Céus!

Com isto, deu-me um aperto de mão apressado e entrou no seu riquexó privado.

Carregava sempre a pasta de cabedal debaixo do braço e uma velha bengala preta já muito polida. No anelar da mão esquerda usava a aliança. Quando fumava, punha o charuto entre o anelar, ligeiramente curvado, e o dedo mindinho muito direito e hirtó, formando a imagem duma orquídea.

Nesta cidade, nenhum dos riquexós normais corria; andavam lentamente, arrastando os pés como quem dá um passeio depois de comer. Mas os riquexós privados eram a excepção. Ding ding, ding ding, ding ding! Num instante abriam caminho e metiam-se à frente dos outros. Os outros riquexós encostavam imediatamente à esquerda, as rodas derrapavam, as varas de transporte de mercadorias eram logo atiradas para a berma. As pessoas refugiavam-se apressadamente nas lojas ao longo dos dois lados da estrada.

As campainhas dos riquexós privados tocavam intermitentemente. As ferragens reluziam, brilhantes. Mal havia tempo para os olhar com cuidado – eles já iam muito longe, muito longe, velozes como relâmpagos.

E no entanto, de acordo com as estatísticas fornecidas por alguns altos funcionários da Guerra da Resistência, o riquexó mais rápido era o do Senhor Hua Wei.

Tinha sempre pouco tempo. Disse ele uma vez: “Se eu pudesse abolir este sistema de ter que dormir à noite... Quem me dera que o dia tivesse mais de 24 horas.

O trabalho para a luta de salvação nacional é realmente imenso.”

Tirou o relógio do bolso e viu as horas, os músculos da sua cara rechonchuda contraíram-se de imediato. Franziu as sobrancelhas, cerrou os lábios, como se estivesse a concentrar todas as suas energias na cara. Partiu imediatamente: tinha uma reunião na Associação de Apoio aos Refugiados.

Como sempre, as pessoas da assembleia estavam todas sentadas à sua espera. Saiu do riquexó à porta e pisou, por acaso, a campainha de pé – Ding!

Os camaradas voltaram-se uns para os outros: “Ah, foi o Senhor Hua Wei que chegou.” Uns respiraram fundo; outros fizeram um carão enquanto olhavam para a porta. Outro ainda, cerrando os punhos, parecia preparar-se para a pancada.

A atitude do Senhor Hua Wei era solene; entrou na sala com passos lentos, a anterior agitação parecia ter sido eliminada pela gravidade do momento. Parou à entrada, por breves instantes, para que todos o pudessem ver bem, de modo a inspirar confiança nos camaradas e a dar a garantia de que, agora sim, podiam estar descansados pois tudo se resolveria. Abanou a cabeça. O seu olhar não se dirigia a ninguém em particular, olhava para o tecto, numa espécie de cumprimento colectivo.

A assembleia estava silenciosa. A reunião ia começar. Alguém remexia em folhas, ouvia-se um restolhar de papéis.

Sentou-se cerimoniosamente num canto afastado, longe do lugar do Presidente da Mesa. Mostrou-se relutante em presidir à reunião.

– Não posso presidir – disse, gesticulando com o cigarro. – A Associação de Trabalhadores para a Salvação Nacional reúne hoje a Comissão Executiva. Hoje ainda há a conferência da Sociedade de Estudos de Arte e Literatura Popular. Daqui a pouco, ainda tenho que ir à reunião do Grupo de Trabalho de Apoio aos Soldados Feridos em Combate. Como sabem, tenho muito que fazer e só cá posso ficar dez minutos. Não posso presidir, proponho que seja o Camarada Liu a presidir.

Ao dizer isto, os cantos da sua boca levantaram-se num ligeiro sorriso e bateu palmas.

Durante a apresentação do relatório do Presidente da Mesa, o Senhor Hua Wei não parou de riscar fósforos, tentando acender o charuto. Colocou o relógio à sua frente, não parando de olhar para ele e de fazer contas de cabeça.

– Quero fazer um proposta! – disse em voz alta. – O nosso tempo é precioso: gostava que o Presidente da Mesa encurtasse um pouco a sua intervenção. Gostava que o Presidente da Mesa acabasse a sua intervenção dentro de dois minutos.

Passados os dois minutos, durante os quais não parou de acender fósforos, levantou-se abruptamente. Acenou com a mão para o Presidente da Mesa que ainda falava.

– Pronto, pronto. Embora o Presidente da Mesa ainda não tenha acabado a sua intervenção, eu já percebi. Ainda tenho que ir a outra reunião, deixem-me apenas fazer umas propostas.

Parou por um instante, deu duas baforadas no charuto e passou os olhos pelas pessoas em volta.

– A minha opinião é simples, posso resumi-la em dois pontos. – Passando a língua pelos lábios, continuou:

– Nenhum dos camaradas pode empatar trabalho. Pelo contrário, todos têm que acelerar o passo. Creio que não tenho de me alongar neste ponto, são todos jovens empenhados, sei que todos conseguem trabalhar bem. Agradeço-vos imenso. No entanto, ainda há uma coisa que nunca pode ser esquecida, este é o segundo ponto sobre o qual quero falar.

Deu mais duas baforadas no charuto, mas da boca dele apenas saiu ar quente. Acendeu novo fósforo.

– O segundo ponto é este: os jovens trabalhadores só podem aceitar um centro de liderança. Submetendo-se a uma única liderança, podem fortalecer-se, unir-se. Só mesmo com um único centro de liderança é que a luta de salvação nacional pode avançar. Os jovens, empenhados e entusiasmados por natureza, enganam-se muitas vezes por falta de conhecimento e de experiência de trabalho. Sem uma liderança superior, as tarefas acabam frequentemente mal feitas.

Olhando para as caras à sua volta, os músculos contraíram-se numa espécie de sorriso. Continuou: “São todos jovens camaradas, por isso vou ser franco convosco sem mais rodeios. Trabalhamos todos para a luta de salvação nacional, não temos que fazer cerimónia uns com os outros. Tenho a certeza de que cada um de vocês, jovens camaradas, aceitará as minhas sugestões. Muito obrigado. Bom, peço muitas desculpas, mas tenho que me pôr a caminho.”

Já de chapéu na cabeça e pasta debaixo do braço, olhou para o tecto e despediu-se com um aceno de cabeça; espetou a barriga e saiu.

Chegado à porta, lembrou-se de qualquer coisa. Empurrou o Presidente da Mesa para o lado e pergun-

tou-lhe em voz baixa: “Quanto ao vosso trabalho... têm surgido dificuldades?”

– Ainda agora no meu relatório levantei essa questão, nós...

O Senhor Hua Wei espetou o indicador no peito do Presidente da Mesa: “Sim, sim, sim. Eu sei, eu sei. Agora não tenho tempo para discutir essa questão. Depois, quando tiverem um plano de trabalho, podem vir a minha casa consultar-me.”

O jovem de cabelo comprido que estava sentado ao lado do Presidente da Mesa, e que os ouvia atentamente, não resistiu mais e interrompeu: “Na quarta-feira fomos a casa do Senhor Hua três vezes mas o Senhor Hua não estava...”

O Senhor Hua olhou-o friamente e disse, grunhindo: “Pois, tive que tratar de uns assuntos.” Virou-se novamente para o Presidente da Mesa e disse baixinho: “Não estando eu em casa, podem falar com a Miss Huang. A Miss Huang conhece as minhas posições. Ela pode informar-vos.”

Miss Huang era a mulher dele. Quando falava com terceiros, era sempre desta forma que se lhe referia.

Só então é que se foi embora. Chegou pouco depois à conferência da Sociedade de Estudos de Arte e Literatura Popular. Reparou que a reunião já tinha começado e que estava alguém a fazer uma intervenção. Sentou-se, acendeu o charuto e com um ar maçado, bateu as mãos para chamar a atenção.

– Presidente da Mesa! – chamou. – Como hoje ainda tenho outra reunião, não posso esperar pelo fim desta. Tenho umas sugestões que gostava de fazer agora.

Assim, conseguiu transmitir os seus dois pontos de vista: primeiro – disse à assembleia – fazendo todos os

presentes parte dos círculos culturais locais, e sendo o trabalho cultural fundamental deviam cumprir as suas tarefas com todo o empenho. Segundo, todos deviam reconhecer apenas um único centro de liderança, sob o qual se deviam fortalecer e unir.

Às cinco e quarenta e cinco chegou à sala de reuniões da Comissão Executiva da Associação de Trabalhadores para a Salvação Nacional.

Sorridente, acenou com a cabeça a cada um dos presentes.

– Peço as maiores desculpas, peço as maiores desculpas: atrasei-me três quartos de hora.

O Presidente da Mesa sorriu-lhe, e ele respondeu, deitando a língua de fora com um ar maroto. Examinou a sala e sentou-se ao lado de um homem de bigodinho. Com um grave ar de secretismo, perguntou em voz baixa: “Então, ontem embebedaste-te?”

– Nem por isso. Apenas fiquei um pouco zozzo. E tu?

– Eu... Não devia ter bebido três copos de aguardente – Disse ele, muito sério. – Principalmente daquela de Shanxi, não posso mesmo exagerar naquilo. Mas o Director Liu insistia para que bebesse. Ai... mal cheguei a casa, adormeci logo. Ainda por cima, a Miss Huang disse que ia acertar contas com o Director Liu. Quer perguntar-lhe porque é que ele me embebedou. Imagina só!

Dito isto, abriu apressadamente a pasta e tirou uma folha de papel onde escreveu umas palavras e passou-a ao Presidente da Mesa.

– Por favor, espere um momento – o Presidente da Mesa interrompeu a pessoa que estava a intervir. – O

Senhor Hua Wei ainda tem que tratar de outros assuntos. Ele tem umas sugestões para nos dar e vou pedir-lhe que as transmita agora.

O Senhor Hua Wei acenou com a cabeça e levantou-se: “Presidente da Mesa! – Dobrou o corpo numa ligeira vénia. – Meus senhores! – Nova vénia. – Irmãos, antes de mais nada quero pedir que me perdoem, por ter chegado atrasado e por ter ainda de sair mais cedo...”

Deu depois a sua opinião. Explicou que o Conselho Executivo era o órgão principal e que devia, a toda a hora, ser o centro de liderança.

– As massas são complexas. E sobretudo as massas actuais, que contêm certos elementos muitíssimo complexos. É muito, muito perigoso, não exercermos a nossa função de liderança. Qualquer aspecto do trabalho aqui exige um centro de liderança. A nossa responsabilidade é muitíssimo pesada, mas não podemos ter medo das dificuldades, temos que aceitar esta responsabilidade.

Depois de repetir ainda mais uma vez a importância de um centro de liderança, pôs o chapéu e partiu para um banquete. Os seus dias eram assim, sempre ocupados. Tinha que ir tratar de assuntos com o Director Liu. Tinha que ir discursar a escolas. Tinha que reunir com diversas associações. E ao fim do dia, quando não era ele a ser convidado, era ele que convidava pessoas para jantar.

Sempre que me encontrava, a Senhora Hua lamentava a vida difícil do Senhor Hua Wei. “Ai! Ele tem realmente uma vida terrível! Com tanto trabalho, nem tem tempo para comer!”

– Não podia tratar de menos assuntos e concentrar-se apenas num só projecto? – perguntei eu.

– Como é que isso é possível? Há tantos assuntos que exigem a liderança dele.

No entanto, um dia, o Senhor Hua Wei apanhou um grande susto. Algumas mulheres organizaram uma Associação para os Infantários em Tempo de Guerra; e, inacreditavelmente, não o chamaram!

Ele começou então a inquirir, a investigar. Lembrou-se de chamar o responsável. “Sei que já escolheram o comité. Mas acho que podem incluir mais uns elementos.”

Vendo que o outro se mostrava hesitante, ficou de queixo caído: “O problema é este: será que o vosso comité vai conseguir mesmo dirigir o trabalho? Consegue garantir-me que... o vosso comité não tem elementos perigosos? Consegue garantir-me bons resultados, sem erros? Que não vão empatar trabalho? Consegue garantir-me isso? Consegue ou não? Se acha que consegue então peço-lhe que me escreva uma nota para depois, se por acaso... surgirem problemas com o vosso trabalho, então a responsabilidade ser sua.”

Logo depois explicou que embora não fosse uma opinião exclusivamente sua, era ele que a estava a pôr em prática pela primeira vez.

Espetou o indicador no peito do outro: “Se não conseguir garantir-me isto tudo, não estarão vocês a formar uma organização ilegal?”

Depois de duas conversas do género, o Senhor Hua Wei tornou-se membro do Comité da Associação de Infantários em Tempo de Guerra. Quando havia reuniões do Comité, o Senhor Hua Wei aparecia com a pasta debaixo do braço, ficava sentado por uns cinco minutos e depois de dar as suas sugestões, voltava a meter-se a caminho, novamente no seu riquexó privado.

Um dia convidou-me para jantar. Tinham-lhe trazido umas carnes secas da terra.

Quando cheguei a casa dele, estava a zangar-se com uns rapazes que pareciam estudantes.

– Porque é que ontem não apareceram? Porque é que não apareceram? – rosnava. – Eu pedi-vos para aparecerem lá com mais gente. Mas quando subi ao palco e comecei a discursar, nem vocês lá estavam! Continuo sem perceber onde é que andaram!

– Ontem fomos a uma reunião do recém-organizado Grupo de Leitura para Refugiados.

O Senhor Hua Wei deu um grande salto.

– O quê?! O quê?! O recém-organizado Grupo de Leitura para Refugiados? Como é que eu não sabia disso? Porque é que não me disseram?

– Decidimos isto entre nós, no outro dia. Eu vim ter com o Senhor Hua, mas o Senhor Hua não estava em casa...

– Ora vejam!.. Então agora estão com manobras secretas! – Fitando um deles: – Diz-me sinceramente, o que é que está por detrás deste Grupo de Leitura para Refugiados? Conta-me a verdade!

O outro começou a ficar chateado: “Qual quê! Somos todos chineses! Foi uma resolução passada na reunião de serviço, não há nenhuma manobra secreta. O Senhor Hua não foi à reunião, ou se foi não ficou até ao fim; vim à sua procura e não o encontrei... não podemos estar sempre a adiar trabalho.”

O Senhor Hua Wei atirou o charuto ao chão e deu um murro furioso na mesa – Dong!

– Cabrão! – gritou, cerrando os dentes e com os lábios a tremer. – Tenham muito cuidado! Vocês, hum!

Vocês, vocês! ... – Atirou-se para cima do sofá, a boca contraída num esgar de dor. – Merda! Isto, isto... vocês jovens! ...

Cinco minutos depois, levantou a cabeça, olhou a sala de alto a baixo, como que assustado. As visitas já tinham saído.

Ele suspirou fundo: “Ai, olha só, olha só. Vê-me só isto Irmão Tianyi! Os jovens hoje em dia são assim, os jovens de hoje!”

Nessa noite, desesperado, bebeu muito vinho – ainda grunhindo contra os miúdos. Partiu uma chávena de chá. Quando Miss Huang o meteu na cama, ele disse, arrepiado: “Amanhã às dez horas tenho uma reunião...”

¹ Note-se que os nomes chineses são compostos por apelido (uma sílaba ou, em raros casos, duas sílabas) + nome próprio (uma ou duas sílabas). “Irmão” + nome próprio é uma forma de tratamento comum entre amigos e/ou homens da mesma família. “Ah” + nome próprio é um tratamento ainda mais familiar especialmente usado entre amigos e pessoas da mesma idade. Nestes casos, tanto “irmão” como “ah” fazem parte do nome, pelo que se optou pelas maiúsculas em português.

Jane Bowles

Aldeia das Cataratas

Tradução de João Paulo Moreira

Jane Bowles (1917-1973), Jane Auer de solteira, nasceu em Nova Iorque e cresceu na zona de Long Island; ainda adolescente, sofreu de tuberculose óssea e esteve internada num sanatório suíço vários meses. Aos vinte e um anos casou com o escritor Paul Bowles e seguiram para o Panamá, que seria o cenário do único romance de Jane, *Two Serious Ladies*, publicado em 1943 (traduzido em Português, 1987). O marido mudou-se para Tânger e Jane juntou-se-lhe passado um ano. Ao todo, a obra de Jane Bowles é constituída por um romance, uma peça de teatro (levada à cena em 1954) e seis contos longos. *Camp Cataract*, o texto que agora traduzimos, foi publicado na *Harper's Bazaar* em Setembro de 1949 e é talvez o conto mais representativo do universo absolutamente singular de Jane Bowles.

Beryl bateu à porta da cabana de Harriet e recebeu autorização para entrar. Encontrou a amiga sentada perto da janela, segurando na mão uma carta aberta.

– Boa tarde, Beryl – disse Harriet. – Estava aqui a ler uma carta da minha irmã. – O rosto delicado, de mulher solteira e só, tinha uma expressão reservada e, no entanto, ligeiramente histérica.

Beryl, a criada loura e entroncada, de olhar obstinado, tinha ganho a Harriet uma afeição ferrenha, vindo sentar-se na cabana sempre que dispunha de uns minutos livres. Na presença de Harriet raramente falava, nem era pessoa de prestar muita atenção.

– Vou ler o que ela diz; senta-te aí. – Harriet apontou uma cadeira de espaldar e Beryl arrastou-a para um canto, onde se sentou. A cadeira rangeu ao peso do corpo robusto.

– Espero não rebentar com a cadeira – disse Beryl corando descontroladamente e afundando as mãos nos

bolsos da bata de xadrez que costumava vestir quando não estava de serviço.

“Querida irmã – leu Harriet. – Ainda estás na Aldeia das Cataratas, a visitar as quedas-d’água e a desfrutar delas. Quero sempre que te divirtas. Esta é a quinta semana que estás fora. Presumo que continuas a pôr-te atrás das quedas, e que assim te divertes muito, como me disseste que faziam todos os hóspedes. Julgo que me disseste que só as pessoas que não pernoitam têm de pagar para passar por trás das quedas-d’água... vais ficar dez semanas... aproveita, querida. Por cá está tudo exactamente como quando te foste. O apartamento não muda. Tenho uma coisa de que te quero falar, mas primeiro deixa-me dizer que, se te derem os nervos, porque não vens para casa antes que fiques incapaz para fazer a viagem de comboio? Não estás livre de que te aconteça. Pergunto-me, claro, o que sentes tu pelo apartamento quando estás junto das quedas-d’água. Também quero que atentes nisto. O saberes que tens um apartamento e uma família que te acarinha deve fazer com que a Aldeia das Cataratas seja um lugar muito diferente do que seria se fosse o único lar e o único carinho que tivesses. Deve haver desgraçados assim, por aí. Se os vires, vê se lhes dás carinho, porque são eles as almas perdidas deste mundo. Eu receio os nómadas. Tenho receio deles e tenho receio por eles. Não sei o que faria se algum dos meus entes queridos fosse tomado por um forte anseio de errância. Cabe-nos estimar aqueles que, por vontade de Deus, são entregues em nossas mãos. Primeiro que tudo estão os membros da família, e por isso o melhor é viver na maior proximidade possível. Dirás talvez: – A Sadie é uma

antiquada; não quer que as pessoas vivam sozinhas. Não sou antiquada, mas também não quero que nenhuma de nós se torne nómada. Não é alargando o nosso círculo que enriquecemos o espírito, mas sim olhando pelos nossos. Quando te vais, fico com medo por tua causa. Ponho-me a pensar que terás sido tomada pelo anseio de errância e que não te lembras muito do apartamento. Principalmente com esta viagem... mas depois vejo logo que isso não pode ser verdade e que só os meus nervos é que me fazem pensar essas coisas. Está tanto calor lá fora. Este Verão tem ultrapassado todos os recordes. Lembra-te que o apartamento não é só uma fila de quartos. É a prova material de que os nossos espíritos se casam de tal maneira que não há senão um único e santo telhado por sobre as nossas cabeças. No apartamento somos só as três ligadas pelo sangue, mas o Bert Hoffer juntou-se às três pelos canais normais do casamento, também eles sagrados. Eu sei que também sentes o mesmo e que os meus nervos é que me levam a pensar que a Aldeia das Cataratas poderá mudar alguma coisa. Deixa que te lembre ainda que, se esta família é uma grinalda, tu és a flor do meio; pelo menos para mim, és. É provável que agora o amor da Evy vá mais para o Bert Hoffer por ser marido, o que é natural. Quem dera que eles não pensassem que precisaste de ir para a Aldeia das Cataratas por causa das tuas crises. Não olhei eu sempre por ti quando as tinhas? Nessas ocasiões o Bert levava sempre a Evy para casa dos Hoffers enquanto nós ficávamos, só as duas, com a porta bem fechada à chave para que, com toda a tua agitação, não fugisses para casa de um vizinho a qualquer hora da madrugada. A Evy gostava de ir para casa dos Hoffers

porque eles davam-lhe sempre galinha com *dumplings*, ou então ganso com couve-roxa. Espero que não tenhas encasquetado nessa cabeça que lá por seres uma solteirona tens que ir para um sítio qualquer e estares sozinha. Lembra-te que solteirona também eu sou. Agora tenho que encerrar, mas não estou satisfeita com a minha carta porque muito mais tinha para dizer. Sei que adoras o apartamento e que sentes o mesmo que eu. Simplesmente estás a viver o entusiasmo próprio do turista, como todos nós, por estares aí instalada numa cabana. Conto os dias que faltam para o teu feliz regresso. Com todo o afecto da tua irmã, Sadie.”

Harriet dobrou a carta.

– A minha irmã Sadie – disse ela a Beryl – adora a segurança.

– Bem catita – disse Beryl, como se Harriet se lhe estivesse a referir pela primeira vez, o que seguramente não era o caso.

– É coisa que para mim não tem valor nenhum – anunciou Harriet num tom sentencioso. – Nenhum. Para dizer a verdade, admiro imenso os nómadas, os vagabundos, os ciganos, os homens que cruzam os mares. A esses tiro-lhes o chapéu; e aos profetas antigos que vagueavam pelo mundo, já agora também, e à maioria dos visionários. – Cruzou as mãos no regaço, com um ar de satisfação. De seguida, pigarreando como se se preparasse para discursar em público, prosseguiu: – Garanto-te que não dou um chavo por essa coisa de sentir que pertença a uma comunidade... Nem é esse o motivo por que continuo no apartamento... nem por sombras, embora para ela seja uma boa razão... para a Sadie, quero eu dizer; ela adora o espírito comunitário e

adora que estejamos todos no apartamento porque o apartamento faz parte da comunidade. Ela sente um verdadeiro frémido de emoção só de o saber. Mas eu é claro que não sou capaz... nem seria, nunca na vida.

Inclinou a cabeça para trás e semicerrou os olhos. Como é próprio das pessoas dadas a monólogos infundáveis, mal se dava conta do auditório.

– Agora – disse – vejamos se eu, por outro lado, sinto um frémido de emoção com a Aldeia das Cataratas. – Fez uma breve pausa, como se a reflectir sobre esta ideia. – Na verdade não sinto – sentenciou – mas se quiseses poderei tornar mais clara a minha afirmação chamando à Aldeia das Cataratas a minha *casa da árvore*. Lembras-te das casas da árvore, dos teus tempos de juventude... Trepamos para elas quando somos crianças e, uma vez escondidos e a salvo entre a folhagem, fazemos planos para fugir de casa. Gozam de muita popularidade entre a miudagem. E que tal se eu te disser, à queima-roupa, que sou uma mulher extremamente original, mas muito superficial também... num certo sentido, *muito* superficial. Tenho medo de dar escândalo. – Harriet endireitou-se mais na cadeira. – Desprezo tudo o que cheire a correria boémia para a liberdade; sei que isto nada tem a ver com as coisas mais importantes da vida... tenho a certeza que há centenas de pessoas que cortam as rédeas e se lançam para a sarjeta; mas eu sou demasiado superficial para tal coisa... sei disso e folgo em sabê-lo. Já a Sadie, por outro lado, passa o dia todo a cozinhar e a limpar e no entanto leva a vida dela tão a sério como o faria com uma religião... a mim e ao apartamento e aos Hoffers. Quando digo os Hoffers, refiro-me à minha irmã Evy e àquele porco do marido

dela, o Bert. – Harriet fez um esgar. – Sou a única pessoa de bom gosto na família mas nunca dei opinião sobre sequer um candeeiro para o apartamento. Não me rebaixava a ponto de me imiscuir. Mas já me recuso a lançar-me numa correria estapafúrdia para a liberdade. Recuso-me a ser conhecida como “Harriet, a irmã destravada da Sadie”. Há, a meu ver, qualquer coisa de intensamente repugnante nas mulheres que, não sendo casadas, se abalançam por aí sozinhas ... uma atitude muito superficial também. É de perguntar como pode uma mulher ser superficial e ao mesmo tempo sabê-lo, mas em verdade essa é a tragédia de qualquer um de nós, a partir do momento em que se deixa manietar. Fez uma breve pausa, fitando a escuridão com uma luz feroz no olhar. – Voltemos pois à Aldeia das Cataratas – disse, com renovado vigor. – Os pinhais, as canoas, a pureza borbulhante da água do ribeiro e da cascata ... as cabanas... os *marshmallows*... a clientela respeitável.

– Alguma vez pensou em trabalhar numa garagem?
– disparou Beryl de súbito, logo ruborizando de novo com o som da sua própria voz.

– Não – respondeu Harriet com rispidez. Porque havia eu de pensar?

Beryl mudou de posição na cadeira.

– Bem – disse – eu cá acho que havia de gostar mais desse trabalho do que de servir às mesas. Ainda para mais se pudesse ser patrão e ter uma garagem minha. Mas é difícil, para uma mulher.

Harriet fitou-a em silêncio.

– Achas que a Aldeia das Cataratas cheira a sarjeta?
– perguntou ao cabo de um minuto.

– Não, senhor... – Beryl abanou a cabeça com ar sóbrio.

– Então pronto, aí tens. É óbvio que mais longe da sarjeta do que isto não se pode estar. Qualquer patarata vê isso. O meu plano é extremamente complicado e, do meu ponto de vista, assaz brilhante. Primeiro venho para cá durante vários anos... ainda não sei exactamente quantos, mas os suficientes para imitar raízes... quero eu com isto dizer, para imitar as naturais raízes familiares da infância... os suficientes para eu própria sentir: “A Aldeia das Cataratas é um *hábito*, a Aldeia das Cataratas é vida, a Aldeia das Cataratas não é uma fuga.” A fuga é imprópria de uma senhora, o hábito não. À medida que me for afastando do meio do meu círculo familiar e me for estabelecendo de uma forma cada vez mais firme na Aldeia das Cataratas, poderei então, um dia no futuro, começar a fazer a partir daqui as minhas surtidas para o mundo exterior sem que quase se note. Não haverá nisso, para o observador, nada que se assemelhe a uma fuga impetuosa e vil. Tenciono alugar a mesma cabana todos os anos e deixar-me ficar um pouco mais tempo de cada vez. Entretanto aprendo imenso sobre árvores, flores e arbustos... a natureza interessa-me.

– Calou-se por alguns instantes. – Foi também uma sorte – acrescentou – o médico ter aprovado a ideia de eu me afastar da família durante alguns meses por ano. É um patarata, e nem por sombras desconfia do calibre desta minha maquinação, nem de como ele nela encaixa na perfeição... o facto é que até sancionou o meu pedido de que ninguém me viesse visitar aqui no aldeamento. Receio que se a Sadie me visitasse, e ela é a única a quem tal poderia ocorrer, não vejo como conseguiria

evitar uma zanga, e aí era bem provável que me desse um ataque. Os ataques são desagradáveis; fico muito mais nervosa do que é meu costume, e há alguns momentos em que perco completamente a noção de tudo. – Harriet olhou Beryl de soslaio, para ver como ela reagia a esta última informação, mas o rosto de Beryl permaneceu impassível.

– Estás então a ver o meu plano – continuou, num tom descontraído e espontâneo – complicado, um tanto excêntrico e totalmente original... mas é que eu sou mesmo uma pessoa original... ao contrário das minhas irmãs... por estranho que pareça, nem parece que pertenço socialmente à mesma classe das minhas irmãs. Sou, de algum modo – e hesitando durante um segundo –, uma pessoa mais actual.

Harriet olhou pela janela. A noite caíra enquanto desfiara o seu monólogo, e via uma luz acesa na cabana ao lado da sua.

– Achas-me cobarde? – perguntou a Beryl.

A criada despertou, num sobressalto, do seu torpor. Por sorte, o cérebro também tinha dado conta da pergunta de Harriet.

– Não, senhora – respondeu. – Se fosse, não se metia a andar sozinha de canoa por estes rios abaixo e acima, com esses rápidos medonhos que por aí há...

Harriet mexeu-se com impaciência. Sentia um desejo súbito e incontrollável de estar só.

– Adeus – disse com brusquidão. – Não vou jantar. Beryl ergueu-se da cadeira.

– Guardo-lhe qualquer coisa para o caso de ter fome depois de a sala de jantar fechar. Vou ficar pela pousada até à hora de deitar, como é meu costume. – Harriet

acenou com a cabeça e a criada saiu da cabana, fechando com cuidado a porta atrás de si para não fazer barulho.

*

Sadie, irmã de Harriet, era uma mulher de pele morena, de traços indefinidos e olhos tristes. Engordara ligeiramente, agora que estava na meia-idade, e em nada se parecia com Harriet, que era apenas alguns anos mais velha. Desde que escrevera a última carta à irmã, sobre a Aldeia das Cataratas e os nómadas, Sadie vinha padecendo de um crescente sentimento de incerteza – incerteza que trazia consigo, por sua vez, uma curiosa mistura de apreensão e de excitante expectativa. Perdia o apetite de dia para dia, e tornava-se-lhe cada vez mais difícil executar as tarefas domésticas.

Estava ela sentada na sala de estar, fitando com o olhar vazio a mobília nova – duas poltronas enormes de braços volumosos e um sofá no mesmo estilo –, quando disse em voz alta:

– Digo-lhe melhor conversando do que por carta. – A voz saía-lhe de forma automática, e ao ouvir as suas próprias palavras uma onda de alegria incontida inundou-lhe o coração. Foi assim que compreendeu que iria fazer uma pequena viagem até à Aldeia das Cataratas. Muitas vezes tomava decisões importantes desta maneira, como se uma trama preestabelecida lhe estivesse a ser subitamente revelada, uma trama que de imediato tinha que ser ocultada do olhar dos outros porque, para Sadie, se algum problema havia inerente a uma tomada de decisão, ele residia, não na dificuldade de escolher, mas na ocultação da sua escolha. Para ela, o secretismo era a verdadeira absolvição da culpa, e por isso protegia automaticamente todos os seus sentimentos

e impulsos mais profundos do olhar de Evy, de Bert Hoffer e dos restantes membros da família, embora não se interessasse minimamente em entendê-los ou analisá-los ela própria.

O soalho tremeu; reconhecendo os passos de Bert Hoffer, fez um esforço violento para conter o fluxo do sangue nas veias, de maneira a que a força da sua emoção se não lhe reflectisse nas faces. Momentos depois, o cunhado atravessou a sala e instalou-se numa das poltronas. Deixou-se ficar sentado mirando-a de sobrolho carregado largos instantes e sem sequer uma palavra para a cumprimentar, mas Sadie já há muito que se habituara aos seus modos pouco amistosos; isso nem ao princípio a incomodara, porque era tão obsessiva que não se preocupava com pormenores exteriores.

– Maldito veludo – disse ele por fim. – É o material mais quente em que já me sentei.

– No próximo Verão arranjamós capas – sossegou-o Sadie –, com estampado de flores, se quiser. Qual é a sua flor preferida? – perguntou, só para fazer conversa e para impedir que ele centrasse a atenção no seu rosto.

Bert Hoffer fitou-a como se ela tivesse perdido completamente o juízo. Era um homem gordo, de rosto vermelho e cabelo ondulado. Em vez de responder à pergunta, que considerava idiota, limpou a testa com um lenço.

– Vou fazer-lhe um salada de ananás enlatado para o jantar – disse ela, os olhos a luzir para ele. – Numa noite assim, vai saber melhor do que carniça.

– Se vai aprontar salada de ananás para o jantar – respondeu Bert Hoffer de cenho sombrio –, melhor será

telefonar a outro tipo qualquer para que a venha cá comer. E se houver recados para mim encontram-me a comer batatas com carne na Adega do Martie.

– Pensei que como estava com tanto calor... – disse Sadie.

– Eu estava a falar do veludo, não estava? Não disse nada sobre a carne.

Com efeito era um homem muito difícil, principalmente num apartamento pequeno, mas Sadie nunca dera qualquer importância ao facto. Encantava-a cozinhar e limpar para ele e para a irmã Evelyn desde que estes consentissem viver com ela e com Harriet, debaixo do mesmo tecto.

Nesse preciso momento, Evelyn irrompeu energicamente pela sala de estar. Era morena como Sadie, mas as semelhanças paravam aí, pois era de complexão miúda e seca, peito liso, e cabelo escorrido como o de um índio. Olhou com desagrado as mangas de camisa do marido e o avental de Sadie. Trazia um vestido de verão, vincado do ferro-de-engomar e muito decotado, uma escolha infeliz para alguém tão ossudo e com tão má catadura como ela.

– Vocês parecem ambos vestidos mais para a lixeira do que para a sala de jantar – disse-lhes. – Para quê darmos-nos à maçada de ter uma sala de jantar... ou não passa tudo de uma comédia?

– Como foi o escritório hoje? – perguntou Sadie à irmã.

Evelyn olhou para Sadie e semicerrou os olhos num escrutínio mais atento. Os músculos da cara retesaram-se-lhe. Houve um momento de completo silêncio, e Bert Hoffer, assestando um olhar circunspecto na direcção

da mulher, reconheceu o rubor de ameaça que lhe ia nas faces. Sentia-se secretamente satisfeito. Adorava assistir sempre que Evelyn descarregava a fúria em Sadie, mas tentava esconder o contentamento por considerar que não era coisa muito masculina.

– Que se passa contigo? – perguntou finalmente Evelyn, chegando-se a Sadie. – Alguma coisa tu tens, além do avental sujo.

Sadie corou levemente mas nada disse.

– Pareces louca – berrou Evelyn. – Que se passa contigo? Estás com um ar tão tresloucado que quase tenho medo de te pedir que vás fazer um recado à loja. Diz-me o que aconteceu! – Evelyn era muito excitável; no entanto era dotada de uma natureza forte e equilibrada.

– Eu não sou louca – balbuciou Sadie. – Vou tratar do jantar. – Caminhando devagar, afastou Evelyn do caminho e saiu da sala no seu passo pesado.

A mesa de mogno era demasiado larga para a pequena sala rectangular, deixando apenas espaço junto às paredes de topo. Quando havia muitos convidados, sentavam-se alguns primeiro de um lado da sala, sendo depois obrigados a puxar a mesa para si até que a borda lhes comprimisse penosamente os diafragmas, após o que os restantes convivas podiam finalmente deslizar até aos respectivos lugares no lado contrário.

Sadie serviu a comida, mas só Bert Hoffer mostrou algum apetite. Evelyn picou a carne uma ou duas vezes, provou-a, e largou o garfo, que caiu com estardalhaço no prato.

Estivesse a comida mais saborosa, e ela teria guardado o ataque a Sadie para mais tarde, ou teria até, mais provavelmente, acabado por esquecer tudo.

Infelizmente, porém, e não obstante a sua insistência em fazer o papel de dona de casa e nunca permitir que os outros desempenhassem as tarefas domésticas, por mais pequenas que fossem, Sadie era má cozinheira e bastante desleixada nas limpezas. Os molhos saíam-lhe insípidos e cheios de grumos, e por mais de uma vez tinha deixado boas peças de carne cozer de mais por pura indiferença. Apesar da indiferença, era desgovernada e deixava os armários encher-se de comida, a tal ponto que havia sempre alguma que se estragava todas as semanas, empestando muitas vezes a casa de um cheiro desagradável.

De facto, Harriet não tinha a mínima noção da verdadeira natureza de Sadie e caíra na armadilha que a irmã lhe havia instintivamente montado, uma vez que Sadie, para além de usar um avental e de simular os modos de outras donas de casa, não tinha espírito comunitário absolutamente nenhum, como Harriet afirmara à criada Beryl. Por certo que Sadie ansiava viver no mundo de adultos que os pais tinham prescrito para as filhas quando eram crianças, mas apesar de querer viver nesse mundo com Harriet, e por causa de Harriet, ela não o entendia devidamente. Aos seus olhos ele permanecia misterioso, mesmo sendo ela a tratar de toda a lide da casa e de a governar inteiramente sozinha. Nunca iria admitir que vivia no medo permanente de que Harriet partisse, mas fartava-se de cismar em perigos vindos de fora, e mesmo que tentasse lembrar-se, não lhe ocorreria ter vivido um tempo em que esse medo não fosse a mais forte das suas emoções.

Às vezes punha-se-lhe nos olhos uma expressão extática e voraz, como se fosse devorar a sua própria

existência à conta de tanto a amar. Esses arrebatados momentos de gratidão eram talvez a sua única recompensa por viver o que ela, no íntimo, bem sabia ser uma vida em que perpetuamente ia escapando à justa. Apesar de não ser astuta nem artilosa, mas antes profundamente sincera e ingênua, Sadie urdia inconscientemente tramas para manter os Hoffers com elas no apartamento, porque não queria revelar a exclusividade do seu interesse nem a Harriet, nem a si mesma. Além disso, sentia que Harriet acharia mais difícil cortar com os três (uma vez que, enquanto grupo, eles davam a ideia de uma pequena sociedade, o que impressionava bem a irmã) do que escapar dela apenas. Não obstante o seu pavor mortal de que Harriet se fosse sozinha, nunca ponderara a possibilidade de a irmã se casar. Também nisso o seu instinto estava certo: sabia estar a salvo e referia-se com frequência aos “canais normais do casamento”, sempre perfeitamente ciente de que tal relação íntima com um homem seria algo tão desinteressante para Harriet como para si própria.

De um ponto de vista financeiro, este viver comunitário tinha resultados mais que satisfatórios. Cada uma das irmãs herdara alguns bens imobiliários que lhe rendiam uma pequena mensalidade; estas mensalidades, acrescentadas ao contributo que os Hoffers tiravam dos seus salários, dava para cobrir as despesas da vida em comum. Em paga pela quantia que os Hoffers davam para as despesas da casa, Sadie entrava com o seu trabalho, poupando-lhes assim o dinheiro que gastariam contratando uma criada, caso vivessem sozinhos. Uma quarta irmã, cujo casamento se revelara financeiramente mais vantajoso que o de Evy, contribuiria generosamente

para manter Harriet na Aldeia das Cataratas, dado que a mensalidade desta de modo algum bastava para cobrir as despesas correntes do apartamento e ainda pagar umas férias prolongadas.

Nem Sadie nem Bert Hoffer ergueram os olhos quando o garfo de Evy tombou ruidosamente sobre o prato. Sadie estava efectivamente absorvida nos seus próprios pensamentos, ao passo que Bert Hoffer apenas fingia estar, enquanto secretamente se regozijava com o indício inconfundível de que a mulher estava prestes a explodir.

– Quando descobrir por que está a Sadie assim se não é porque vai ficar louca, eu como – anunciou Evelyn secamente, cruzando os braços sobre o peito.

– Eu não sou louca – disse Sadie indistintamente e lançando o olhar para Bert Hoffer, não tanto para apelar à sua compreensão, mas para evitar a perscrutação acutilante da irmã mais nova.

– O perigo de enlouqueceres é grande, por causa da avó e da Harriet – disse Evelyn, zangada. – É por isso que eu me ponho tão nervosa mal tu ficas um pouco alterada, como estás hoje à noite. Não é que fiques com a expressão da Harriet... mas pode também ser que a tua loucura seja diferente... talvez pior. Ela fica bem quando consegue afastar-se e se não há muita confusão à volta... e de qualquer modo é só quando tem as crises. Mas a ti, a ti pode dar-te pior. Pode ser uma coisa constante.

– Eu não vou ficar louca — murmurou Sadie em tom de desculpa.

Evelyn fixou nela o olhar em silêncio e pegou no garfo, mas logo o deixou cair outra vez, voltando-se para a irmã com renovada exasperação.

– Porque não me perguntas por que não hei-de eu ficar louca também? – quis saber. – A Harriet é tanto minha irmã e a avó é tanto minha avó como tua, ou não será assim?

Sadie estava com um olhar distante.

– Se fosses normal – prosseguiu Evelyn – prestavas atenção e respondias-me com argumentos inteligentes. Concordas, Hoffer?

– Concordo, sim – respondeu ele com sobriedade.

Evelyn endireitou-se na cadeira com rigidez.

– Eu sou demasiado igual ao resto das pessoas para ser louca – proclamou com orgulho. – Quando estou no cinema, sinto que estou dentro da norma.

De súbito, a dificuldade técnica de desaparecer sem anunciar a Evelyn os seus planos ocorreu a Sadie, que ergueu completamente por acaso os olhos para a irmã. Estava, obviamente, ciente de que Harriet devia evitar os contactos com a família durante estes meses de férias, a pedido do médico e até da própria Harriet; só que, qual bicho de manada, que continua a pastar apesar de ameaçado com a vara, Sadie seguiu, imperturbável, o curso dos seus pensamentos. Em verdade, não acreditava na loucura de Harriet nem na necessidade das suas visitas à Aldeia das Cataratas, contudo nunca se opunha de uma forma consciente às opiniões das irmãs. A sua atitude mais parecia a de uma criança que, entediada com os problemas dos adultos, os escuta sem lhes dar ouvidos. Como de costume, a sua única e avassaladora preocupação era conseguir dissimular o que realmente sentia, e se a obrigassem a admitir abertamente a existência de um fosso tão grande entre as suas opiniões e as das irmãs, sofreria por isso inconcebíveis tormentos.

Era capaz de viver no meio deles, ouvindo-os, com as orelhas moucas do ouvido externo, a conferenciar uns com os outros (a irmã mais abastada estava também presente nessas ocasiões, assim como o marido), e era até capaz de contribuir com umas migalhas para o sustento de Harriet no aldeamento, sem pôr em causa a validade quer das suas decisões, quer da sua posição totalmente divergente. Graças a um tabu que a si mesma impunha, a consciência de tal fosso era-lhe negada, não tendo nunca reflectido sobre ele.

Harriet fora pela primeira vez para a Aldeia das Cataratas no ano anterior, após um grave acesso de nervos aliado a uma recaída da pleurisia. Tinha sido o próprio médico a sugerir que, em vez de viajar com uma das irmãs, fosse com a mulher e o filho dele. Harriet ficara radiante com a sugestão e Sadie aceitara-a sem qualquer reparo. Não era seu hábito discutir, e de facto não dera qualquer importância à partida de Harriet. Só aos poucos é que tinha começado a escrever a Harriet cartas sobre a Aldeia das Cataratas, os nómadas e o anseio da errância — porque lhe tinha escrito já outras semelhantes à última, mas nunca tão eloquentes nem tão cheias de convicção. Algumas das cartas anteriores afloravam já de leve a ideia, aqui e ali, mas na sua grande parte limitavam-se a relatar factualmente a vida que levava no apartamento durante o Verão. Desde que escrevera esta última carta não conseguira esquecer as suas próprias palavras, maravilhosas e solenes (pois nela a eloquência era rara), e mesmo agora, à mesa do jantar, elas subiam-lhe continuamente à garganta de tal modo que se sentia tomada por um frémito constante e não estava para ocupar a cabeça com a ideia de anunciar a Evelyn que ia partir.

– Será mais fácil escrever um bilhete – disse para consigo. – Faço a mala e saio amanhã à tarde, quando estiverem no trabalho. Podem tratar dos jantares durante uns dias. Talvez deixe feito um grande rolo de carne. – Os olhos brilhavam-lhe como estrelas.

– Leve o meu prato e ponha-o a aquecer, Hoffer – ouviu Evelyn dizer. – Não como nem mais uma garfada até que a Sadie nos diga o que nos espera. Se acha que se está a ir, pode ao menos avisar-nos. Mereço saber o que vai dentro dela... Eu digo-lhe a ela e à Harriet absolutamente tudo o que vai dentro de mim... Não ando pela casa a fazer tudo às escondidas, como um ladrão. Em primeiro lugar, não tenho tempo para andar às escondidas, que eu passo o dia todo no escritório! Será que é a última moda, andar por aí às escondidas e a ocultar da irmã tudo o que é possível? Será? – Fitou Bert Hoffer, arregalando os olhos com fingido espanto. Ele encolheu os ombros.

– Eu não sou de fazer as coisas às escondidas nem sou hipócrita. E você também não, Hoffer, não é hipócrita nenhum. Está é zangado com o mundo, mas não finge que adora o mundo, pois não?

De tão constrangida, Sadie sentia-se tonta. Empalidecera com a alusão de Evy ao facto de se estar a ir, e que ela erradamente entendera como uma referência natural à sua intenção de partir para a Aldeia das Cataratas.

– Só por alguns dias... – tartamudeou confusamente – e daqui a nada volto a estar aqui à mesa.

Evelyn olhou-a com consternação.

– Que história é essa, pores-te agora a anunciar quantos dias vão ser? – gritou à irmã. – Mas que

sacrilégio! Alguma vez na vida se ouviu sacrilégio mais grosseiro? – Voltou-se para Bert Hoffer, com uma expressão de horror estampada no rosto. – Como é que eu posso ir para o escritório toda bem arranjada, asseada e feliz, quando é isto que ouço em casa... quando a minha irmã me vem dizer que só vai ficar louca por alguns dias? Como é que posso ir para o escritório depois disto? Como hei-de ter o aspecto adequado?

– Eu não vou ficar louca – assegurou-lhe Sadie num tom de lamúria, porque apesar de se sentir aliviada por Evelyn não ter, afinal, adivinhado a verdade, não estava na sua natureza rejubilar por algo tão trivial como induzir alguém em erro.

– Acabaste de dizer que ias ficar louca – exclamou Evelyn com exaltação. – Não foi, Bert?

– Foi – respondeu ele –, disse qualquer coisa do género...

Os tendões do pescoço de Evelyn retesavam-se ao mesmo tempo que os olhos dardejavam, indo do rosto da irmã para o do marido.

– Bem, diz-me ao menos isto – ordenou –, eu vou todos os dias para o escritório bem arranjada ou vou com ar de vagabunda?

– Vais bem – disse Bert.

– Então porque é que as minhas irmãs me cospem na cara? Porque é que, sendo eu tão impecável, escondem tudo de mim? Sou uma pessoa tão aberta, sou franca, o que penso é o que digo. Porque não são como as outras irmãs por esse mundo fora? Uma delas é tão louca que tem que ir viver numa cabana às *minhas* custas por causa dos nervos, e a outra está a preparar-se para ficar louca de propósito e nas minhas

costas. – Com esforço, começou a tentar libertar-se da cadeira, tarefa que se revelou lenta e árdua como de costume. Exasperada, empurrou a mesa com veemência em direcção à parede em frente.

– Porque não deixamos ficar o espaço todo de um dos lados quando não temos cá gente? – gritou para os dois, pois estava agora tão agastada com Bert Hoffer quanto com Sadie. Felizmente estava um em cada extremidade da mesa e nada sofreram em resultado do seu gesto violento, mas a mesa embateu com força nas quatro cadeiras alinhadas no lado contrário, deixando três delas entaladas de encontro à parede e atirando a quarta ao chão.

– Deixem-na ficar para aí – gritou Evelyn de modo teatral por sobre o rebuliço. Deixem-na ficar para aí até ao Dia do Juízo – e saiu da sala em corrida precipitada.

Os dois ficaram a ouvi-la afastar-se a galope pelo corredor.

– E a sobremesa? – perguntou Bert Hoffer a Sadie, de sobrolho carregado. Estava desagradado por Evelyn lhe ter falado asperamente.

– Pudim de restos de pão sem passas. – Acabara de se erguer para ir buscar o pudim quando Evelyn os chamou da sala de estar.

– Venham cá, os dois – gritou. – Tenho uma coisa para dizer.

Encontraram Evelyn sentada no sofá, com a cabeça reclinada para trás sobre uma almofada, olhando fixamente o tecto. Sentaram-se ambos em poltronas defronte dela.

– Noutra família qualquer, eu podia ser normal e bem-disposta – disse. – Normalmente sou uma rapariga

alegre e bem-disposta... não sou sorumbática. Gosto das coisas materiais.

– Que quer fazer hoje à noite? – interrompeu Bert Hoffer, falando com autoridade. – Quer ficar nessa agitação ou quer ir ao cinema? – Estes monólogos de auto-reflexão, que sobrevinham às explosões dela, entediavam-no sempre.

Evy continuou como se não o tivesse escutado, mas após alguns instantes assim sentada com os olhos fechados levantou-se e saiu abruptamente da sala; o marido seguiu-a.

Nenhum dos dois se despedira de Sadie, que mal eles saíram foi até à janela olhar para a praça enorme e horrenda que ficava por baixo. Cruzavam-na carris de eléctricos que seguiam em todas as direcções. De onde estava, avistavam-se cinco farmácias e sete tabacarias. Sabia que as cidades industriais modernas eram consideradas feias, mas gostava delas.

– Ainda bem que a Evy e o Bert foram ao cinema – observou para si mesma passado algum tempo. – A Evy fica irritadiça de passar todo o dia no escritório.

Pouco depois virou as costas à janela e dirigiu-se para a sala de jantar.

– Parece que passou por aqui o comboio – murmurou, fitando serenamente as cadeiras inclinadas contra a parede e a mesa torta; mas o tumulto que lhe ia no peito não acalmara, ainda que soubesse estar de partida para a Aldeia das Cataratas. Depois da vaga de alegria que inicialmente sentira quando o seu plano se lhe revelara, na sala de estar, o sentimento de incerteza permanecia idêntico, numa curiosa mistura de ansiedade e expectativa, difícil de suportar. Quanto aos pormenores

técnicos da viagem em si, não estava nem nervosa nem insensatamente impaciente.

– Amanhã telefono – disse para consigo – para saber a que horas partem os autocarros, ou talvez vá de comboio. De manhã compro três variedades de carne para fazer o rolo, se não me esquecer. Há-de durar uns dias até se estragar, e mesmo que se estrague eles podem ir comer ao Martie ou então a Evy faz salsichão com ovos ... isso ela sabe fazer, e o Bert também. – De facto, não estava a prestar a estes projectos mais atenção do que era seu hábito dar aos pormenores domésticos.

O candeeiro por sobre a mesa pendia de uma pesada corrente de ferro. Ela estendeu o braço para chegar ao cordão de contas, para apagar a luz. Quando o largou, o maciço candeeiro oscilou para um lado e para o outro no escuro.

– Será que gostavas assim tanto de estar junto das quedas-d'água se não soubesses que havia aqui o apartamento? – sussurrou para o escuro, e de novo sentiu um frémito de emoção com a beleza das suas próprias palavras. – E muito mais serei eu capaz de dizer quando estiver sentada mesmo ali ao lado dela – murmurou quase com reverência. – ... e depois voltamos para cá – acrescentou simplesmente, nada admirada por descobrir que a ideia de regressar com Harriet estivera, desde o início, na raiz do seu plano.

Sem se dar ao trabalho de levantar os pratos da mesa, foi até a cozinha e apagou a luz. Sentia-se de repente tomada pelo cansaço.

*

Quando Sadie chegou à Aldeia das Cataratas chovia copiosamente.

– Este edifício de madeira é que é a bem dizer a pousada – disse-lhe o taxista. – Lá dentro o tecto é o triplo do normal, para quem gostar do estilo. Suba até ao alpendre e entre. Vai ver que acha piada.

Sadie meteu a mão na carteira para tirar dinheiro.

– A minha mulher e eu costumamos cá vir beber cerveja quando nos dá a vontade – continuou ele, entregando o troco. – Se não estiver muita gente lá dentro, não se assuste; o aldeamento costuma ir todo ao cinema nas noites de quinta-feira. A camioneta leva e traz as pessoas. Estão de volta não tarda nada.

Depois de agradecer, ela saiu do táxi e subiu os degraus de madeira que davam para o alpendre. Sem hesitar, abriu a porta. O taxista não exagerara; o salão era efectivamente tão amplo que mais parecia um ginásio. De uma ponta à outra dispunham-se, de forma espaçada, canapés e cadeiras de verga, com inúmeros troncos de árvore serrados, a servir de mesinhas.

Sadie mirou em volta e logo se dirigiu automaticamente para uma lareira gigantesca, a que se acedia com dificuldade devido à acumulação de cadeiras e canapés em redor. Serpenteando por entre eles, atravessou a pedra da lareira e foi até ao vão frio da chaminé, que tinha altura suficiente para abrigar uma pessoa de estatura média. As trempes, que lhe chegavam à cintura, eram forjadas em forma de bruxas. Com os dedos, tocou-lhes os chapéus pontiagudos de ferro.

– Modernices – murmurou para si, sem entusiasmo. – Devem ter sido feitos de encomenda. – De seguida, espreitando para além da lareira, reparou pela primeira vez que não estava só. A uns quinze metros de distância, uma mulher gorda lia, sentada, à luz de uma lâmpada eléctrica.

– Nem sequer sabe que eu estou na lareira – disse para si própria. – Talvez nem me tenha ouvido entrar, por causa do barulho da chuva. – Esperou pacientemente durante um bocado, mas depois, suspeitando que a mulher poderia continuar indefinidamente alheia à sua presença, chamou-a de onde estava. – Pertence à gerência da Aldeia das Cataratas? – perguntou, falando alto para se fazer ouvir por sobre a chuva.

A mulher parou de ler e de imediato apagou a luz forte, uma vez que o clarão a impedia de ver para lá do círculo da lâmpada.

– Não, não pertenço – respondeu com voz tonitruante. – Porquê?

Não achando resposta para esta pergunta, Sadie manteve-se em silêncio.

– Acha-me com ar de gerente? – prosseguiu a mulher, e por ser óbvio que Sadie não tinha qualquer intenção de responder, continuou a conversa sozinha.

– Imagino que se possa pensar que eu sou aqui a gerente, porque sou forte, e as pessoas fortes têm um ar assim; além disso tenho mais ou menos a idade adequada para o ser. Mas não sou a gerente... não giro nada, em parte nenhuma. É certo que possuo um crânio dominador, mas sou mais à francesa. Gosto mais de me divertir do que de dar ordens.

– Francesa... – repetiu Sadie de modo hesitante.

– Francesa não – corrigiu a mulher. – À francesa, com um bocadinho de sangue na guelra. – Tinha uma voz fria e severa.

Passou algum tempo sem que nenhuma das duas falasse, e Sadie teve esperança de que a conversa ficasse definitivamente por ali.

– A individualidade é o meu deus – proclamou de maneira abrupta a mulher, para grande desilusão de Sadie. – Foi em parte por isso que hoje à noite não fui ao cinema. Não gosto de fazer o que fazem os grupos, além de que já vi o filme. – Arrastou a cadeira para a frente a fim de se fazer ouvir com maior clareza. – Os certos – chamamos certos aos que ficam cá por mais de quinze dias – são todos loucos por andar em manada. Se olhar em volta, verá por si como a mobília está disposta para o convívio. Por mim, se querem assim é lá com eles, mas eu não vou nisso. Ponho a minha cadeira aqui num espaço aberto, e quando me apetece pego em mim e vou até um círculo ou outro... há aí uns dez ou doze círculos. Não lhe faz impressão a maneira como os grupos se fecham?

– Nós lá em casa não temos um grupo – respondeu Sadie laconicamente.

– Também não me agradam os cultos de grupo – prosseguiu a mulher – nem vou em grandes misturas sociais. Na verdade, não me agradam sequer os cultos individuais. O mais provável é eu ter nascido com uma natureza tão vigorosa e alegre que nem preciso de me preocupar com o que vai lá por cima da minha cabeça. Para mim todos os dias são dias de plenitude, quer lá haja alguém em cima ou não. Os grupos não permitem que haja essa chispa... nunca jamais. É sabido que maçã podre apodrece um cento.

Sadie, que nunca antes conhecera um agnóstico, estava profundamente chocada com a atitude blasfema da mulher.

– Aposto que quando era mais nova dormiu com muitos homens sem ser casada com eles – disse para consigo.

– A maior parte da humanidade com que deparamos é malsã e nervosa – concluiu a mulher, fitando Sadie com um olhar frio, após o que, sem mais comentários, se levantou com esforço da cadeira e começou a caminhar em direcção a uma porta lateral no outro extremo do salão. Ao chegar à porta, esta foi aberta do outro lado por Beryl, a quem de imediato a mulher avisou da nova chegada. Sem parar de tirar feijões de uma lata com uma colher, Beryl caminhou até Sadie para lhe oferecer os seus préstimos.

– Posso mostrar-lhe uns quartos – aventou. – A menos que prefira esperar até que o gerente volte do cinema.

Quando, porém, teve a noção, ao cabo de uma curta conversa com Sadie, de que estava a falar com a irmã de Harriet, um cenho malévolo toldou-lhe o rosto, e o gesto de tirar os feijões da lata tornou-se-lhe mais lento.

– A Harriet não me disse que vinha – disse por fim, num tom inequivocamente desagradável.

O coração de Sadie começou a bater muito depressa, ao mesmo tempo que se dava conta de que esta mulher vestida de calças à golfista era a criada, Beryl, de quem Harriet muitas vezes falara nas cartas e em casa.

– É surpresa – disse Sadie. – Já há muito que andava para cá vir. Tenho andado há muito a prometer à Harriet que a visitava no aldeamento, mas não podia vir sem primeiro arranjar uma vizinha que cozinhasse para a Evy e o Bert. São mulher e marido... a minha irmã Evy e o marido, o Bert.

– Eu sei quem eles são – observou Beryl com ar taciturno. – A Harriet contou-me tudo a respeito deles.

– Pode fazer o favor de me levar à cabana da minha irmã? – pediu Sadie, pegando na maleta e dando um passo em frente.

Beryl continuou a remexer nos feijões, sem sair do sítio.

– Eu pensava que tinham feito uma combinação – disse. O afecto que tinha pela amiga levava-a a gravar na cabeça passos inteiros dos monólogos de Harriet, se bem que não sentisse a mínima curiosidade quanto ao material que recolhera. – Pensava que vocês não deviam sair do apartamento enquanto ela estivesse no aldeamento.

– O Bert Hoffer e a Evy nunca visitaram a Aldeia das Cataratas – respondeu Sadie, num tom que não escondia subterfúgios.

– Lá isso é bem certo – sentenciou Beryl, triunfante. – É o que está combinado. Têm de ficar no apartamento enquanto ela cá estiver no aldeamento; foi o próprio médico que o disse.

– Eles não vêm cá ter – repetiu Sadie, ostentando ainda, não o ar matreiro que Beryl esperava denunciar-se a todo o momento, mas o ar de uma pessoa que presta atenção apesar de lhe estarem a falar numa língua estrangeira. A criada sentiu que todas as suas tentativas de armar briga tinham sido, de momento, neutralizadas com êxito, e pôs-se a assobiar cautelosamente, arrastando desajeitadamente algumas cadeiras para as repor no sítio.

– Já sei – disse, parando o que estava a fazer tão depressa como tinha começado. – Em vez de a levar até ao Lugar das Pinhas, é como se chama a mata em que fica a cabana dela, vou lá eu dizer-lhe que venha aqui à pousada. Ela tem vestimentas muito feitosas para a chuva, e assim não se molha ao atravessar as matas, como lhe ia suceder a si... Para ali há muito pinhal...

Sadie assentiu em silêncio e caminhou para uma cadeira decorativa, onde se sentou.

– Muito se divertem eles com essa cadeira. Quando se embebedam – disse Beryl apontando para o encosto, feito de um gigantesco disco de palha. – Bem... até já. – E afastou-se. – Ó Vale Querido... – ouviu-a Sadie cantar ao sair a porta.

Sadie levantou o tampo do braço esquerdo da cadeira e retirou dois livros do cesto de vime entrançado que se escondia por baixo. O volume maior intitulava-se *Crescimento e Desenvolvimento das Empresas Petrolíferas do Texas*, e o mais pequeno, *Histórias de Outras Paragens*. Voltou a pô-los rapidamente no lugar e fêchou o tampo.

*

Harriet abriu a porta a Beryl e depressa a tornou a fechar, mas só nesse breve instante o chão de madeira da soleira da porta ficou completamente encharcado da chuva. Vestia um quimono lilás com uma gola larga e franzida; acima desta, o rosto elevava-se com um brilho pálido, desconcertado pela visita tardia e inesperada de Beryl. Receou que a criada pudesse estar embriagada.

– Por certo, não ando a escavar um nicho de liberdade neste mundo para agora ter que me haver com bêbedos – disse para si própria com enérgico azedume. O cabelo solto pendia-lhe até aos ombros, e Beryl fitou-o por momentos em muda admiração antes de anunciar ao que vinha.

– A sua irmã Sadie está lá em cima na pousada – disse, recompondo-se; de seguida, sentindo-se constrangida, arrastou os pés em passo miúdo até ao seu lugar habitual no canto mais escuro do quarto.

– Que dizes? – perguntou Harriet com aspereza.

– A sua irmã Sadie está lá em cima na pousada – repetiu, não ousando olhá-la. – A sua irmã Sadie, que lhe escreveu a carta sobre o apartamento.

– Mas não pode! – berrou Harriet. – Não pode! A combinação foi que ninguém podia vir cá visitar-me.

– Foi o que eu lhe disse a ela – interveio Beryl.

Harriet começou a caminhar em passo largo pelo quarto para lá e para cá. De pupilas dilatadas, parecia estar prestes a descontrolar-se. De súbito deixou-se cair pesadamente sobre a borda da cama, sorvendo grandes golfadas de ar. Na verdade estava a pôr em prática um sistema que acreditava tê-la muitas vezes salvo da histeria completa, porém Beryl, que nada sabia de tal método, estava horrorizada e absolutamente aturdida.

– Tenha calma – implorou a Harriet. – Tenha calma!

– Deita-me água na cara – disse Harriet com uma voz estranha, mas o horror e o espanto mantinham Beryl ancorada à cadeira, de forma que Harriet se viu obrigada a cambalear até à bacia sozinha. Depois de se molhar durante cinco minutos a fio, limpou a cara e o peito com uma toalha e pôs-se de novo a andar de um lado para o outro. A cada instante que passava, o rosto mostrava maior indignação e um pouco menos perturbação.

– O mais pavoroso é a boçalidade a que isto chega – queixou-se, num tom em que havia uma ponta de teatralidade ainda há pouco inexistente. – Se ela está apostada em estragar os meus planos, porque não o faz ao menos com estilo, com um pouco de subtileza? Não consigo imaginar coisa mais boçal do que uma pessoa

pegar em si, saltar para o comboio e sem mais nem menos vir toda impante por aí acima. Ela não tem o mínimo sentido do que sejam maquinações, do que é fazer intriga em grande estilo... o mínimo. Quem conhecesse só a Sadie havia de dizer que a família vivia de plantar batatas. E verdade se diga que a Evy não causa lá muito melhor impressão. Se a conhecessem a ela diriam que somos todas empregadas de escritório! Mas pelo menos ela vai para o emprego... Não fica sentada pela casa todo o santo dia, a pensar como me há-de dar cabo da vida. Pensa é no Bert Hoffer. Puff! – Contorceu o rosto num esgar.

– Quando foi que a Harriet e a Sadie começaram a brigar? – perguntou Beryl.

– Eu não brigo com a Sadie – respondeu Harriet, erguendo a cabeça com altivez. – Não me passaria pela cabeça andar a brigar como uma peixeira. Entre nós as duas passa-se tudo à socapa. Foi sempre assim. Desde pequenina que escondi sempre tudo dela. Ela tem perfeita consciência que eu sei que ela tenta manter-me prisioneira no apartamento por meros ciúmes e também sabe que eu tenho medo de ser considerada uma vagabunda, e isso torna-lhe as coisas mais simples. Ela finge que se preocupa com a possibilidade de eu perder o tino se sair do apartamento e de fazer uma doidice com algum homem sem ser casada com ele, mas a verdade é que ela sabe muitíssimo bem que eu sou fria como o gelo. Não tenho o mínimo interesse pelos homens ... nem pelas mulheres, já agora; mesmo assim, se eu me pusesse a andar do apartamento fazendo uma grande fita, como fazem algumas, eram capazes de pensar que eu era uma vagabunda à procura de homem...

mas nunca hei-de dar à Sadie tal satisfação, nunca. Quanto ao casamento, é claro que admito que não serei lá muito normal, mas mesmo assim eu não sou de querer casar: considero que o sistema de se passar a vida com um parceiro é repugnante em todos os aspectos. – Fez uma pausa, mas apenas por um instante. – Não julgues, contudo – acrescentou com severidade, olhando a direito para Beryl – que lá por eu ser um pouco estranha e diferente dos outros, não sou exigente com a minha vida. É que *sou mesmo* exigente com ela, e *detesto* o escândalo.

– As irmãs que vão para o inferno! – exclamou Beryl alegremente. – É dar-lhes a todas um bom pontapé nos fundilhos. – Recuperara a compostura ao ver a cor regressar às faces de Harriet, e começava a comprazer-se com a ideia de a vinda de Sadie servir talvez para o reforço dos seus laços de intimidade com Harriet, quando esta enterrou a cabeça no próprio regaço e se desfez em lágrimas. Foi visível o abatimento no rosto de Beryl, que corou com a sua própria frivolidade.

– Não posso mais – soluçou Harriet, com voz angustiada. – Não posso... estou velha... estou demasiado velha. – Ao dizer isto irrompeu em pranto, soluçando de forma tão comovedora que Beryl, apertando as mãos de pesar, correu a pôr-se a seu lado, pois era uma pessoa capaz de grande ternura para com aqueles que amava.

– Não é nada velha... é linda – disse, corando de novo, interiormente agradecida à Providência por lhe dar a oportunidade de consolar a amiga num momento de dor e ao mesmo tempo fazer-lhe um elogio.

Pouco depois, os soluços passaram e Harriet saltou da cama e agarrou a criada.

– Beryl – disse, com a respiração agitada –, tens que ir a correr à pousada imediatamente. – Nos olhos marejados de lágrimas havia um lampejo de astúcia.

– Vou, sim – respondeu Beryl.

– Vai à pousada e vê se há algum quarto vago, e se houver, leva-lhe para lá o saco de viagem para que nem sequer se ponha a hipótese de ela ficar na minha cabana. Não posso deixar que ela fique na minha cabana. É o único lugar meu, no mundo inteiro. – O lampejo de astúcia apagou-se e ela olhou Beryl com os seus olhos grandes e assustados. – E se não houver quartos? – perguntou.

– Aí, ponho-a no meu sítio – reconfortou-a Beryl. Tenho uma cabanazinha muito limpa só para mim, e ela pode ficar com ela que eu vou abancar com alguma das tontas das criadas.

– Então pronto – disse Harriet –, vai lá, e despacha-te! Leva-lhe o saco de viagem para um dos quartos do anexo de cima ou para a tua cabana, antes que ela tenha ocasião de dizer o que quer que seja, e depois vem direita para cá outra vez. Eu não consigo andar sozinha por estes pinhais... agora... sei que não consigo. – Não lhe ocorreu agradecer a Beryl a amável oferta que lhe fizera.

– Está bem – disse a criada –, volto num ápice, e não se preocupe com nada. – Um segundo depois, com os olhos a brilhar, abria caminho por entre os pinhais encharcados.

*

Quando Beryl entrou na pousada e, com um puxão, agarrou o saco de viagem de Sadie sem dar uma palavra de explicação, esta não protestou. Defronte havia uma

escadaria aberta que dava para uma galeria estreita, suspensa a meia altura entre o tecto e o chão. Sadie observou a criada subir as escadas, mas, uma vez passado o patamar, não se deu ao trabalho de erguer os olhos para a ver prosseguir e contornar o varandim de madeira que ficava por cima.

Um frio profundo instalara-se-lhe nos ossos, e sentia-se entorpecida. Não sabia dizer exactamente quando é que o seu presente estado havia tomado o lugar do anterior, nem pensou em colocar a si mesma essa pergunta, mas sentia que no seu peito, onde antes se agitavam com tanta força sensações de entusiasmo e de expectativa, uma sensação de pavor lhe pesava agora como uma pedra.

– Sinto-me tão em baixo – disse para consigo. – Sinto-me como se estivesse a assistir ao meu próprio enterro. – Não o disse imbuída daquele pessimismo hiperbólico que algumas pessoas cultivam para saírem de um estado de alma mórbido, mas antes com toda a seriedade e com a sua costumada passividade; de facto, ostentava o ar humilde tantas vezes visível nos rostos de gente sofredora em tratamento numa clínica gratuita. Não lhe ocorreu que pudesse existir uma ligação entre a sua actual disposição sombria e a missão que viera desempenhar à Aldeia das Cataratas, nem tinha consciência do facto de que as palavras destinadas a encantar Harriet e a conseguir levá-la de regresso já não lhe afluíam à garganta como durante toda a semana anterior. Temia que algo de terrível acontecesse, mas o que quer que isso fosse, tinha tanto a ver com a sua pessoa como a remota eventualidade de um desastre de comboio.

– Espero que nada de mal aconteça... – pensou, mas não era muita a fé que havia em si.

Harriet bateu com a porta da frente e Sadie ergueu os olhos. Por alguns instantes não reconheceu a mulher parada na soleira da porta, a pingar do casaco de oleado com capuz. Junto dela estava Beryl; em redor dos pés de ambas formavam-se poças de água. Para esconder os vestígios do acesso de choro, Harriet pusera muito mais *rouge* do que era costume. Os olhos brilhavam, e tinha afivelado um sorriso fixo e duro.

– Noite imprópria para homem ou bicho – gritou para Sadie de onde se encontrava, numa voz que pensou soar a um tempo calorosa e sofisticada; fê-lo não para impressionar a irmã, mas para a manter a uma distância segura.

Em vez de se precipitar para a porta, Sadie olhou-a com um ar de perplexidade. Harriet parecia-lhe estar mais corpulenta e com traços mais grosseiros do que cinco semanas antes, no apartamento, e no entanto sabia que uma alteração fisionômica assim tão súbita era quase impossível. Recompondo-se, levantou-se e foi abraçar a irmã. O abraço não foi suficiente para a aquietar, por causa do oleado molhado, e a sensação de afastamento tornou-se mais nítida. Recuou alguns passos.

Depois de ouvir o tom caloroso e sofisticado da sua própria voz, Harriet sentiu-se loucamente confiante de que, se continuasse com aquele ar, conseguiria manter a irmã à distância durante toda a visita dela. Para aumentar as probabilidades de êxito, decidira logo então não perguntar a Sadie ao que viera, mas antes tratar a visita do modo mais espontâneo e natural possível.

– Estás mais gorda? – perguntou Sadie, por não saber o que dizer.

– Gordas é coisa que não hei-de ser nunca – replicou Harriet rapidamente. – Adoro fruta, não quero nada com amidos.

– É verdade, adoras fruta – disse Sadie nervosamente. – Queres? Tenho uma maçã que ficou do almoço.

Harriet fez uma expressão de espanto.

– Agora! – exclamou. – A Beryl pode dizer-te que eu nunca como à noite; na verdade, nunca por nunca venho à pousada à noite. Fico na minha cabana. Eu escrevi-te a contar-te tudo, como me levanto cedo... Nem sei como é a pousada à noite – acrescentou quase zangada, como se a irmã a tivesse acusado de estar alegre.

– Não sabes? – Sadie olhou-a com ar pasmado.

– Não, não sei. A propósito, estás com fome?

– Se ela estiver com fome – interveio Beryl – podemos ir para a Sala da Gruta que eu levo-lhe lá a comida. As mesas da sala de jantar principal já estão todas postas para o pequeno-almoço de amanhã.

– Abomino a Gruta – disse Harriet com surpreendente azedume. A voz, agora mais cortante, continuava a soar sofisticada, mas já nada tinha de jovial.

– Não estou com fome – asseverou-lhes Sadie. – Estou com sono.

– Então, pronto – replicou Harriet pressurosa, aproveitando o ensejo. – Vamos ficar aqui sentadas uns minutinhos e depois tens que te ir deitar.

Instalaram-se as três em cadeiras de verga ao pé da lareira fria. Sadie ficou defronte de Harriet e Beryl, que continuaram de oleados vestidos.

– É que abomino mesmo a Gruta – prosseguiu Harriet. – A verdade é que não paro muito pela pousada. A parte da Aldeia das Cataratas que me interessa não é esta. Interessam-me os pinhais, a minha cabana, as penedias, os ribeiros, a ponte, e toda a beleza natural circundante... o céu também.

Apesar de a chuva persistir no seu batuque sobre o telhado por cima das suas cabeças, a voz de Harriet soava intoleravelmente alto aos ouvidos de Sadie, que não se conseguia livrar da sensação de que a irmã estava mais gorda de cara.

– Ora então – ouviu Harriet dizer, na sua voz alta – conta-me lá coisas do apartamento. Que novidades há, como vão os jantares, como estão a Evy e o Bert?

Felizmente que, quando Sadie se esforçava para encontrar respostas a estas perguntas, coisa que incompreensivelmente se lhe afigurou difícil, a intrépida agnóstica voltou a aparecer, de imediato desviando a atenção de Harriet.

– Rover – gritou esta jovialmente para o outro lado da sala –, venha sentar-se ao pé de nós. Está cá a minha irmã Sadie.

A mulher juntou-se-lhes, sentando-se ao lado de Beryl, de maneira que Sadie tinha agora as três à sua frente.

– Que surpresa, vê-la aqui na pousada à noite, ó Eremita – exclamou para Harriet, sem ponta de maldade na voz.

– Estás a ver? – disse Harriet para Sadie, acenando com enorme satisfação. – Eu não estava a mentir, pois não? Como estão a Evy e o Bert? – perguntou de novo, o rosto torcendo-se num ligeiro esgar. – O apartamento tem estado quente?

Sadie acenou com a cabeça.

– Não sei quanto tempo fazes tenção de ficar – prosseguiu Harriet animadamente, sentindo-se cada vez mais forte e portanto mais afoita – mas depois de amanhã vou fazer uma viagem de cinco dias de canoa. Vamos subir o rio até às Quedas de Pocahontas. Além disso parto às quatro da madrugada, o que também acaba por estragar o dia de amanhã. Há muito tempo já que aguardo esta viagem com grande expectativa, desde que me candidatei a um lugar na Primavera passada, quando ainda estava no apartamento. São poucas as canoas, e os guias. Sou uma grande adepta das viagens de canoa, como sabes, e já me estou a ver como um autêntico pele-vermelha, a ir até às Quedas e voltar.

Sadie não respondeu.

– Não há nada de bizarro nisto – defendeu Harriet. – Vai de par com o meu ódio à industrialização. Seja como for, já vês como o dia de amanhã vai ser atribulado. De manhã tenho que arranjar a mochila, e tenho que estar na cama o mais tardar às oito e meia da noite, para poder levantar-me às quatro. Vou comer só uma refeição a sério, às duas da tarde. Sugiro que nos encontremos às duas, por trás da barraca das recordações; amanhã vais ver onde é. – Harriet ficou suspensa à espera que Sadie respondesse mostrando o seu acordo com a sugestão, mas a irmã permaneceu em silêncio.

– Por falar em barraca – disse Rover – este ano não vou levar recordações para casa. São caras e não duram muito.

– Pode comprar *taffy* salgado na Loja do Gerald, na vila – disse Beryl. – Vi que na semana passada tinham.

Pode ser que já não esteja muito fresco, mas é muito barato.

– Porque haviam de vender *taffy* salgado aqui na serra? – perguntou Rover com irritação.

Sadie estava só a seguir vagamente a conversa; olhando, sentada, para as três mulheres, parecia-lhe que de repente todas estavam irreconhecíveis; era como se tivesse escancarado a porta de um consultório de dentista e visse três estranhos lá sentados. Aterrorizada, pôs-se de pé num salto.

Harriet ficou apavorada.

– Que foi? – gritou para a irmã. – Porque estás com essa cara? Estás doida?

Sadie estava pálida e formavam-se gotas de suor abaixo do chapéu de feltro, mas as mulheres à sua frente haviam já reassumido a relação correcta com ela e com o momento presente. O rosto descontraiu-se, e embora as pernas lhe tremessem em consequência da breve mas perturbadora experiência, sentia um alívio imenso por tudo ter já terminado.

– Porque deste um salto? – esganiçou-se Harriet. – É por estares na Aldeia das Cataratas e não no apartamento?

– Deve ter sido da viagem longa de comboio e de não ter comido nada ... – disse Sadie para consigo – só uma sanduíche.

– É por estares na Aldeia das Cataratas e não no apartamento? – insistiu Harriet. Estava verdadeiramente assustada e queria certificar-se de que o acesso de Sadie fora propositado e não uma crise involuntária semelhante às que costumava ter.

– A viagem de comboio foi longa e deixou-me toda suja – disse Sadie com voz cansada. – Só comi uma

sanduíche em todo o dia, sem mostarda nem manteiga... só com merendinha. Nem sequer a minha fruta comi.

– A Beryl ofereceu-se para te servir comida na Gruta! – protestou Harriet. – Queres comer agora ou não? Por amor de Deus, fala!

– Não, não. – Sadie abanou a cabeça desconsoladamente. – Acho que é melhor ir deitar-me. Leve-me para a minha cabana. Tenho os chinelos e o quimono e a camisa de noite no meu saco – acrescentou, olhando em redor com um ar vago, pois nunca tomara efectivamente consciência do facto de Beryl lhe ter levado o saco de viagem.

Harriet lançou a Beryl um olhar cúmplice e beliscou-a furtivamente.

– A Beryl pôs-te num dos quartos do anexo de cima da pousada – tagarelou, numa voz que soava a falso. – Vais ficar muito mais bem instalada lá do que ficarias na minha cabana. Aqui na mata usamos todos candeeiros a petróleo, e tu sabes como és dependente da electricidade.

Sadie não sabia se era dependente da electricidade ou não, uma vez que na realidade nunca vivera sem ela, contudo sentia-se tão cansada que nada disse.

– Eu levanto-me tremendamente cedo e além disso a minha cabana tem correntes de ar – continuou Harriet. – Aqui vais ficar muito mais bem instalada. Também ias detestar as tendas índias da Barragem de Boulder. Seja como for, as tendas na verdade são para rapazes e estão sempre cheias. Há uma ponte coberta que dá deste edifício para o anexo do andar de cima, e isso é uma vantagem.

– Pronto, ó gente – interveio Beryl, achando que a melhor maneira de ajudar Harriet era levá-las todas a agir. – Toca a andar.

– Sim – concordou Harriet –, se não sairmos depressa da pousada a multidão há-de voltar do cinema, e o certo é que queremos evitá-los.

Deram as boas-noites a Rover e começaram a subir as escadas.

– Este corrimão é feito de pernas de vidoeiro novas – disse Harriet a Sadie quando atravessavam a galeria estreita que ficava por cima. – Acho que condiz muito bem com a pousada. Tu não achas?

– Acho que sim – respondeu Sadie.

Beryl abriu a porta que dava da varanda para uma ponte coberta e atravessou-a, acenando às outras para que avançassem.

– Cá vamos então pela ponte – disse, olhando por cima do ombro. – Nunca visitou o anexo, pois não? – perguntou a Harriet.

– Nunca tive razões para isso – respondeu Harriet em tom sobranceiro. – Sabes o que eu penso da minha cabana.

Caminharam no escuro, pisando as tábuas mal ajustadas do sobrado. Rajadas de vento sopravam em volta dos seus tornozelos e, não obstante o tecto de madeira, a chuva salpicava-as sem parar. Mas rapidamente atingiram a porta da extremidade oposta, onde desceram dois degraus que davam para um corredor curto e bastante iluminado. Beryl fechou a porta de acesso à ponte, que ficara para atrás. O cheiro a estuque fresco e a cimento engrossava o ar húmido.

– É isto o anexo – disse Beryl. – Pomos aqui

principalmente as velhotas, porque assim podem ir e vir da sala de jantar sem terem que andar por fora... e também têm a casa de banho mesmo aqui. – Abriu bruscamente a porta para a mostrar. – E depois – acrescentou – não gostamos que as velhotas mexam nos candeeiros a petróleo e elas aqui têm electricidade. – Conduziu-as a um quarto pequeno situado logo à esquerda e acendeu a luz. – Muito fino, não é? – observou, olhando em volta com evidente satisfação, como se o quarto fosse obra sua; de seguida, deambulando até uma peça de aspecto moderno que era uma mistura de guarda-fatos e cómoda, poliu-lhe uma esquina com o lenço. Era uma peça em madeira castanha brilhante, com um espelho circular sem moldura.

– Rija e bonita – disse Beryl, batendo na madeira com os nós dos dedos. – Todos os quartos têm uma.

Sadie afundou-se na borda da cama sem tirar o casaco. Também aqui o cheiro a estuque e a cimento impregnava o ar, e o vento continuava a soprar-lhes em volta dos tornozelos, desta vez entrando pela soleira mal acabada da porta.

– As cabanas têm muito mais correntes de ar do que isto – assegurou Harriet a Sadie uma vez mais. – Vais ficar mais bem instalada aqui no anexo. – Estava confiante que, pondo a irmã no anexo, ia tornar mais fácil o seu plano, que consistia ainda em impedir que ela lhe dissesse o que viera dizer-lhe.

Sadie sentia-se tremendamente cansada. O chapéu, molhado da chuva, apertava-lhe desconfortavelmente as têmporas, mas não tentou tirá-lo.

– Acho que tenho que dormir – murmurou. – Já não consigo manter-me acordada.

– Está bem – disse Harriet – mas não te esqueças, amanhã às duas junto à barraca das recordações... não há que enganar. De manhã não quero ver ninguém, porque sozinha faço melhor a mochila para a canoa... é terrivelmente complicado... Mas se me apressasse podia encontrar-me contigo à uma e meia; preferias assim?

Sadie assentiu.

– Então vou fazer o melhor que puder... Sabes, de manhã eu faço sempre exercícios de imaginação durante uma ou duas horas. Faz-me muito bem, mas amanhã vou abreviar. – Deu a Sadie um beijo leve na copa do chapéu de feltro. – Boa noite – disse. – Esqueci-me de te perguntar alguma coisa sobre o apartamento?

– Não – assegurou Sadie. – Perguntaste tudo.

– Bem, boa noite – disse Harriet uma vez mais, e saiu do quarto seguida de Beryl.

*

Quando Sadie acordou, na manhã seguinte, uma sensação de pavor pesava-lhe ainda como chumbo sobre o peito. Assim que saiu do quarto, começou a bater dentro dela um pânico que palpitava como uma asa pequenina, por baixo do coração. Sentia um medo desproporcionado de que, se se afastasse demasiado do edifício principal da pousada, se perderia, acabando por chegar tarde ao encontro com Harriet. Foi esse medo que fez com que se fosse postar junto à barraca das recordações uma boa hora antes do tempo. Felizmente, a barraca, situada numa pequena elevação, tinha uma vista excelente sobre as cataratas, que se derramavam de umas fragas altas por sobre um pego alcantilado. Por cima do pego projectava-se, poucos metros abaixo

de onde Harriet se encontrava, uma ponte de desenho caprichoso, pelo que ela podia observar as pessoas a atravessá-la ao irem e virem entre a zona do aldeamento e as quedas-d'água. Um chefe índio, em traje guerreiro, estava sentado numa cadeira de cozinha à entrada da ponte. O seu soberbo cocar emplumado curvava-se graciosamente na aragem, enquanto ele se atarefava a receber a modesta portagem que todos os turistas pagavam ao regressar das quedas-d'água; fornecia-lhes o troco retirando-o de um cinto de cobrador que trazia por cima da jaqueta de pele de veado bordada com missanga. Era irlandês, contratado pela administração, que também lhe fornecia o traje. Ultimamente andava desleixado e era frequente descurar a pintura das mãos sardentas, para as colorir do tom de tijolo escuro do rosto. Dividia o tempo entre a ponte e a barraca das recordações, trepando desajeitadamente pelo monte acima sempre que avistava um cliente.

A todo o comprimento da ponte estendia-se uma série de arcos de madeira de inspiração gótica; dos bordos pendiam bandeirolas garridas, com as iniciais do aldeamento estampadas, e algumas debruadas com uma franja lustrosa. A poucos metros ficava a esplanada-restaurante, um enorme pavilhão construído em lajedo e que ladeava a beira do pego em toda a sua extensão.

Infelizmente, nem as multidões em férias, nem a ponte embandeirada, nem sequer as águas brancas das cataratas defronte conseguiam distrair Sadie da sua desolação. Olhava constantemente para trás, na direcção dos pinhais onde se escondia a cabana de Harriet. Aterrorizava-a ver a figura de Harriet ganhar forma por entre as árvores, mas ao mesmo tempo temia

que, se a irmã não chegasse depressa, alguma catástrofe lhes acontecesse a ambas antes que tivesse ocasião de falar. Na verdade, o desejo de convencer a irmã de que devia deixar a Aldeia das Cataratas e regressar ao apartamento havia esmorecido por milagre, e com o desejo haviam-se desvanecido também as palavras capazes de o expressar. Isto em nada alterava a intenção de levar a cabo a sua missão; pelo contrário, esta afigurava-se-lhe ainda mais desesperadamente importante agora que tinha a certeza, no mais fundo de si, de que a sua viagem era já um fracasso. A sua atitude nada tinha de espantoso, uma vez que, como tantos outros, concebia a sua vida como algo separado de si; mãos sagradas desenrolavam-lhe a estrada sempre uns passos à sua frente, e ela limitava-se a percorrê-la sem fazer perguntas. Essa estrada, que era a sua vida, continuaria a existir depois da sua morte, tal como a sua morte existia agora que ainda estava viva.

Havia cerca de uma centena de pessoas a almoçar na esplanada, e o rugir da água conferia ao clamor das vozes um som tão enganador que os convivas pareciam estar a falar, ora a uma grande distância, ora mesmo junto a ela. De quando em quando parecia-lhe ouvir alguém pronunciar o seu nome num tom soturno, e por mais que dissesse a si própria que era apenas a catarata a brincar com os seus ouvidos, estremecia de cada vez que ouvia o seu nome. O próprio facto de estar junto da barraca fez com que começasse a sentir-se constrangida. Escondeu as mãos nas mangas do casaco para não ter que as mostrar, e procurou fixar os olhos na espuma das águas à sua frente, contudo apercebera-se de um ar de censura nos olhos dos comensais mais próximos, não

conseguindo resistir a olhar também para a esplanada com alguma frequência, na esperança de se ter equivocado. Porém, de cada vez que o fazia mais se convenciu de que havia lido correctamente as expressões das pessoas, e que estas acreditavam não só que ela não estava ali por boa coisa, mas também que era na realidade uma vadia sem eira nem beira, sem sequer dinheiro para pagar uma refeição. Sentiu, por isso, um imenso alívio quando avistou Harriet a avançar por entre as mesas, vinda do extremo mais distante do pavilhão-restaurant. Quando a irmã se aproximou, Sadie reparou que ela vestia o casaco preto de inverno debruado com pele encarnada, e que o ondulado do cabelo se mantinha intacto apesar do vento forte. Para grande alívio seu, Harriet não pusera *rouge* nas faces, e por isso o rosto recuperara as proporções naturais. Viu Harriet acenar e apressar o passo ao avistá-la. Agradava-lhe que os comensais testemunhassem o seu encontro iminente.

– Quando nos virem juntas – pensou – verão que não sou nenhuma vadia, mas sim uma mulher decente de visita à irmã. – Desceu do pequeno monte para apressar o encontro. – Pensei que viesses do pinhal – disse em voz alta, assim que ficaram a pouca distância uma da outra. – Foi para lá que estive sempre a olhar.

– Normalmente viria – respondeu Harriet, pondo-se ao lado da irmã e beijando-a ao de leve na face –, mas primeiro fui à outra ponta da esplanada, reservar uma mesa para nós com o empregado que está a servir naquela zona. Na ponta é mais sossegada, e portanto mais apropriada para uma conversa longa.

– Ainda bem – pensou Sadie enquanto subiam juntas a pequena elevação. – O ter dormido fez-lhe

muitíssimo bem. – Perscrutou com ansiedade o rosto de Harriet quando pararam junto à barraca das recordações, e descobriu-lhe uma luminosidade doce reflectida nos olhos. De repente lembrou-se da sua infância juntas e da grande ternura de que Harriet tantas vezes lhe dera mostras.

– Há *pilafe* à turca na ementa – disse Harriet –, por isso eu disse ao empregado que guardasse para ti. É tão apreciado que normalmente se esgota logo no princípio. Sei como gostas tanto.

Vendo como Harriet estava de facto ansiosa por que fosse um êxito a refeição, a única que comeriam juntas na Aldeia das Cataratas, Sadie sentiu que aquele peso terrível como chumbo já não lhe oprimia o coração; tinha desaparecido tão repentinamente, que por momentos ela se sentiu como um balão sem o lastro, mal contendo a vontade de dançar de felicidade. Harriet puxou-a pelo braço.

– Acho melhor agora irmos – instou ela a irmã – e depois do almoço podemos cá voltar, se quiseres comprar lembranças para a Evy e para o Bert... e também para a Flo e o Carl e o Bobby talvez...

Sadie baixou-se para ajeitar as meias de algodão, muito engelhadas nos tornozelos, e quando se endireitou os olhos pousaram-lhe em três homens que almoçavam muito próximo da beira da esplanada; não reparara neles antes. No mais absoluto silêncio, todos comiam espigas de milho e grandes hamburgueres. Para impedir que a roupa se sujasse com os salpicos dos grãos, usavam os guardanapos como baberoiros.

– O Bert Hoffer também tem cuidado com a roupa – meditou Sadie, voltando-se de seguida para a irmã.

– Não achas que os homens ficam diferentes quando se sentam uns com os outros, sem mulheres? – perguntou-lhe. Sentia-se extraordinariamente compelida a cavaquear, num impulso que não se recordava de alguma vez ter sentido.

– Acho – retorquiu Harriet, como se não tivesse ouvido o comentário de Sadie – que é melhor irmos para a nossa mesa antes que o empregado a dê a outros.

– Não gosto de homens – fez saber Sadie sem acrimónia, e aprestava-se a seguir Harriet quando a atenção se deteve nos olhos do homem que lhe estava mais próximo. Baixando lentamente a espiga de milho até ao prato, ele olhou-a fixamente, a boca contorcida num sorriso amargo. Sadie permaneceu como que pregada ao chão, e sob o olhar firme dele toda a sua alegria renascida se esvaiu. Viu com desespero que Harriet, esgueirando-se por entre as mesas, em breve se perderia de vista. Após o que lhe pareceu um esforço sobre-humano, conseguiu arrancar-se do lugar e precipitou-se a ir atrás da irmã, gritando pelo seu nome.

Harriet pôs-se a seu lado quase no mesmo instante, fitando-a com uma expressão de susto e espanto. Regressaram juntas à barraca das recordações, onde Sadie parou e se curvou ligeiramente, como se estivesse a sofrer de dores abdominais.

– Que tens tu? – ouviu Harriet perguntar com preocupação. – Sentes-te doente?

Em vez de responder, Sadie pousou a mão pesadamente no braço da irmã e olhou-a fixamente nos olhos com uma expressão acossada.

– Por favor tenta não fazer essa figura de gorila –

disse Harriet em tom afável, mas Sadie, não obstante reconhecer a justeza do comentário (pois via claramente que se parecia mesmo com um gorila), sentia-se impotente para alterar a sua expressão, pelo menos naquele instante. – Vem comigo – disse por fim, agarrando Harriet pela mão e puxando-a atrás de si com uma força quase brutal. – Tenho uma coisa para te dizer.

Dirigiu-se por um caminho estreito que dava para uma zona densamente florestada da mata, onde pensou que haveria menos probabilidade de serem incomodadas. Harriet seguia-a em passo tão ligeiro e rápido que Sadie não chegava a sentir que a estava a puxar, e a mão da irmã, dobrada dentro da sua própria mão grossa, parecia-lhe frágil como o corpo de um pássaro. Por fim chegaram a uma pequena clareira, onde se detiveram. Harriet desatou um lenço que trazia ao pescoço e limpou a testa.

– Deus meu! – disse. – Está aqui um calor pavoroso. – Ofereceu o lenço a Sadie. – Julgo que é por termos caminhado tão depressa e porque os pinheiros nos resguardam do vento... Primeiro preciso de me sentar e depois vais dizer-me qual é o problema. – Passou por cima de uma árvore caída que atravancava a clareira a todo o comprimento. As raízes, arrancadas, expunham-se de uma maneira chocante, enquanto a parte superior do tronco e a ramagem se encontravam escondidas na mata circundante. Harriet sentou-se; Sadie preparava-se para se sentar ao seu lado quando reparou num denso enxame de moscas perto das raízes. Automaticamente avançou para elas.

– Porque estão aqui? – perguntou a si mesma, e de imediato descobriu a causa: uma lata de feijões aberta, que algum descuidado ali pusera dentro de uma pequena

concauidade na base do tronco. Desviou o olhar com repugnância e olhou para Harriet. A irmã estava sentada sobre a árvore caída, com as costas graciosamente erectas e a cabeça inclinada, na atitude de quem escuta com atenção. A luz filtrada conferia ao seu rosto um ar incrivelmente frágil e juvenil, e Sadie fitou-a com ternura e admiração. Ali na clareira não lhe chegava qualquer som exterior, e ela percebeu, com o coração a latejar, que não podia adiar por mais tempo dizer a Harriet por que viera. Não poderia ter desejado um momento mais favorável ao cumprimento do seu objectivo. A quietude do ar, o isolamento, a luz expectante e meiga no olhar de Harriet, todos estes elementos se deviam ter aliado para lhe devolver a fé – a fé nas suas próprias capacidades de convencer Harriet a voltar consigo para casa e a viver de novo entre eles, tanto de Inverno como de Verão, como sempre fizera antes. Abriu a boca para falar e dobrou-se toda para a frente, agarrando-se ao estômago como se um animal a estivesse a devorar por dentro. Contas de suor enchiam-lhe a testa, e ela firmou-se solidamente no chão, de pés bem afastados, como se o animal estivesse para ser parido. Apesar de ter a visão toldada pela dor, viu os olhos de Harriet, cheios de lágrimas, procurando os seus.

– Não voltemos para o apartamento – disse Sadie, escutando as suas próprias palavras como se estas saíssem, não da sua boca, mas de um poço no chão. – Não voltemos para lá... vamos, tu e eu, por esse mundo... só nós duas. – Um segundo antes de cobrir o próprio rosto para esconder a vergonha, Sadie vislumbrou os olhos de Harriet, impossivelmente próximos dos seus, as pupilas contraídas num ódio tal como nunca vira.

Pareceu a Sadie que a irmã demorava uma eternidade a ir-se dali.

– Vai-te embora... vai-te embora... que eu sufoco.
– Dizia estas palavras num vagido que repetia sem parar, com o rosto enterrado entre as mãos. – Vai-te embora... por favor vai-te embora... eu sufoco... – Não conseguia, contudo, dizer ao certo se pensava as palavras ou se as dizia em voz alta.

Finalmente escutou os passos de Harriet sobre os ramos secos, quando esta se afastava da clareira. Sadie continuou à escuta, mas apesar de a cada passo se seguir um outro, o estalar dos ramos secos não foi diminuindo à medida que Harriet se embrenhava na mata. Sadie soube então que a agonia que estava a sofrer era, ela própria, a temível viagem para o mundo – essa mesma viagem que ela sempre rezeara que Harriet fizesse. Que fosse ela a fazê-la em vez de Harriet não afectava a sua certeza de que tinha chegado o momento.

*

Sadie estava na barraca das recordações a ver umas canoas feitas de casca de vidoeiro. O vento soprava mais frio e mais forte do que há pouco, ou talvez apenas assim lhe parecesse, mal regressada que estava do ar abafado da clareira. Não se lembrava do percurso de regresso através da mata; tinha apenas consciência da pressa de comprar algumas recordações e de partir. Umas correntes de papel presas à parede lateral da barraca como decoração esvoaçavam continuamente de encontro ao seu rosto. O chefe índio sorria-lhe por detrás do balcão das recordações.

– Em que posso ajudá-la? – perguntou.

– Estou de partida – disse Sadie – e por isso quero umas recordações...

– Escolha à vontade; tem canoas de casca de vidoeiro com ou sem postais, cinzeiros em forma de chapéu mexicano, estas almofadinhas, revigorantes e terapêuticas, cheias com agulhas dos pinheiros da região e galhardetes para quarto de rapaz.

– Não há rapazes lá em casa – disse Sadie, que apenas apanhara estas últimas palavras.

– Que tal as almofadinhas... ou as canoas?

Ela assentiu com a cabeça.

– Qual das duas?

– Ambas – respondeu rapidamente.

– Quantas?

Sadie fechou os olhos. Por mais que se esforçasse, não conseguia contar os membros da família. Não lhe ocorria sequer um número aproximado.

– Onze – proferiu finalmente, já em desespero.

– Onze de cada? – perguntou ele, erguendo o sobrolho.

– Sim... sim... – respondeu ela prontamente, afastando do rosto as correntes de papel com uma palmada –, onze de cada.

– Vê-se que não se esquece da familória lá de casa, pois não? – disse ele, começando a juntar as canoas. Fez um embrulho individual para cada uma e embrulhou-as depois todas em papel pardo, que amarrou com um cordel grosso.

Sadie dera-lhe uma nota, e ele tratava agora de tirar do cinto de cobrança o troco certo quando os olhos dela recaíram sobre a mão dele, clara e sardenta. Sobresaltada, desviou o olhar da mão que premia o cinto de

níquel para atentar no rosto cor de tijolo listrado de roxo e vermelhão. Pela primeira vez reparou nos seus olhos azuis de irlandês. A pouco e pouco, o rubor quente da vergonha invadiu-lhe a nuca. Era a mesma humilhação insuportável que havia experimentado na clareira; espalhava-se desde o pescoço até à raiz dos cabelos, colorindo-lhe o rosto de um vermelho-escuro. O facto de, desta vez, sentir vergonha pelo índio, e não das suas próprias palavras, em nada diminuía a intensidade do sofrimento; as fronteiras do seu orgulho nunca tinham sido firmemente estabelecidas dentro de si. Fitou intensamente os olhos azuis do homem, tão estranhamente claros no rosto cor de tijolo. O que seria? Atormentava-a a contemplação de uma incongruência a que não conseguia dar nome. De imediato se lembrou do pavilhão e das pessoas que ali almoçavam; o coração começou a latejar.

– As pessoas vão ver – disse para consigo, em pânico.
– Vão ver, e vão saber que eu também vi. – De algum modo esta última possibilidade era, de todas, a mais perigosa.

– Não poderão nunca saber que eu vi – disse, rangendo os dentes, e debruçou-se sobre o balcão, esmagando algumas canoas com o peito. – Depressa – sussurrou. – Saia a portinhola e venha ter comigo às traseiras da barraca...

Instantes depois, encontrou-o lá.

– Ouça! – E agarrou-lhe a mão. – Temos de nos apressar... Não foi minha intenção vê-lo... desculpe ... há anos que ando a tentar não olhar para si... há muitos, muitos anos... – Fitou-o boquiaberta, com uma expressão de horror. – Por que está aí parado? Temos

que nos apressar. — Dirigiu-se para a ponte, levando o índio atrás de si. Ele seguiu-a rápido, sem uma palavra.

O rugido da água aumentou de intensidade à medida que se aproximavam da outra margem do pego, e Sadie sentiu-se aliviada pelo barulho. Passada a ponte, correu tão depressa quanto podia pelo caminho que dava para as quedas-d'água. O índio seguia logo na peugada, a mão repousando ao de leve na dela, como a de Harriet quando, antes, haviam corrido juntas pela mata. Chegados às quedas-d'água, foi caminhando lentamente ao longo da parede rochosa até ficar por trás da cascata. Com um grito de prazer, inclinou-se para trás de encontro à curvatura da parede, insensível à humidade gelada que a penetrava mesmo através do espesso casaco de lã. Escutou o rugido ensurdecedor das cataratas e o coração quase lhe rebentou de alegria, porque escondera o índio em segurança atrás da cascata, onde não podia ser visto nem ouvido. Voltou-se e sorriu-lhe com afabilidade. Ele sorriu também, e ela já não lhe viu no rosto quaisquer vestígios da incongruência que antes tanto a chocara.

As águas, cheias de espuma, eram muito belas. Sadie deu um passo em frente, estendendo a mão ao índio.

*

Quando Harriet acordou, naquela manhã, todos os vestígios do seu anterior triunfalismo se haviam dissipado. Tinha a certeza de que a tragédia se abateria sobre ela antes que se pusesse a caminho das Quedas de Pocahontas. Desalentada e com as mãos a tremer de agitação, começou a preparar a mochila. O almoço com Sadie era um penhasco inacessível que não tinha forças

para escalar. Quando chegou a vez de três almofadas redondas que tinham que ser metidas em capas impermeáveis, desistiu com um queixume e saiu a correr da cabana, em busca de Beryl.

Felizmente que a Beryl servia às mesas no segundo turno, pelo que foi encontrá-la a ler uma revista, com uma perna sobre o braço da cadeira.

– Não consigo fazer a mochila – disse Harriet em histeria, irrompendo pela cabana de Beryl sem sequer bater à porta.

Beryl rodou a perna e levantou-se da cadeira.

– Eu faço-lhe a mochila – disse com voz calma, batendo com o cachimbo para tirar o tabaco. – Eu tinha lá aparecido hoje de manhã, mas ontem à noite disse que queria fazê-la sozinha.

– É a Sadie – queixou-se Harriet. – É aquele maldito almoço com a Sadie. Não consigo levá-lo por diante. Sei que não consigo. Para começar, nem sequer devia ter que ir. Ela nem tinha nada que cá estar... Sou burra...

– As irmãs que vão para o inferno! – disse Beryl. – É dar-lhes a todas um bom pontapé nos fundilhos.

– Ela vai acabar por impedir que eu faça a minha viagem de canoa... Sei que vai... – Harriet assumira o tom choramingas de uma rapariguinha.

– Não vai nada – disse Beryl, com autoridade.

– Porque não? – perguntou Harriet, lançando a Beryl um olhar triste mas ansioso.

– É melhor ela não se pôr com avarias... disse Beryl. – Já ouviu falar de *jiu-jitsu*? – grunhiu de satisfação. – Vamos, fazemos juntas a mochila. – Estava tão contente com o novo estado de dependência de Harriet que se

lhe tornava fácil superar a sua própria timidez inicial. Uma hora depois estava feita a mochila, e Harriet vestida e pronta para sair.

– Vens comigo até à barraca das recordações? – implorou à criada. – Não quero encontrar-me com ela sozinha. – Os seus nervos estavam piores do que nunca.

– Vou também – disse Beryl – mas no caminho paramos na minha cabana para eu vestir a farda. Daqui a pouco entro de serviço.

Chegaram à barraca com cerca de vinte minutos de atraso, pelo que Harriet ficou bastante surpreendida por não ver lá Sadie.

– Talvez tenha estado aqui e tenha voltado à pousada por um instante – disse para Beryl. – Vou saber. Dirigiu-se ao balcão das recordações e interrogou o índio, que já conhecia vagamente. – Timothy, esteve aqui alguma mulher à espera há um bocado? – perguntou.

– Uma mulher de meia-idade, muito morena?

– Isso.

– Esteve aqui uma hora ou mais – disse ele – sem nunca sequer sair aqui da tenda até há coisa de quinze minutos.

– Ela não ia ficar aqui uma hora! – rebateu Harriet. – Não é coisa da minha irmã... Eu disse-lhe uma e meia, e ainda nem duas são.

– Então não seria a sua irmã. A mulher que aqui esteve ficou mais de uma hora, sem se mexer. Reparei nela porque foi muito esquisito. Reparei nela primeiro quando a vi da minha cadeira, na ponte, e depois quando vim cá para cima ainda ela estava de pé junto à barraca. Deve ter aqui estado para cima de uma hora.

– Então seria outra mulher de meia-idade.

– Pode ser – concordou ele –, mas seja como for, esta foi embora há coisa de quinze minutos. Depois daquele tempo todo ali em pé, de repente voltou-se e comprou-me uma data de recordações... depois, quando eu estava a tirar o troco do cinto, ela disse qualquer coisa que não consegui entender – parecia polaco – e desandou na direcção da ponte antes que eu lhe pudesse dar um centavo que fosse. Aquela mulher é de impulsos – acrescentou, num sorriso largo. – Se é sua irmã, dou-lhe a si o troco, para o caso de ela não passar por aqui ao voltar... Mas a mim pareceu-me polaca.

– Beryl – disse Harriet – vai a correr pela ponte e vê se ela está por trás das quedas-d'água. Tenho a certeza que a tal polaca não era a Sadie, mas podem lá estar as duas... Se ela não estiver, procuramos na pousada.

*

Quando voltou, Beryl vinha branca como a morte; olhou para Harriet fixamente, em silêncio, e mesmo quando Harriet finalmente a agarrou pelos ombros e a abanou com força, não conseguiu dizer nada.

E.M. Forster

O obelisco

Tradução de Elsa Margarida de Sousa

Revisão de Luísa Costa Gomes

E.M. Forster (1879-1970). Edward Morgan Forster nasceu em Londres. Em 1897, entrou para o King's College, em Cambridge, tendo sido eleito Membro Honorário em 1946. Considerado pelo *Times*, no seu obituário "um dos romancistas ingleses mais estimados do seu tempo", Forster declarou numa entrevista: "Não escrevi tanto quanto gostaria... Escrevo por duas razões: em parte, para ganhar dinheiro, e em parte para ganhar o respeito das pessoas que eu respeito... É melhor acrescentar que tenho a certeza de que não sou um grande romancista." É autor de seis romances, quatro dos quais publicados antes da I Guerra Mundial: *Where Angels Fear to Tread* (1905), *The Longest Journey* (1907), *A Room with a View*, de 1908 (*Um quarto com vista*, Labirinto, 1986), e *Howard's End* de 1910 (*A mansão*, Círculo de Leitores, 1992). Passariam 14 anos até publicar *Passage to India* (*Passagem para a Índia*, Europa-América, 1988), obra que lhe valeu o Prémio *Femina Vie Heureuse* e o *James Tait Black Memorial Prize*. *Maurice* (Cotovia, 1989), o seu romance que aborda a homossexualidade, terminado em 1914, foi publicado postumamente, em 1971. Publicou dois volumes de contos, duas compilações de ensaios e *Aspects of the novel* (*Aspectos do romance*, Editora Globo, Brasil, 1969), que reúne as suas *Clark Lectures* na Universidade de Cambridge. Com Eric Crozier, escreveu o libreto para a ópera de Benjamin Britten, *Billy Budd*, a partir da novela homónima de Melville. Forster era um dos escritores do célebre grupo de Bloomsbury, de que também faziam parte Virginia e Leonard Woolf e Lytton Strachey, entre outros. *O Obelisco* é um dos contos de *The Life to Come and Other Stories*, publicada pela Edward Arnold em 1972.

Ernest era um mestre-escola, e muito, muito pequeno; era como se tivesse casado com um boneco, pensava às vezes Hilda, e, ainda por cima, com olhos de vidro. Ela era maior: suficientemente alta para parecerem ridículos a descer o paredão mas não o bastante para ter um ar digno quando sozinha. Acalentava algumas aspirações; considerando o exterior atarracado, ninguém diria. Ansiava por um passeio de *Rolls-Royce* com um xeique, mas não se pode ter tudo, nem por sombras, nem sequer se pode ser jovem para sempre. É melhor ter um lar que seja seu, que dactilógrafa toda a vida... Hilda não falava tão bem quanto devia e o marido não tinha pejo em corrigi-la. Nunca esquecerá – algo tão insignificante, contudo, não conseguia esquecê-lo –, nunca esquecerá aquela noite, durante a lua-de-mel, quando ela dera um erro de gramática acerca da posição relativa dos respectivos membros.

Ele pedia-lhe agora que decidisse se haviam de sentar-se no abrigo ou caminhar até ao obelisco. Tinham tempo para fazer ou uma coisa ou a outra, antes de o autocarro partir, mas não para as duas.

– Será melhor sentarmo-nos – respondeu. Mas, assim que se encontraram no abrigo, olhando para o mar diminuto e descolorido, ela desejou ter escolhido o obelisco.

– Onde é que fica? Para que é? A quem foi erigido? – perguntou ela.

– Não sei, presumo que a algum notável da terra. Quanto à sua localização, fica no topo da vila, na direcção da falésia.

– *Tu* gostarias de ir até lá?

– Francamente, não me parece. Os sapatos apertam-me um pouco.

– Sim, talvez seja melhor ficarmos aqui, e depois um chá. Sabes se fica muito longe?

– Não sei dizer.

– Até pode ser perto. Talvez pudesses perguntar a estas pessoas. – Baixou a voz para não ser ouvida pelas pessoas em questão: dois marinheiros que estavam sentados do outro lado da divisória de vidro.

– Não me parece que consiga – disse Ernest timidamente; um déspota no lar e na escola, sentia-se atarracado face a tudo o que não lhe fosse familiar.

– Porque não?

– Eles não sabem.

– Podem saber.

– Aqui não há nenhuma base naval, Hilda, são meros visitantes, como nós, nenhum navio atraca numa pequena estância balnear.

Limpou as lunetas com o bafo e colocou-as entre si e o mar.

– Pergunto-lhes eu?

– Com certeza, se quiseres.

Hilda abriu a boca para falar aos marinheiros, mas não saiu nada.

– Pergunta tu, parece melhor – sussurrou.

– Eu não quero perguntar, e não vou perguntar, já expus as minhas razões e se és incapaz de compreender, não posso fazer mais nada.

– Pronto, querido, não te exaltes. Não tem importância, tenho a certeza de que não quero ir ver o teu obelisco.

– Ora, nesse caso, por que queres informar-te de como lá chegar? E porquê o “meu” obelisco? Desconhecia que tinha um.

Zangada e contrariada – o Ernest desorientava mesmo uma pessoa —, decidiu-se a falar com os marinheiros para provar a sua independência. Reparara neles quando se sentara, num deles em particular.

– Desculpe, por favor – começou.

Eles riam-se de qualquer coisa e não a ouviram.

– Por favor, faziam a fineza de nos dizer...

Sem resposta.

Levantou-se e disse para o marido:

– Oh, vamos embora, detesto este lugar.

– Com certeza, com certeza – disse ele, e afastaram-se, descendo pelo paredão num silêncio ofendido. Hilda, que não tivera razão, cedo se sentiu envergonhada. Que diacho a levava a comportar-se assim, questionou-se; fora quase uma discussão, e tudo por uma ninharia. Decidiu nunca mais voltar a referir o maldito obelisco.

Tal estava destinado a não acontecer, porque ele surgia num letreiro, “Para o Obelisco e Falésia”, e uma seta apontava para uma brecha nas falésias arenosas. Ela teria passado ao lado, mas Ernest estacou.

– Acho que afinal... Acho que havia de querer ir, se não tens nada contra – disse numa voz que se queria conciliadora. – Podia falar dele à turma, na segunda-feira. Tenho muita falta de material.

Voltando-se para trás, Hilda olhou para o abrigo onde tinham estado sentados. Via as longas pernas escuras dos marinheiros esticadas fora do abrigo; salvo isso, o paredão estava praticamente deserto.

– Não, claro que não me importo – disse ela.

– Excelente, excelente, magnífico.

Ele ia à frente. O mar, tal como estava, desapareceu, e começaram a subir uma espécie de ravina lamacentosa – não era romântico, embora Hilda tentasse fingir o contrário. Sobre eles pendiam rochas que não eram lá muito grandes e, da lama, ressumava um regato. O tempo estava abafado e, ao longe, ouvia-se o ronco de um avião. Hilda repreendeu-se: o que quer que fizessem nessa tarde, ela queria estar a fazer outra coisa qualquer. Ernest era mesmo simpático! E autêntico! E sincero! Se ao menos não tivesse uma testa tão protuberante, e sobre ela houvesse um pouco mais de cabelo, se os sapatos não fossem tão pequenos e amarelos, se ele tivesse olhos de falcão e um nariz aquilino, e uma garganta musculada e bronzeada... Não, não, isso era pedir de mais, tem de se manter dentro dos limites. Não deve desejar uma garganta musculada, ou que braços imprudentes a abracem e ela se perca irremediavelmente... Era o que dava ver aqueles filmes...

– Isto é realmente mesmo bonito, não achas – exclamou ela ao dobrarem uma curva e depararem com uma profusão de amoras silvestres ainda verdes.

– É expressão que não usaria para o descrever.

– Estou realmente mesmo contente por não termos ficado naquele horrível abrigo.

– Por que repetes “realmente mesmo”?

– Oh, desculpa. Eu fiz isso? O que deveria eu realmente mesmo não ter dito?

– Não, não, não estás a perceber. O que está em questão não é o “o que realmente mesmo”, mas o “realmente mesmo” em si. A expressão é desnecessária. Não entendo como é que se tornou tão popular. Está a espalhar-se em meios onde não seria de esperar. É curioso. Tenta lá formar uma frase em que “realmente mesmo” não seja redundante.

Ela tentou, mas o pensamento fugiu-lhe para aquela noite desastrada em que Ernest a censurara de um modo bastante semelhante, fizera com que sentisse que não valia nada, a humilhara, e, em seguida, tentara acariciá-la, e ela não o suportara. Aí a culpa fora dele, mas a culpa era dela se agora se melindrava, ela queria ser realmente culta e aqui estava ele a ajudá-la. Arrependida, olhou para a cara dele – em forma de pêra, cor-de-rosa, com gotas de suor e rematada com um chapéu demasiado pequeno –, e decidiu melhorar a sua gramática e amá-lo de verdade.

Houve um restolhar atrás deles e os dois marinheiros apareceram a subir o carreiro muito depressa, como macacos.

– Que pretendem estes indivíduos daqui? Não estou a gostar disto – exclamou Ernest.

Estacando de repente, eles sorriram revelando dentes deslumbrantes. Um deles – não aquele em que ela reparara – disse:

– Vamos bem para o Oboblisco, amigo?

Ernest estava nervoso. O lugar estava deserto, o caminho era estreito e, onde quer que fosse, ele nunca se sentiria descontraído entre pessoas cujos corpos eram tão diferentes do seu. Mais afectado do que o habitual, respondeu:

– Obelisco. A placa no paredão diz “Para o Obelisco e Falésia”. Receio bem não poder dizer-vos mais nada.

– Chamavasse-o de Ob e pronto, não?

– Obrigado, senhor. Obrigado. Obrigado, minha senhora – disse o outro marinheiro. Era um tipo muito superior, com uma voz educada e uma postura galante e, quando Hilda se desviou para os deixar passar, fez-lhe continência. – Com sua licença, senhor – e virando-se para trás exclamou, como se o carreiro e, mesmo a ravina toda fossem propriedade privada de Ernest: – Desculpe incomodá-lo, mas pensámos dar um passeio, aproveitar ao máximo o pouco tempo que estamos em terra, sabe como é.

– Parece-me sensato – disse Ernest, que recuperava do sobressalto e gostava que o tratassem por “senhor”.

– Para variar um bocadinho. Tens um cigarro, Tiny?

O outro marinheiro procurou na blusa.

– Esqueceu-se-me deles outra vez – respondeu.

– Ora, que...

– Qualquer dia ainda se me esquecem destes aqui...

– Isto é que é um companheiro simpático, o senhor não concorda? Prometeu que trazia um maço e depois deixa-nos ficar mal!

– Nesse caso, tome um dos meus – disse Ernest.

– Não, não posso fazer isso, senhor. Mas é muito amável da sua parte, ainda assim.

– Oh, vá lá, homem, tire um.

– Não, senhor. Eu não sou nenhum “crava”.

– Oh! – disse Ernest, bastante surpreso.

– Tire um. O meu marido tem bastantes.

– Não, obrigado, minha senhora, é melhor não.

Ele era orgulhoso e determinado, e trespassou-a um latejar de prazer onde havia também desespero. Sentiu-o a olhar para ela e virou-se para inspeccionar as amoras silvestres. Daí a pouco, ele prosseguiria, lesto, subiria pelo carreiro com o seu companheiro, e desapareceria como se céu adentro.

– E você? – perguntou Ernest ao marinheiro com o estranho nome de Tiny.

Tiny não tinha escrúpulos desses. Esticou a pata enorme com um sorriso e um grunhido. O marinheiro “dela” abanou a cabeça e mostrou-se algo desdenhoso.

– Não há nada a que o Tiny diga não, não é, Tiny? – comentou ele.

– O Tiny é um indivíduo sensato – disse Ernest. No seu comportamento educado, embora jovial, os marinheiros tinham-no tranquilizado bastante. Agora dominava a situação e portava-se como se estivesse a dar uma aula ao ar livre aos rapazes mais velhos. – Vá, Tiny. – Estendeu um fósforo para os lábios expectantes.

– Estou-lhe realmente mesmo agradecido – respondeu Tiny.

Hilda deu um cacarejo. Era o “realmente mesmo”, a expressão proibida. Os marinheiros também se riram,

e o Ernest. Ele tornara-se extraordinariamente afável. Surpreendeu-a ao dizer:

– Oh, Hilda, peço imensa desculpa, eu para aqui a fumar e ainda não te perguntei se também queres.

Era a primeira vez que a convidava a fumar em público. Julgando que estava a testá-la, ela declinou, mas como ele voltou a perguntar-lhe, tirou um.

– Estou realmente mesmo... Peço imensa desculpa.

– Não tem importância, querida. Alguém me dá um fósforo?

O marinheiro “dela” sacou uma caixa do peito. Tiny, igualmente educado, soprou na ponta do cigarro, estendendo-lho. Ela sentiu-se atordoada, emaranhada em braços azuis, deslumbrada com a carne rosa-avermelhada e bronzeada, embriagada com o vigor, a salinidade, o desconhecido. E quando se libertou, foi para o seu marido. O marinheiro “dela” continuava a segurar o fósforo aceso que ela usara.

– Afinal, posso mudar de ideias e aceitar um dos seus cigarros? – perguntou ele calmamente.

– Claro, claro, vamos lá, todos à uma, e cada um com um.

Ele tirou um cigarro, usou o fósforo aceso, de seguida, com um sopro apagou o fósforo e guardou-o junto ao peito. O fósforo que tinham partilhado – ali estava... junto a ele, escondido nele, a salvo... Ele olhou para ela, tocou na blusa, sorriu levemente e afastou o olhar, fumando. Nesse instante, o sol brilhou e fez-se uma tarde agradável.

Também ela desviou o olhar. Havia algo de perigoso no homem, algo de ave de rapina. Ele marcara-a para o seu propósito sinistro; teria de ter cuidado, como

qualquer outra heroína. Se ao menos ele não fosse tão bonito, bonito de uma forma tão pouco convencional.

– Agora quem é que diz não, Stan? – gargalhou o companheiro.

Então chamava-se Stan... Stanley, talvez. O que levava um homem destes a alistar-se na Marinha? Talvez alguma complicação em casa.

– O Stan é sensato, não implique com o Stan – disse Ernest num tom estridente.

Prosseguiram para o Obelisco numa formação suficientemente segura: os dois marinheiros à frente, Hilda atrás do traseiro de Tiny, do qual nada tinha a recear. Aos poucos, a ordem alterou-se – por culpa de Ernest. Ele estava exultante com o seu sucesso e continuava a aborrecer os homens com perguntas sobre o trabalho deles. Tiny recuou para lhes dar resposta, mas estava mal informado. Por isso, “Stan” juntou-se-lhes e ela continuou em frente. Era mais agradável do que ela esperara – todos bem dispostos, incluindo o seu marido. Mas continuava a desejar não ter vindo.

– É estranho, um dia em terra – disse a voz calma e sedosa. Aparecera furtivamente por trás dela (desta vez, nenhum restolhar). Ela voltou-se e os olhos dele percorreram-lhe o corpo de cima a baixo.

– Estranho como? Não estou a compreender.

– Mal sabemos o que fazer connosco. É como se sássemos da prisão, acaba a disciplina, encontramos um companheiro de bordo que, por acaso, também está de licença, e vamos com ele, apesar de nada termos em comum, ele quer ir ao cinema, então vamos, ele acha que lhe apetece dar um passeio, então vamos, ele pergunta o caminho a desconhecidos, resultado, também

eu lhes imponho a minha companhia. É uma vida estranha, a da Marinha. Nunca estamos sozinhos, nunca somos independentes. Não gosto de me atracar às pessoas como faz este rapaz com quem estou. Já lho disse antes, mas ele faz graça de tudo.

– Porque se chama Tiny?

– Só por ser tão imenso. Mais uma graça. Sabe como é, e como é cansativo. Ainda assim, suponho que a vida não é um mar de rosas, seja onde for.

– Não, não é, não.

Ela não devia ter feito tal comentário e ficou feliz por ele o ignorar, prosseguindo:

– E têm de me chamar Stan, embora o meu nome seja na verdade Stanhope.

– Stanhope?

– Era o nome de família da minha mãe. Viemos de Cheshire. Mas, tudo isso acabou, e eu sou o Stan.

Havia na voz dele uma ponta de melancolia, tornando-a fatalmente atraente. Apesar daquela sua jovialidade, ele sofrera, sofrera... Quando ela deitou fora o cigarro, ele fez o mesmo, e, suavemente, levou a mão ao peito.

Isto assustou Hilda. Ela não queria cá disparates e sugeriu que esperassem pelo marido. Obedecendo, ele voltou-lhe o perfil enquanto esperavam. Assim ainda parecia mais bonito que de frente, a testa era tão nobre, o nariz e o queixo tão firmes, os lábios tão delicados, a cabeça tão encantadoramente assente no pescoço musculado, um delicioso tom de pele impossível de descrever. No entanto, lá vinha o Ernest, dobrando a curva qual formiguinha alegre. Trazia na mão a boina de Tiny e fazia-lhe perguntas acerca do seu traje naval.

– Vamos avançar mais? – bradou ela.

– Acho que sim. Porque não?

– Isto está a tornar-se cá uma subida...

– Temos muito tempo, tempo em abundância, antes da partida do autocarro.

– Sim, mas devemos estar a atrasar estes cavalheiros; tu e eu andamos tão devagar.

– Não me apercebi de que estava a andar devagar. Stan, está com pressa? – bradou com familiaridade.

– Pelo contrário. Bem pelo contrário, senhor, obrigado.

– E o Tiny?

– Pressa de quê?

– Querem prosseguir sem nós?

Reconhecido a Hilda por tratá-lo por “cavalheiro”, disse com um generoso sorriso:

– Desculpe lá, como é qu’ele se chama? – apontando Ernest, como se ele fosse algum animal raro e não pudesse responder.

– O meu marido chama-se Ernest.

– Acham que o chapéu dele me serve? – Lançou a mão para tirar o chapéu dele me serve? – Lançou a mão para tirar o chapéu mole de Ernest, mas Stanhope impediu-o com uma palavra calma de repreensão. Nervoso, Ernest recuou um passo. – Amigo, eu não lhe faço mal. Amigo, migo, migo, meu compincha, pincha, pincha – disse como se estivesse a dar de comer às galinhas.

– Há pessoas que abusam sempre; estragam tudo. É uma pena – comentou Stanhope para ela ao retomarem a caminhada.

Era bem verdade! Embora até aí o Tiny a tivesse divertido, Hilda sentira igualmente um prazer cruel

quando a cobardia de Ernest fora exposta. Sorriu e sentiu-se inteligente, não se apercebendo de que Stanhope caminhava agora atrás dela, precisamente o que ela queria evitar.

– Parece que o meu marido e ele estão a dar-se bastante bem – disse.

– O Tiny está sempre pronto a fazer-se de parvo, dia sim, dia também. Não compreendo. Acho que o problema deve ser meu.

– Uma pessoa cansa-se bastante do que é sempre igual, penso eu.

Ele não ofereceu qualquer opinião e, durante cinco minutos, caminharam em silêncio. O carreiro estava bem assinalado e não era íngreme e entre as rochas cresciam muitas flores bonitas, amarelas e cor-de-rosa. Vislumbrava-se o mar, dançando azul; o avião transformou-se numa gaiivota. Aos poucos, aumentava o intervalo que separava os dois marinheiros.

– Por que se alistou na Marinha? – perguntou Hilda de repente.

Ele contou-lhe – era fascinante. Vinha de boas famílias – isso já ela adivinhara! – mas queria conhecer o mundo. Aos dezoito anos abandonara um trabalho fácil num escritório. Disse-lhe o nome do escritório. Por acaso ela até já tinha ouvido falar, nos seus tempos de dactilógrafa e, de imediato, foi possuída por um sentimento de segurança. Claro que ela estava em segurança com ele – ridículo. Ele desfiou nomes de portos, conhecidos e desconhecidos. De perto não era assim tão novo, mas Hilda não gostava de homens muito novos; não tinham um ar distinto e o sonho dela era a distinção. Agradavam-lhe mais estas feições bem marcadas, este

cabelo negro de azeviche, contrastando com a alva risca da boina de marinheiro, mas grisalho nas têmporas. Ah! e aqueles olhos, olhos cruéis, olhos meigos, meigos, cruéis, oh!, queimavam, fixos nos ombros dela, seria pior se se voltasse e os encarasse. E ela tão atarracada! Tentou controlar-se e apoiar-se no seu sentido do decoro, que era considerável e sólido. Um grupo de pessoas vinha a descer e passou por eles – era apenas uma extensão do paredão. – Não, Hilda, ninguém assim vai dar-se ao trabalho de te seduzir – disse para si.

– Suponho que não a posso convencer a... – disse ele. Tirou uma cigareira da blusa e abriu-a.

– Mas julgava que não tinha cigarros – exclamou ela.

Num gesto súbito, fechou a cigareira, guardou-a e disse:

– Apanhado!

– O que quer dizer com isso? Porque pediu um cigarro quando tinha esses todos?

– Recuso-me a responder a essa pergunta. – Ele sorriu.

– Eu quero saber. Tem de me responder. Diga-me! Oh, vá lá! Diga-me, vá.

– Não, não digo.

– Oh, você é horrível.

– Sou? Porquê?

A ravina tornara-se mais agreste, quase bela. O caminho sobranceava arbustos densos e árvores baixas. Hilda sabia que deviam esperar novamente por Ernest, mas o corpo impelia-a a continuar. Ela repetiu:

– Tem de me dizer. Insisto.

Ele coagiu-a a avançar mais depressa à sua frente. De seguida, disse:

– Muito bem, mas prometa-me que não fica zangada.

– Eu já estou zangada consigo.

– Sendo assim, mais vale dizer. Fingi que não tinha cigarros na esperança de que o seu marido me oferecesse um.

– Mas porquê? Você recusou quando ele o fez.

– O que eu queria não era um cigarro. Agora suponha que está zangada. Eu não queria continuar e essa era a minha única hipótese de pararmos. Por isso, pedi um cigarro ao Tiny. Sabia que ele não teria; é sempre assim. Eu queria... – Tirou o fósforo apagado do bolso. – É melhor deitar isto fora agora, não é? Ou vai zangar-se outra vez.

– Não estou zangada, mas, por favor, não se ponha com tolices.

– Há coisas piores do que a tolice.

Hilda ficou calada. Os joelhos tremiam-lhe, o coração martelava mas ela avançou depressa. Não sabia se ele deitara fora o fósforo ou não. Depois de uma pausa, ele declarou numa voz bastante diferente:

– Já fiz conversa a mais, sabe. É a sua vez de falar.

– Não tenho nada para dizer – disse ela, a voz a falhar. – Nunca nada me acontece, nada acontecerá, eu... Sinto-me tão estranha.

Ele parecia puxá-la ora numa direção ora noutra. Se ao menos ele não fosse tão adorável! Ele tocou-lhe com a mão. Quase sem que ela se apercebesse, conduziu-a para fora do carro, fazendo-a descer para o meio dos arbustos.

Uma vez aí, estava perdida. Com o pretexto de a tranquilizar, ele aproximou-se. Convenceu-a a sentar-se. Hilda pousou-lhe a mão na blusa para o afastar, e a

mão deslizou até à garganta. Era tão delicado como forte; o problema era esse; ela não sabia como resistir-lhe, e aqueles olhos, suplicantes, devoradores, suplicantes. Ele deitou-a. Um pequeno declive de erva, pouco maior que um divã, era o cenário da sua tibia resistência. Para além do azul-escuro dos ombros dele, podia ver o azul do mar e em redor, cobertos de flores, arbustos densos e espinhosos e ela deixou-o fazer o que ele queria.

– Fique quieta – sussurrou. – Eles vão a passar.

Do carreiro chegava o som de passos.

– Não fale ainda. – Ele continuava a agarrá-la, de queixo erguido, à escuta. – Agora já passaram, mas fale baixinho. Está tudo bem. Ele não vai ficar a saber. Eu arranjo uma história. Não se preocupe. Não chore.

– A culpa é sua, você obrigou-me...

Ele riu suavemente, não o negando. Passando-lhe os braços inesperadamente ternos pelas costas, ergueu-a. Deixou-a dizer o que quisesse, desde que não o dissesse muito alto e, de vez em quando, acariciava-lhe o cabelo. Ela acusou-o, enalteceu Ernest, repetindo:

– Não sou de todo aquilo que pensa que eu sou.

Ele limitava-se a dizer:

– Não faz mal – ou – Não vai ter qualquer problema, juro, juro, e não chore –, ou – Eu brinco com as pessoas – sim. Mas nunca decepcionei uma mulher. Olhe para mim. Faça o que lhe digo! Hilda, olhe para mim.

Ela obedeceu. A cabeça descaiu para o ombro dele, e ela deu-lhe um beijo. Pela primeira vez na vida, sentiu que valia alguma coisa. A sua humilhação evaporara-se, para nunca mais voltar. Ela agradara-lhe.

– Stanhope...

– Sim, eu sei.

– O que sabe você?

– Estou à espera até que seja absolutamente seguro. Sim.

Esteve um bocado abraçado a ela, depois voltou a deitá-la na erva. Ela estava conscientemente a enganar o marido, e era divino. Assumiu o comando, ordenando ao misterioso estranho, à estrela de cinema, ao xeique, o que fazer; por um momento, ela foi uma rainha e ele o seu escravo. Saíram das profundezas juntos, aliados. Ele ajudou-a a levantar-se e depois virou-se para outro lado, por respeito. Ela detestava a vulgaridade, e nada do que ele fazia lhe causava desagrado.

Quando regressaram ao carreiro, ele expôs os seus planos.

– Hilda, não vale a pena irmos até ao Obelisco – disse. – É demasiado tarde, eles passaram-nos à frente e vamos cruzar-nos quando vierem a descer. Ele vai querer saber como é que passaram por nós sem nos ver e se a Hilda tem uma explicação para isso, eu não tenho. Não. Temos de regressar e esperar por eles no paredão.

Ela ajeitou o cabelo – tinha óptimo cabelo...

– Inventar uma história qualquer quando eles chegarem. Confundi-los. Não conseguiremos fazê-lo se os encontrarmos, frente a frente, neste carreiro. Deixe comigo – eu baralho-os num instante.

– Mas como? – disse hesitante, ao iniciarem a longa descida.

– Logo saberei quando os vir. Comigo é sempre assim.

– Não acha melhor esconder-se aqui e eu descer so-

zinha? O nosso autocarro não tarda a partir, então estará a salvo.

Ele abanou a cabeça e mostrou os dentes, alegremente trocista.

– Não, não. Eu sou melhor do que a Hilda a inventar histórias, não confio em si. Siga as minhas ordens, não faça perguntas e tudo correrá bem. Juro que sim. Vamos sair-nos bem.

Sim, ele era maravilhoso. Poderia recordar esta aventura galante, principalmente de noite. Conseguia agora pensar no Ernest com carinho. Seria capaz de tolerá-lo quando ele fizesse uma das suas observaçõezinhas injustas, ou uma das suas outras asneirazinhas. Hilda realizara o seu sonho, e o que as pessoas diziam era falso, e o que os filmes diziam era verdade: valia a pena, compensava ser agarrada, uma vez que fosse, pelos braços certos, ainda que tal não voltasse a acontecer. Ela conseguira o que ambicionara, e fora tal como ambicionara; não uma estalada na cara; não uma transacção... Sempre ansiara por um amante que fosse simpático *depois* – que não se afastasse como um bruto satisfeito, como era de esperar dos homens bonitos... Stanhope era – como é que se diz...? um cavalheiro, um cavaleiro andante, um tipo fantástico... Ah, não há palavras. Os olhos de Hilda marejararam-se de lágrimas felizes de felicidade.

Seguindo à frente dela, lesto, em direcção ao paredão, deu-lhe as últimas indicações.

– Siga as minhas deixas; lembre-se de que não fizemos nada que não devêssemos ter feito, não se esqueça de que será muito mais fácil do que pensa, e não perca a cabeça. É mais fácil dizer do que fazer, mas ainda

assim, não perca a cabeça. E se não conseguir fazer mais nada, finja-se surpreendida. O que há a fazer é sentarmo-nos calmamente no paredão e esperar.

Mas não teriam de esperar. Ao saírem da brecha nos rochedos, viram Ernest num banco e Tiny debruçado sobre o gradeamento do paredão, a olhar para o mar. Num feixe de nervos, Ernest deu um salto e gritou:

– Hilda, Hilda, onde é que estiveste? Porque não estavas no Obelisco? Procurámos-te lá, procurámos por todo o lado ao descer...

Antes que ela pudesse responder, antes mesmo de Ernest terminar, Stanhope lançou um violento contra-ataque.

– O que é que lhe aconteceu, senhor? Fomos até ao Obelisco e esperámos, depois, ao regressar, não parámos de gritar e chamar. A senhora tem estado tão preocupada, pensou que tivesse havido um acidente. O senhor está bem?

Arrogante, magnífico e credível, ele continuava a encurralar Ernest com perguntas, sem dar tempo para as respostas.

– Impossível, Hilda, não podes lá ter estado ou eu ter-te-ia visto.

– Estivemos lá, vimos bem as vistas, esperámos por vocês e depois descemos. O que nos surpreendeu foi não vos termos encontrado no carro.

– Hilda, tu estiveste mesmo...

Nesta altura já ela percebera a deixa e ouviu-se dizer, muito ao longe, num tom bastante convincente:

– Ah, sim, nós fomos até ao Obelisco.

E ele acreditou, ou três-quartos dele acreditaram em Hilda. Que vergonha, mas que alívio! Era a primei-

ra mentira que lhe contava, e era improvável que viesse a contar-lhe uma pior. Sentiu-se mesmo estranha – não envergonhada, mas tão bizarra –, e Stanhope continuava com a sua intrujice. O vento levantava-lhe o caracol escuro da testa e o colarinho. Parecia a verdadeira fina flor da Marinha Britânica, enquanto mentia e mentia.

– Não consigo compreender – repetiu. – É um alívio saber que está tudo bem, mas não nos termos cruzado ao descer... Não percebo, estou atónito, é o que se pode dizer. Ora, diabos me levem.

– Também me intriga, mas não se ganha nada em prolongar esta discussão. Hilda, vamos para o nosso autocarro?

– Não quero que vás sem estares satisfeito – voltou ela. Um passo em falso, apercebeu-se disso assim que acabou de falar.

– Não esteja satisfeito? Eu estou perfeitamente satisfeito. O que pode não me ter satisfeito? Apenas sou incapaz de entender como não te encontrei ao chegar ao monumento.

Hilda não se atrevia a ir-se embora com ele no estado em que estavam as coisas. Não sabia como inventar os pormenores da mentira, estava tudo num grande emaranhado. Assustada, refugiou-se na indignação:

– Alguma vez terás de entender, mais vale que seja agora – disparou.

O amante olhou para ela com ansiedade.

– Bem, seja como for, temos de ir.

– Como é que tu explicas isto, Tiny? – perguntou Stanhope, no seu magnífico modo autoritário, para criar uma diversão.

Tiny levantou um calcanhar e não deu resposta.

– Há-de ser difícil ele resolver um problema que nos deixa a nós os três desorientados, mas é tão estranho que a subir vocês fossem à frente no carreiro, mas a descer chegassem uns bons dez minutos atrás de nós – expôs Ernest.

– Anda lá, Tiny. Tens língua, não tens, amigo? Estou a fazer-te uma pergunta. Não fiques aí especado feito asno.

– Vista mare-vilhosa – disse Tiny, voltando-se e estendendo os seus enormes braços azuis para a direita e para a esquerda, ao longo do gradeamento do paredão.

– Talvez estavas a mostrar o Ob à senhora.

– Claro que inspeccionámos o monumento. Bem sabes. Não respondeste à minha questão.

– Espero que o tenhas feito como deve de ser, já que lá estavas, Stan. Não vale guardar uma coisa dessas só para ti, sabes. Ern, porque chamam àquilo ob?

– Obelisco, obelisco – disse Ernest com uma careta, visivelmente mais ansioso por partir.

– Obliscu, foi o que você disse.

– Eu não disse nada disso.

– Foi o que você disse: obliscu.

O gigante sorria generosamente, bem-humorado, e parecia ignorar de todo que se passara algo de errado. Mas como são diferentes os marinheiros! No caso de Tiny, como era feia a garganta avermelhada do sol, e a linha dos ombros largos em contraste com o mar! Realmente, Tiny era bastante vulgar e não devia responder mal às pessoas.

– Algum de vocês já veram um maior? – inquiriu ele.

Ninguém respondeu. E como poderiam responder a uma pergunta tão idiota?

– Fica mesmo em pé, não é? – prosseguiu.

Ficou tudo calado.

– Não admira que chamem àquilo agulha, aquilo deve picar e bem.

– Acaba já com essa conversa infernal – explodiu Stanhope, que parecia desnecessariamente ofendido, mas oh! era tão bonito, e os seus olhos negros chispavam tanto; ficava contente por vê-lo zangado e ter mais essa recordação.

– Stan, Stan. O que se passa, Stan?

– Se tornas a falar, esmurro-te essa cara.

– Já veram um maior... um obuliquisto maior, quero eu dizer. Eu só disse isso. Porque eu já vi. A Agulha de Quilopatra é maior. Então? Então? Por que estão todos especados a olhar para mim? O que julgavam que ia dizer? Uhm? Oh, olha o pequeno Ern, não é que ele está a corar? Oh, olha o Stan. Olhe lá para eles, dona.

De facto, Hilda reparou que os dois homens mais velhos ficavam das cores mais extraordinárias: o amante arroxeadado, o marido rosa-vivo. E ela própria não gostava do tom da conversa, mal sabia porquê e receava que, se se prolongasse por muito mais tempo, algo embaraçoso viesse a acontecer.

– Temos de ir ou perdemos o autocarro – declarou ela. – Nunca havemos de esclarecer porque não nos encontrámos, e não tem a menor importância. Ernest, anda lá, querido.

Ernest murmurou que estava pronto, e o episódio terminou. Fizeram-se as despedidas, as do Tiny

intempestivas. Lançando-se pelo paredão, agarrou no braço do infeliz mestre-escola e rodopiou-o como se ele fosse um moinho de vento.

– ‘deusinho, Ern, cuide de si, prazer em conhecê-lo, e à sua cara-metade e coiso e tal – bradou ele.

– Prazer em conhecê-los aos dois – disse Ernest, contido.

– Jiu-jitsu... agora o seu pescoço estala...

Hilda e Stanhope aproveitaram o ruidoso disparate para se despedir. De outra forma, não se teriam atrevido. A mão dele era fresca e seca ao toque, mas ele estava quase exausto, e a mão tremia-lhe. Não fora fácil devolvê-la ao marido, livre de censura e de suspeita, lutando por ela, servindo-se de estratégia atrás de estratégia, pegando em sugestões desesperadas... O perfeito cavaleiro! O amante *gangster* que realmente se interessa, que sabe...

– Meu querido... muito obrigada por tudo, para sempre – sussurrou.

Ele não ousou responder, mas os lábios mexeram-se e levou a mão esquerda ao peito. Ela sabia o que ele queria dizer: o fósforo estava ali, o símbolo do amor deles. Ele nunca a esqueceria. Ela vivera. Ela fora salva.

Que contraste com o outro – tão espalhafatoso, tão vulgar, tão imensamente feio! Era estranho pensar neles com o mesmo uniforme, estranho olhar para baixo, na direção do paredão, e vê-los ficar cada vez mais parecidos um com o outro à medida que a distância aumentava. A separação em si correria bem. Ernest voltara a oferecer os seus cigarros.

– Tirem mais um, antes de regressarem ao navio, – dissera.

Os vigorosos marinheiros inclinaram-se, os dedos, esguios e distintos, e os outros desajeitados e mal tratados, serviram-se da generosidade de Ernest. Empertigado, ele próprio acendera os cigarros, e agora, altivo, afastava-se com a sua rica mulherzinha pelo braço.

Claro que os primeiros minutos sozinha com ele foram horríveis. Ainda assim, o facto de o ter enganado completamente deu-lhe coragem. E, de certa forma, ela não o desprezava; não o desprezava mesmo nada. Ernest parecia mais simpático do que habitualmente, e ficou feliz quando ele começou a discutir as vantagens relativas do gás e da electricidade. Ele dizia uma coisa, ela outra, enquanto a nuvem do passado dela deslizava magnificamente em direcção ao mar. O lar e os seus detalhes tinham uma nova frescura. Mesmo quando a noite chegasse, ela sentir-se-ia diferente e não se importaria.

Chegaram à paragem de autocarro com muitos minutos de avanço. Havia um quiosque de venda de postais e ela teve uma boa ideia: compraria um postal do Obelisco para que, se o assunto viesse à baila, saber como é que ele era.

Havia muito por onde escolher e Hilda rapidamente visualizou o obelisco de vários pontos de vista. Ainda que não tão alto quanto a Agulha de Cleópatra, exhibia uma altura respeitável. Um dos postais mostrava a lápide: "Erigido em 1879 em memória de Alfred Judge, antigo Presidente de Câmara". Decorou a informação pois Ernest costumava mencionar lápides, mas acabou por comprar um que mostrava a área em redor. O monumento estava num lugar imponente, numa língua de rocha sobre a falésia.

– Bem, esse aí é que não viu hoje de certeza, não é!? – disse a mulher no quiosque ao receber o pagamento.

Hilda pensou que ia cair ao chão.

– Ai, valha-me Deus! O que quer dizer com isso? – disse, ofegante.

– Não está lá para se ver.

– Mas é o Obelisco. É o que diz aqui.

– Sim, mas não está lá. Caiu a semana passada. Com aquela chuva toda. Caiu precisamente na falésia, virado de pernas ao ar; a ponta foi até bem fundo. Foi muito engraçado, mas acho que quem fica a perder é a vila.

– Ah, cá está ele – disse o marido, aparecendo e tirando-lhe o postal da mão. – Sim, fica-se com uma boa ideia do que é, não é verdade? Quero um com a lápide.

Depois, o autocarro arrancou e levou-os. Hilda afundou-se num assento, quase a desmaiar. Abriam-se abismos debaixo de abismos. Porque se ela não podia ter visto o Obelisco, ele também não podia tê-lo visto, se ela se desencaminhara na subida, também ele se teria desencaminhado, se ela estava a mentir, ele tinha de estar a mentir; se ela e um marinheiro – parou os pensamentos, porque deixavam de fazer sentido. Deitou uma espiadela ao marido que, no outro lado do autocarro, estudava o postal. Parecia mais bonito, mais feliz, com os lábios abertos num sorriso natural.

John Updike

A outra vida

Tradução de Pedro Afonso Dias

John Updike (1932) nasceu na Pensilvânia e estudou em Harvard e na Ruskin School of Drawing and Fine Art (Oxford). Trabalhou no *The New Yorker* nos anos cinquenta, onde publicou poemas, contos, ensaios e resenhas. Autor profícuo de *Rabbit, Run, Rabbit Redux, Rabbit is Rich* e *Rabbit at Rest* e de grande cópia de contos e romances, Updike continua a escrever e a publicar com regularidade. *The Afterlife*, o conto que aqui incluímos, dá o título a uma colectânea publicada pela Albert A. Knopf em 1994. O texto saiu originalmente no *New Yorker*.

Os Billings, tão arreigados nos seus hábitos, aos cinquenta anos deram-se conta de que os amigos estavam, subitamente, a fazer coisas surpreendentes. Mitch Lothrop, que fora alvo de uma certa troça de Carter e Jane por ser um empertigado, fugiu com uma jovem fisioterapeuta jamaicana; e Augustina, sempre tão tímida, com um ar de ratinho insignificante – obcecada com o jardim e a educação dos filhos –, tomou o freio nos dentes, comprou todo um guarda-roupa de vestidos com chumaços nos ombros, mandou pôr um telhado de ardósia novo, caríssimo, no grande casarão dos Weston, metendo dentro de casa, como nova companheira, outra mulher, criaturinha arrebicada e de olho azul, que trabalhava em Boston como psicóloga no Ministério dos Assuntos Sociais. Por seu turno, Ken McEvoy surgiu um dia nos jornais como autor de um desfalque; ao longo de vinte anos, tinha roubado entre dois e cinco milhões de dólares da firma de corretagem

onde trabalhava; ninguém, nem mesmo as Finanças, sabia o montante exacto. A investigação arrastava-se evidentemente há anos, ao longo dos quais Ken e Molly tinham deambulado por *cocktails*, aparecido em jantares e comparecido em tribunal, sem um cabelo fora do sítio, imperturbáveis, sorridentes e com a aparência de casal encantador de sempre. Mesmo agora, com a acusação passada ao papel e acordos extrajudiciais em curso, continuavam a aparecer nas reuniões mundanas, revelando-se o Ken bastante bem-disposto e aberto sobre o assunto, a adorar ser o centro das atenções, ele que antigamente tinha sempre um ar hirto e tímido. O que teria ele feito a todo aquele dinheiro? É verdade que tinham dois carros estrangeiros e uma casa no Cabo, e faziam viagens para a Europa nos anos em que não iam à Florida; mas, afinal, isso era mais ou menos o que toda a gente fazia.

E havia ainda os grandes amigos dos Billings, Frank e Lucy Eggleston; subiram na vida e mudaram-se para Inglaterra. Era uma coisa, confidenciou-lhes Frank, em que vinham pensando há anos; detestavam a América, o rumo que seguia: a vulgaridade, a mendicidade, a violência. Tanto Frank como Lucy eram de falas mansas, praticamente abstémios, seguindo dietas saudáveis e com passatempos calmos; Frank pintava aguarelas, Lucy observava aves nos seus *habitats*. A oportunidade surgiu quando a empresa onde Frank trabalhava lhe propôs que se mudasse para o Texas. Em vez disso, optou pela reforma antecipada e, com as poupanças dele e uma pequena herança dela, a que veio somar-se o preço absurdo que a sua casa alcançou no mercado — dez vezes o que tinham pago por ela no início dos anos sessenta —,

mudaram-se para Inglaterra, numa altura em que a libra estava baixa em relação ao dólar. Para quê adiar um sonho, perguntaram aos Billings, até se ser demasiado velho para o gozar? Encontraram a casa que lhes convinha, não num dos pequenos condados ao sul de Londres, mas ao norte, em Norfolk, onde, como se lia numa das primeiras cartas de Lucy, “o céu tem a imensidão que dizem ter o do Texas”.

As cartas eram menos frequentes do que os Billings tinham esperado e eles, por seu turno, tinham levado mais tempo do que o prometido a organizar-se para visitarem os amigos transplantados. Decorreram três anos até que, por fim, depois de uns dias em Londres para se adaptarem à diferença horária, à moeda e à confusão da troca de mão na condução, tomaram um comboio para norte, saíram numa estação para lá de Cambridge e foram recebidos no lusco-fusco húmido e ventoso dessa Primavera por uma sombra saltitante, encimada por um chapéu disforme, em que acabaram por reconhecer Frank Eggleston. Tinha engordado e adquirido aquela compleição rosada tipicamente inglesa, para além de um modo nada americano de pigarrear, em rápida sucessão. Enquanto avançavam pela A-11 e depois por estradas municipais cheias de curvas, pareceu a Carter que o sotaque de Frank se ia diluindo, tornando-se menos brusco e espasmódico, à medida que iam falando, aquecendo o interior do automóvel com a sua toada americana, rosnada e arrastada.

Depois de muitas voltas na escuridão que se adensava, chegaram ao Casal das Pedras, nome que nenhum autóctone alguma vez teria dado àquela casa de tijolo cor-de-mostarda, um pouco desproporciona-

da, cheia de trapeiras e com uma sementeira de janelas de tamanhos díspares, situada por detrás de um muro alto e de uma sebe hirsuta. Lucy estava mais ou menos na mesma. De rosto largo e cabelo loiro acobreado, continuava a vestir camisolas e saias pregueadas de escocês, com sapatos rasos para as suas deambulações ornitológicas; mas aqui, tal indumentária parecia um pouco mais chique e menos agressivamente “prática” do que nos Estados Unidos. As suas feições, banais mas agradáveis, que passavam perfeitamente despercebidas no meio do antigo grupo de donas de casa suburbanas excessivamente ataviadas, tinham desabrochado neste clima; a sua atitude, ao mostrar-lhes a casa e o quarto que ocupariam no primeiro andar, pareceu a Carter acanhada como a de uma noiva enrubescida. Guiou-os por um labirinto de divisões forradas com papéis de parede garridos e pequenas zonas de passagem extravagantes, subindo um lançaço de escadas e descendo outro, atravessando a cozinha para chegarem a uma pequena entrada de serviço, onde ela e Frank se equipavam com cachecóis, botas de borracha e grossas luvas de pele, bengalas e pingalins, forquilhas e pás, para se fazerem ao campo, invariavelmente revigorante. A propriedade tinha um celeiro onde albergavam cavalos. A igreja da aldeia ficava do outro lado da pastagem, depois de se atravessar um bosque. Era rodeada pelos vastos domínios de um obscuro duque – milhas e milhas de magnífico terreno para montar a cavalo. E havia também pântanos, as ruínas de um convento e vilas onde se podiam comprar antiguidades por tuta-e-meia. Coisas a mais para se absorver de uma só vez, e até para conversar, por ser já tão tarde, comentou Lucy; sobretu-

do porque os Billings deviam estar exaustos e ainda com as horas trocadas.

– Ah, não – disse Jane. – O Carter estava absolutamente decidido a entrar na vossa hora e nem me deixou passar pelas brasas naquele horrroso primeiro dia. Fizemos a pé, à chuva, todo o percurso entre a National e a Tate Gallery, onde havia uma enorme retrospectiva daquela pavorosa escola do *Kitchen Sink Drama*.

– Pela descrição, parece divertido – disse Lucy, sentando-se sobre as pernas rechonchudas e sardentas, no sofá coçado. A sala era bastante pequena, apesar de ter um grande pé-direito. A mobília, que deviam ter comprado no Reino Unido, amontoava-se como uma plateia cediça e expectante em torno da minúscula lareira gradeada, que consumia com vivacidade pedaços de lenha demasiado pequenos para merecerem o nome de toros.

– Julgávamos que passaríamos a ir a Londres dia sim, dia não; mas afinal há imenso para fazer por aqui.

A observação ornitológica era sensacional e, para sua própria surpresa, Lucy tinha-se empenhado bastante nas actividades da paróquia e nas obras de benevolência locais. Frank estava a levar a pintura muito a sério e tinha-se inscrito numa associação de pintores de Norwich, tendo apresentado várias aguarelas nas exposições bianuais por ela organizadas. Ultimamente, tinha passado da aguarela para o óleo. Alguns dos seus trabalhos mais recentes estavam pendurados na sala: céus de chuva cinzentos e pequenas casas escuras, abrigadas por fiadas de árvores lúgubres, pinceladas a roxo e verde. Depois de atizar o lume e de lhe acrescentar mais lenha (cujo fumo era inebriantemente

adocicado), Frank insistiu em servir uma bebida aos Billings, apesar de, como todos concordavam, já ser tarde e os esperar um dia em grande. Lucy ia levá-los de carro até ao mar, enquanto Frank ia participar numa caçada local. Trouxeram *whisky*, aguardente, vinho do Porto, Madeira e diversas variedades de xerez; Carter lembrava-se dos Eggleston abstémios, mas o bem-estar britânico parecia ter-lhes despertado aquela faceta. Carter bebeu um porto e Jane um xerez adamado, enquanto transmitiam as notícias dos Estados Unidos: Mitch Lothrop e a massagista jamaicana viviam em Bay Village e tinham tido um bebé; e Augustina tinha transformado o casarão dos Weston numa espécie de comuna, onde vivia agora um total de cinco mulheres. Ken McEvoy já estava em liberdade, depois de cumpridos menos de dois anos de pena, e um dos grandes bancos de Boston tinha-lhe oferecido um lugar, porque ele agora era, supostamente, um perito em fraudes contabilísticas. Se bem que ele e Molly conservassem o velho *Jaguar* e tivessem uma carrinha *Volvo*, era evidente que tinham de ter milhões escondidos algures, porque estavam sempre a viajar, ainda que por um fim-de-semana, para uma casa que parecia que tinham nas Baamas. E por aí fora.

Frank e Lucy foram-se calando e afivelando um sorriso, ante a barragem de coscuvilhice importada, e, quando Carter se levantou e declarou “Estamos a aborrecê-los”, nem um nem outro o contradisse. Carter tinha perdido a conta ao número de vezes que Frank lhe tinha voltado a encher o copo e se tinha servido a si próprio de mais aguardente, fazendo com que as sardas nas faces de Lucy parecessem um enxame a esvoaçar; e,

apesar de tudo, sentiu que estava a abreviar qualquer coisa, quando, por fim, se levantou. Todos pareciam sentir o mesmo – aquela sensação de fracasso em restabelecer a antiga ligação, mau grado toda a boa vontade. E foi num ambiente de alguma relutância que os convidados foram, em boa hora, conduzidos ao quarto, com Lucy a mostrar-lhes uma vez mais onde ficava a casa de banho e a certificar-se de que tinham toalhas.

De noite, Carter acordou e precisou de ir à casa de banho. Excesso de vinho do Porto. Lá fora, soprava um vento forte. Agitavam-se furiosas vagas formas de árvores negras no azul da noite. Sem acender a luz, para não acordar Jane, deu com a porta do quarto, abriu-a de mansinho na escuridão e deu dois passos firmes em direcção ao corredor onde se lembrava que ficava a casa de banho. Ao segundo passo, só encontrou ar debaixo dos pés. O cérebro ensonado foi catapultado para a acção, forçado a reagir; percebeu que estava a cair pela escada abaixo. Ao despenhar-se no espaço negro, teve tempo para pensar no barulho horrível que o seu corpo faria quando se estatelasse, acordando os Eggleston, e o embaraço e maçada que seria tratarem do seu corpo todo partido. Teve até tempo para reflectir no estranho altruísmo deste pensamento. De súbito, qualquer coisa – *alguém*, foi o que sentiu – o travou, com um golpe forte bem a meio do peito, em pleno esterno, e viu-se de pé no que lhe pareceu um patamar, a meio das escadas. Pôs-se à escuta por um instante – ouviu apenas o vento que gemia em redor da estranha casa de tijolo e subiu os seis ou sete degraus para o segundo andar.

Lembrou-se então de que, para chegar à casa de banho, se virava logo à esquerda, ao sair do quarto, depois à direita, seguindo o corrimão que protegia a caixa da escada, depois outra vez à esquerda e era a segunda porta. Lá foi avançando com cuidado e empurrou a dita porta. A sanita e o lavatório de porcelana branca tinham brilho próprio na noite sem luar, pelo que mais uma vez, não precisou de acender a luz. Tinha as pernas a tremer e o peito doía-lhe um pouco, mas sentiu-se melhor por ter aliviado a bexiga. Contudo, ao entrar de novo no corredor escuro, não conseguiu encontrar o caminho para o quarto. Estava cercado de paredes, como numa sala de espelhos deformantes. Um painel grande e liso encerrava um homem sombrio, que chegou mesmo a tocar-lhe, um toque abrupto e oleoso; e percebeu que era ele próprio, reflectido num espelho. À sua volta, nos outros três lados, havia superfícies opacas, apaineladas como portas. Então, uma das portas revelou uma fresta de uma pálida luz azul e pareceu afastar-se, deslizando na diagonal; os olhos de Carter estavam suficientemente adaptados à escuridão para divisarem o papel de parede – vagamente abrasivo e morno ao toque – e o traço brilhante e direito, como um carril de caminho-de-ferro, do corrimão. Inverteu o sentido da marcha. Parecia haver muitas portas ao longo do corredor, mas a que empurrou revelou, de facto, o seu quarto. O vento não parava de resmungar de encontro à sólida caixilharia da janela e, quando Carter se aproximou, ouviu a respiração de Jane. Enfiou-se na cama ao lado dela e, acto contínuo, adormeceu.

Na manhã seguinte, ao examinar o local da sua aventura, espantou-se de não ter morrido. O remate

ovóide da coluna da curva da escada devia ter sido o que lhe embateu no peito; se tivesse caído de outra maneira qualquer, ter-lhe-ia acertado em cheio na cara – partido os dentes da frente ou vazado um olho – ou podia não ter batido nele, o que o faria partir o pescoço de encontro à parede. Não tinha memória de se ter agarrado a nada, nem de se ter endireitado. Como é que tinha voltado à vertical? Ou tinha uma falha de memória ou fora a pancada que o pusera de novo de pé. Neste caso, parecia um milagre. Mas Jane, quando lhe confidenciou o ocorrido, aproveitou a ocasião não para se maravilhar, mas antes para lhe mostrar, como a uma criança tonta, como é que se acendia a luz do patamar, por meio de um daqueles interruptores britânicos que se parecem com os copos de um florete e que têm um botão na ponta.

Carter sentiu-se desconsiderado; tinha-lhe contado a aventura nocturna, ainda na cama, em tom de segredo, quase como o que ela adoptara, há trinta anos, ao dar-lhe parte de que suspeitava estar grávida. Os Eggleston reagiram de modo mais apropriado, quando desceu para o pequeno-almoço; exprimiram espanto e alívio por ele não se ter magoado.

– Podias ter *morrido!* – disse Lucy, numa inflexão com um crescendo no final da frase, que, nos Estados Unidos, nunca teria sido tão espevitada, tão parecida com um piar de ave.

– Precisamente – disse Carter. – E, ao mesmo tempo, enquanto ia a cair, pensei “Que maçada para os pobres Eggleston!”

– Impecável da tua parte – disse Frank, levando a chávena à boca; estava cheio de pressa para sair para a caçada; tinha-se levantado há várias horas, para traba-

lhar num quadro que precisava da luz da alvorada, e tinha azul e amarelo nas unhas. – Não teres “batido a bota” em nossa casa – concluiu.

– Acontece – disse Carter. – Vê-se cada vez mais os nossos contemporâneos na necrologia do *Globe*. O Tipo Lá em Cima está a chegar às nossas fileiras.

Este repente teológico foi tão inesperado que os outros três olharam fixamente para ele, num silêncio que deixava ouvir o gemido das chaminés e o tilintar da loiça do pequeno-almoço. Carter, no entanto, não sentia embaraço, mas uma serenidade sobrenatural. O mundo, para o qual tinha acordado – a começar pelos pormenores do pequeno-almoço inglês que tinha à sua frente (sem sumo de laranja, mas farto em doce de laranja-amarga), até à paisagem verde e lamacenta, varrida pelo vento, emoldurada num jovial sortido de janelas de sólidas caixilharias –, lembrava-lhe os livros infantis que tinha lido há mais de cinquenta anos e tinha o encanto da intemporalidade.

Enfiou os pés nas botas de borracha de Lucy e saiu com Frank, para ver os cavalos. Aqui, a terra de Norfolk estava juncada de lascas de pedra – calhaus calcários, de arestas vivas. Pegou num e fechou-o na mão. Estava morno. Uma camada argilosa, porosa como osso, tinha-se formado em torno de um núcleo azulado e brilhante, envolvendo-o. Tentou imaginar o facto geológico – um imenso oceano desaparecido – que teria precipitado esta dispersão de fragmentos parecidos com ossos. A abundância de calhaus, os tufo de erva tão esplendorosamente verdes, o luminoso céu cinzento, os cheiros fortes a cavalo, couro, ração e feno inundaram-lhe os sentidos revitalizados com uma força nova. Dir-

-se-ia uma brincadeira cósmica mascarada de aparências triviais e livre de toda a pressão, que permitia às árvores, faias e carvalhos, atingirem a altura dos pára-raios. O ar era frio e húmido – bem mais do que tinha esperado para Inglaterra, em Abril.

– O vento aqui é sempre assim? – perguntou.

– Quase sempre. A Primavera chega tarde.

Frank, de casaca e calças de montar, tinha selado um cavalo na boxe e estava de volta dos arreios, fazendo com que a comprida cabeça castanha do animal, de focinho cinzento e globo ocular gelatinoso e irrequieto, se sacudisse em protesto. O facto físico de um cavalo – aquela vastidão pungente e ameaçadora e a sensação de uma minúscula centelha de inteligência, viva e limitada, no interior de um enorme crânio – não era coisa com que Carter se tivesse confrontado na sua outra vida.

– Não te põe os nervos em franja?

– Só faz é bem – disse Frank, naquele seu novo modo brusco e franco. – Limpa-nos por dentro.

– Pois – disse Carter –, sinto isso.

Sentia-se sensível, alerta, excitado. O centro do peito estava um pouco dorido. Os dedos dos pés estavam dormentes, esmagados dentro das botas de Lucy. Num terrível raspar de cascos e elevação de toda a sua massa lisa e brilhante, o cavalo foi conduzido para fora do celeiro e, num instante, Frank estava em cima dele, transformado, majestoso, com a cara rosada coroada pelo chapéu redondo preto, ele e o cavalo formando uma nova e única criatura.

As duas mulheres saíram da casa cor de mostarda, para verem o senhor da casa afastar-se, em passo digno, ao longo do caminho pedregoso, em direcção à vereda

que atravessava o bosque. As árvores, a que ainda faltavam folhas, estavam salpicadas de pequenos rebentos e brotos, numa transparência de gaze de cassa. Frank, assim velado, foi desaparecendo lentamente.

– É uma visão impressionante – disse Carter.

Ocorreu-lhe que aquele passatempo, espantoso e no entanto inócuo, faria o seu quotidiano ali. Sentia-se imponderável, como se, no instante daquele voo de cabeça pela escada abaixo, tivesse ganho asas.

Lucy perguntou-lhes o que gostariam de fazer primeiro, se a caminhada até ao rio ou o passeio de carro em direcção ao mar. Depois, decidiu que deveriam combinar-se os dois projectos e atirou para dentro do carro uns pares de botas e galochas. Carter entrou para o banco de trás do pequeno *Austin* – vermelho, embora tivesse parecido preto, na noite anterior, na estação – e deixou as duas mulheres sentarem-se na frente. Jane ocupava o que, nos Estados Unidos, teria sido o lugar do condutor; de tal modo que Carter se assustava e sentia em perigo quando ela voltava a cabeça para o lado ou gesticulava com as duas mãos. Lucy parecia perfeitamente à vontade a guiar do lado contrário da estrada, e fazia-o com despreocupado desembaraço.

– Isto é a aldeia, esta meia dúzia de casas – disse ela. – E a igreja fica logo a seguir. Não se consegue ver muito bem, por causa daquele castanheiro gigantesco. Dizem que é incrivelmente velho. Nem a igreja é tão antiga.

Do outro lado da estrada, havia ovelhas salpicadas de manchas de cor, misturadas com borregos irrequietos. O rio não ficava longe e Lucy estacionou junto de uma ponte de ferro, por onde a água corria em pregas,

num ondulado frio e constante, para uma represa em cimento. As margens tinham sido protegidas com sacas de cimento empilhadas, deixadas humedecer e endurecer naturalmente. Lucy adiantou-se, guiando-os pelo caminho lamacento, entre a margem do rio e um campo recentemente arado; o solo claro, juncado de pedaços de sílex até perder de vista, erguia-se visivelmente na direcção do céu plúmbeo e ameaçador. O vento atirava ao ar esteiras escuras de terra, por toda a extensão dos campos arados.

– Temos estado à beira de uma seca – disse Lucy, numa voz aguçada, com o lenço da cabeça espalmado contra a face sardenta; os olhos, semicerrados, eram de uma cor pálida, entre o azul e o verde, cor de berílio, que, com aquele céu, ganhava um brilho quase irreal. – Oh, olhem! – gritou, apontando. – Um pequeno chapim, a fazer acrobacias! Na semana passada, mais perto do bosque, vi um casal de ampélios. Geralmente, voltam para o continente nesta altura do ano. Estou a aborrecer-vos? De facto, o vento está pavoroso, mas gostava que vissem a minha garça-real. O ninho *tem* de estar algures neste bosque, mas o Frank e eu nunca o conseguimos encontrar. Perguntámos ao Sedgewick, que é o guarda-caça do duque, onde devíamos procurar, e ele disse que, se nos puséssemos contra o vento, dávamos com ele pelo *cheiro*. É que eles comem carne. Roedores e cobras.

– Calcule-se... – disse Jane, por dizer.

Carter não conseguia tirar os olhos das linhas distantes de terra escura que se elevava no ar, uma tempestade de poeira como as do Texas. Quando seguiam os três ao longo do rio, o pequeno chapim de cabeça

negra voltejou no ar por cima deles e, ao aproximarem-se do bosque, saíram de lá bandos de estorninhos malhados, em grande algazarra.

– Olhem! Um guarda-rios – gritou Lucy.

Era uma ave brilhante, de peito largo e cabeça verde, com cauda azul-petróleo. Abanou-a para trás e para a frente e, com batimentos compassados das asas, rasou a superfície brilhante do rio. Mas da garça-real nem sinais, embora tivessem batido a orla do bosque pelo que lhes pareceu quase um quilómetro. Ouviam os troncos das árvores a gemer, sempre que o vento lhes torcia as copas; as árvores mais altas e frondosas pareciam não só dar de si, como acolherem várias pequenas explosões simultâneas, que lhes manchavam de branco os ramos revoltos. Os olhos de Carter encheram-se de lágrimas e Jane ergueu as mãos à frente da cara, protegidas pelas gordas luvas que lhe tinham emprestado.

Por fim, a anfitriã parou. Anunciou:

– É melhor desistirmos... que desilusão – e levou-os de volta para o carro. À medida que se aproximavam da represa barulhenta, de águas brilhantes e agitadas, Carter teve a nítida sensação de que devia olhar para trás. E lá estava a garça-real, saindo do bosque na direcção deles, contra o vento, ou melhor, imóvel no vento, pairando no ar, dois metros de asas abertas – um anjo.

O vento adensou-se, quando se dirigiam de carro até ao mar. No mapa, parecia muito longe; mas Lucy garantira-lhes que tinha feito esse passeio muitas vezes e regressado a casa à hora do lanche. Ia aos ziguezagues, serpenteando pelas estradas estreitas e Carter,

no banco de trás, não era capaz de distinguir entre os sacões que ela dava ao volante e os arremessos do vento contra o *Austin*. Na telefonia, uma voz colocada e afectada falava de ventos fortes vindos do mar da Irlanda e de condições “quase ciclónicas”, e Jane e Carter riram-se. Lucy limitou-se a sorrir e disse que era uma expressão muito usada ali. Numa aldeia de que ela gostava particularmente – uma aldeia particularmente histórica e pitoresca –, via-se um grupo de pessoas ao longo do passeio, na crista de uma colina, perto da parede do adro de uma igreja. A igreja era normanda, com arcos ornamentais e frisos de seixos vermelhos embutidos na alvenaria. Lucy guiava bastante devagar, para ver se tinha havido algum desastre.

– Parece-me – disse Carter – que estão a olhar para a árvore.

Uma árvore muito alta, que se inclinava para fora do adro, baloiçava ao vento.

– Bolas – disse Lucy. – Já andei de mais... o que vos queria mostrar era lá atrás, no meio da aldeia.

Voltou para trás e, ao passarem de novo pelo grupo, algumas das pessoas, reconhecendo o carro, puseram um ar de gozo. Um polícia, de capa de oleado, pedalava com muita energia pela encosta acima, de cabeça baixa.

O que Lucy queria que os Billings vissem na aldeia era uma rua secundária de casas do século XVI, todas com vigas de travamento nas fachadas e cada uma com seu desvio da vertical.

– Quem vive nestas casas? – quis saber Carter.

– Oh, pessoas vulgares. Se bem que me pareça que são, cada vez mais, gente nova, da moda, que abre lo-

jas no rés-do-chão. Lucy voltou para trás novamente e, desta vez, ao subirem a colina, deram com uma barreira da polícia e a árvore alta atravessada na rua. Aliás, só metade da árvore; uma das pernas ficou rente ao chão e a outra metade aguentou-se de pé, com uma ferida lateral irregular branca.

Os três americanos, trancados no carro, guincharam de excitação, percebendo agora por que razão a gente da aldeia tinha um ar de gozo ao vê-los passar por baixo da árvore da segunda vez.

— Francamente, não se percebe como não houve *alguém* que nos gritasse qualquer coisa, para nos avisar — disse Jane.

— Bem, devem ter pensado que também tínhamos olhos para ver — disse Lucy. — São mesmo assim. Não tomam nenhuma iniciativa; esperam que se vá ter com eles.

E descreveu, enquanto seguiam aos saltos entre o mato rasteiro e os muros de pedra, o seu trabalho na igreja e as suas obras de caridade na zona. Era espantosa a frequência de incesto, os problemas de alcoolismo e de desesperança.

— Estas pessoas não conseguem imaginar um futuro melhor para si próprias. Não lhes *passaria* pela cabeça, por exemplo, ir até Londres, mesmo que por um só dia. Estão completamente fechadas no seu pequeno mundo.

— Então e a televisão? — perguntou Jane.

— Ah, vêem televisão, mas acham que aquilo não tem nada a ver com eles. Têm quem olhe por eles e lhes dê apoios, estão a ver, e, em comparação com os pais e avós, não estão assim tão mal na vida. A crueldade do

antigo sistema de contratação de trabalho rural é uma coisa que mal se pode imaginar; quase matavam as pessoas com trabalho. A apanhar sílex, por exemplo. Todas as Primaveras iam todos por aí, apanhar o sílex no meio dos campos.

Aquilo não pareceu especialmente cruel a Carter. Ele próprio tinha apanhado pedaços de sílex espontaneamente. Era poroso, clarinho, intrincado, eterno. A sua mente vagueava, enquanto Lucy continuava a falar da gente de Norfolk e Jane alimentava a conversa, exprimindo o que lhe ia na alma – o seu desejo, agora que os filhos tinham saído de casa, de sair também ela e de se tornar útil de algum modo, não propriamente saltando para um *ghetto*, num delírio de boas intenções, mas para fazer qualquer coisa *útil*, qualquer coisa com *pessoas*...

Carter tinha começado a cabecear com sono e as palavras sublinhadas rompiam-lhe o torpor. Sentia que já tinha sido suficientemente útil, na vida, e que tinha visto gente suficiente. Agora de volta ao escritório – era advogado – dava-se conta da existência de um diferido curioso, parecido com o atraso provocado na difusão dos debates radiofónicos, destinado a impedir que sejam transmitidas obscenidades. São apenas uns dois ou três segundos, entre desafio e reacção, entre realização e gratificação, o suficiente para perceber que havia ali uma falta de sincronia. Ele funcionava como um autómato e as pessoas mais novas, à sua volta, apercebiam-se disso. Quando falava, a voz parecia uma dobragem, não era exactamente a sua. Havia, ocorrera-lhe recentemente, grandes áreas do mundo pelas quais tinha deixado de se interessar – Henry James, por exemplo, o

hóquei profissional no gelo e o desarmamento nuclear. Não duvidava de que, nessas áreas pudesse gerar-se grande entusiasmo; mas, para ele, nunca mais. As duas mulheres à sua frente – Lucy, com as tranças loiras acobreadas a dar a dar quando sublinhava um determinado ponto, e os caracóis grisalhos de Jane, balouçando suavemente quando assentia, em ávida concordância – pareciam alienígenas, como o cavalo, ou o chapim com a sua cabecinha capeada de negro. As duas mulheres pareciam excitadas e palradoras, como se as suas vidas tivessem começado há pouco – como se namoro e maridos e partos fossem o preâmbulo de um triunfante ministério menopáusico no meio dos excluídos e dos incestuosos. Gostavam muito uma da outra, reflectiu Carter, lasso. As mulheres tinham a paixão dos conspiradores, a energia de tudo o que é clandestino, alimentado pela esperança da tomada do poder. Lucy, a falar com Jane e dando-lhe conselhos, parecia quase não dar conta de que se tinha desviado por mais de uma vez de destroços de ramos que juncavam a estrada. Pelas janelas do carro, Carter via árvores a chicotearem o ar, estranhamente em câmara lenta, e, lá por cima, cabos e fios a dançar, como se a própria terra tivesse ficado sem amarras.

Depois, o céu pisado e revolto expeliu uma torrente de chuva, com tamanha fúria que os limpa-pára-brisas não conseguiam manter o vidro limpo; ficou como vidro fosco e o tejadilho ressoava com um tamborilar surdo. Lucy levantou a voz:

– Há uma estalagem antiga adorável na próxima aldeia. Não era boa altura para pararmos e comermos qualquer coisa?

Só de correrem do parque de estacionamento até ao abrigo da estalagem, ficaram os três ensopados. Lá dentro, tudo era idílico: uma grande lareira velha enegrecida, a crepitar e a silvar, e a exalar aquele doce aroma de lume de lenha; as vigas trabalhadas desciam quase até à cabeça de Carter, um bufete de musse de salmão e ovos recheados e empadão, servidos por um moço todo solícito e uma moçoila que corava, por trás dos quais a chuva fustigava, como um efeito cénico, as vidraças marteladas com um padrão de fundo de garrafa. O trio de meia-idade comeu, e bebeu cerveja e chá; apesar dos protestos de Lucy, Carter pagou a conta.

Na casa ao lado, um antiquário tentava os turistas, através de uma porta de comunicação; e enquanto a tempestade continuava, Lucy e os visitantes passearam por entre superfícies polidas, pratas e espelhos, gravuras emolduradas e mesas de embutidos. Carter foi atraído por uma enorme secretária lustrosa, folheada com uma madeira que parecia semeada de pegadas difusas de um grupo de gatos dourados. “Raiz de olmo, início do século XVIII” lia-se na etiqueta, a par de um preço na casa dos milhares de libras. Perguntou a Jane se gostaria de a ter – como se mais uma peça de mobiliário a mantivesse em casa, longe das suas boas obras.

– Querido, é linda – disse ela. – Mas tão cara e tão grande.

Raiz de olmo: talvez residisse aí o encanto, o toque de fantasia que o aliciava. Na América, os olmeiros tinham desaparecido, tal como o artífice anónimo que tinha aplicado este folheado ainda tão esplendoroso.

– Eles tratam da expedição – retorquiu ele, depois de um compasso de alguns segundos. – E se não nos

couber em parte nenhuma, podemos vendê-la em Charles Street com lucro. A voz não lhe parecia propriamente a sua, mas só ele parecia reparar nisso. A conversa das mulheres no carro obrigara-o a fazer uma demonstração de poder, de poder masculino.

Lucy, intensificando o seu incipiente sotaque britânico, regateou cortesmente com a gerente da loja – uma gorda desmazelada, com um nariz vermelho a pingar e um xaile aciganado que ela apertava ao pescoço – e conseguiu um abatimento de quatrocentas libras. O impulso de Carter para esta compra assustou-o por um instante, ao perceber a escala da margem praticada, para absorver um tal desconto tão displicentemente.

Havia papéis para assinar, cartões de crédito que precisavam de ser autenticados pelo telefone; enquanto decorriam estas transacções, a tempestade acalmou no telhado. Os três compradores saíram da loja para uma aberta espantosa, inundada de sol. Por todo o lado brilhavam gotas de chuva como uma cobertura de gelo e as lajes dos passeios reproduziam o violeta do céu quase ciclónico.

– Meu querido, foste tão arrojado, tão decidido, tão contra o que é habitual em ti – disse Jane.

– Foi um golpe de asa! – concordou Lucy.

– É uma espécie de lotaria – reconheceu ele. – Quais são as probabilidades de voltarmos a pôr os olhos naquela secretária?

Lucy sentiu-se vagamente ofendida, como se os seus compatriotas de adopção estivessem a ser postos em cheque.

– Oh, são honestíssimos e têm uma óptima reputação. O Frank e eu já negociámos com esta gente várias vezes.

Estava tudo coberto de uma laca milagrosa, que orvalhava cada raminho à borda da estrada, cada palheta de junco nos telhados das casinhas, cada pequenina margarida a tremer na erva perto dos muros manchados de líquenes. Depois as nuvens voltaram a aparecer e a paisagem mergulhou na sombra. Havia muitas árvores tombadas ou rachadas. Pequenos grupos de trabalhadores, com capas cor de abóbora em vez de, como acontecia nos Estados Unidos, amarelas ou laranja fluorescente, atarefavam-se com as serras e puxavam, com cordas, os ramos que tinham invadido a estrada. Esperar que as equipas lhes fizessem sinal para passar levou o seu tempo, e o *Austin* balançava suavemente ao vento, como que sacolejado por uma mão gigantesca. Carter acariciou o centro dorido do peito, abaixo do nó da gravata: o seu segredo, o selo do seu pacto nocturno, o passaporte para este dia sem igual. No escuro, sentira-o como o golpe salvador, brusco e impaciente de um pai.

– Falta muito para o mar? – perguntou.

– Bem podes perguntar – disse Lucy. – Num dia sem contratemplos, já lá estaríamos.

Os carros à frente deles abrandaram e depois imobilizaram-se. Um polícia, uma cara jovem e redonda, explicou que as linhas estavam tombadas sobre a estrada.

– Bom, isto arruma a questão – reconheceu Lucy.

O desvio acrescentaria pelo menos vinte quilómetros à viagem. A paisagem parecia agora tingida de uma tinta que se espalhava pelos pálidos campos pintalgados em ondas de intensidade variada. Ao longo de uma linha de crista, à distância, postes de alta tensão

marchavam como esqueletos em procissão, destacando-se os fios com fantasmagórica subtileza contra o céu negro. Um bando de anjos.

Jane consolou Lucy:

– Deixa lá, querida, se visse mais alguma aldeia amorosa, ainda rebentava.

– E estamos sempre a ver o mar, quando estamos no Cabo – acrescentou Carter.

– Mas não é o *nosso* mar – disse Lucy. – O mar do Norte.

– Não é só feio e frio e cheio de petróleo? – perguntou Jane.

– Não por muito tempo, ao que dizem. Quer dizer, no que diz respeito ao petróleo. Bem, se vocês os dois não se importam mesmo, penso que não há nada a fazer, senão voltarmos para trás. O Frank gosta *mesmo* de jantar cedo, depois de um dia na caça.

Escurecia quando chegaram ao Casal das Pedras. Revelava-se uma igreja vitoriana pequena e desinteressante, agora que o castanheiro gigante tinha tombado – um enorme cadáver desconjuntado, com um coto alto rasgado como um guincho, apontando para os céus. A árvore tinha caído para cima do muro do adro, desfazendo-o, e a camada exterior de tijolo, de aspecto sólido, escondia um núcleo informe de entulho e areia.

Frank saiu para os receber no acesso à casa, na penumbra; estava pálido e a voz era tudo menos jovial.

– Valha-nos Deus, mas onde é que andaram? Não acreditava que pudessem andar por aí de carro no meio disto! A caçada foi cancelada, a rádio tem estado a cancelar tudo e a dizer às pessoas que, pelo amor de Deus, *não se metam à estrada!*

Descansou uma mão trémula na janela aberta do carro; a unha do dedo mindinho tinha ainda um pontinho azul-celeste do início do dia.

– Por causa desta brisazita? – escarneceu Lucy.

E Jane disse:

– Frank, meu querido, que amor teres-te preocupado!

E Carter, também ele, estava surpreendido e divertido por Frank não ver que eles estavam, agora, muito para além de tudo isso.

Ingo Schulze

de “33 momentos de felicidade”

Tradução de Marília Mendes

Ingo Schulze (1962) nasceu em Dresden, na antiga República Democrática Alemã e estudou entre 1983 e 1988 Filologia Clássica em Iena. Até 1990 trabalhou como dramaturgo no Landestheater de Altenburg, perto de Leipzig, e depois na redacção de um jornal. Viveu meio ano em São Petersburgo, cenário dos seus *33 Momentos de Felicidade* (1995), de que retiramos este conto sem título. Vive em Berlim desde 1993 como autor independente. Em 1995 recebeu o prémio de fomento Alfred Döblin, o prémio Ernst Willner do Concurso Ingeborg Bachmann, bem como o prémio literário Aspekte pelo seu primeiro livro, *33 Augenblicke des Glücks* (*33 Momentos de Felicidade*). Recebeu em 1998 o prémio literário de Berlim bem como a medalha Johannes Bobrowski pelo conjunto da sua obra.

Outras obras publicadas: *Simple Storys*, 1998; *Der Brief meiner Wirtin* (*A Carta da Minha Senhoria*), 2000; *Von Nasen, Faxen und Ariadnefäden* (*De Narizes, Faxes e Fios de Ariana*), 2000; *Mr. Neitherkorn und das Schicksal* (*Mr: Neitherkorn e o Destino*), 2001; *Würde ich nicht lesen, würde ich auch nicht schreiben* (*Se eu não lesse, também não escreveria*), 2002.

Quantas vezes tínhamos olhado para cima, para as janelas de arco redondo, com os seus cortinados de veludo vermelho que ocultavam os quartos como uma prenda preciosa. Quantas vezes tínhamos tentado imaginar o olhar triunfal deitado da varanda do segundo andar para a Ponte Anichkov, ou, conforme virássemos a cabeça, pelo Nevsky abaixo ou acima ou para o cais de embarque à nossa frente sob os choupos. Os barcos rasos seriam seguidos pelo nosso olhar até ao Palácio de Cheremetiev ou, em sentido contrário, até à curva do Fontaka. Sair destas divisões e encostar-se ao peitoril de ferro forjado da varanda seria como passar uma parada em revista e levaria forçosamente à aclamação pela multidão que, retida pelos semáforos, aqui se demoraria a nossos pés. Não havia dúvidas: quem surgisse sobre a cabeça das pessoas nesta parte da cidade possuiria um carisma que aliás só o nascimento pode dar. E aqui deveria brilhar a placa com o logotipo do nosso jornal.

Os proprietários do apartamento tinham-se feito rogados, durante meio ano tinham-se feito incrivelmente rogados e parecia confirmar-se o que eu sempre suspeitara: pessoas como nós só pisam tais aposentos em sonhos ou como convidados. Mas depois chegaram os quarenta mil dólares e em finais de Abril abrimos os cortinados.

Eu já tinha tudo planeado. O quarto do meio virado para o Nevsky seria a sala de recepção de anunciantes, autores e leitores. Para o quarto do canto, onde a minha secretária deveria caber perto da porta da varanda, previra a composição. Os jornalistas teriam de contentar-se com o quarto pequeno. A casa de banho e a retrete eram apertadas. Em contrapartida, a cozinha tinha espaço suficiente para as reuniões.

O que eu porém não esperara era que o mau cheiro da escada parasse à porta do apartamento, como se do nosso novo alojamento escapasse um discreto e fresco aroma a luz, a calor, a mar e a um extracto floral difícil de definir, que, ou se mantinha agarrado há muitas décadas a estas paredes como testemunha do aroma de jovens aristocráticas, ou exalava do nosso enfeitamento por este apartamento. Mas talvez o aroma entrasse também pelas janelas, em frente das quais o arrullhar dos pombos se misturava com o primeiro ramalhar das folhas e com o estalar das ondas no cais de embarque.

Assim estavam reunidas as melhores condições para conseguir aquilo que qualquer empresário que não seja um patife ou um ladrão deseja, nomeadamente que o seu pessoal encare a firma como um segundo lar. Contra o meu desejo de contratar uma empresa de pintura, todos os outros se pronunciaram a favor de fazermos

nós próprios a restauração do apartamento, naturalmente aos fins-de-semana ou nos dias livres. Eu calei-me porque estrangular uma iniciativa vinda de baixo seria, para um moderno entendimento da gestão de empresas, um disparate imperdoável, tanto mais que assim pouparíamos dinheiro.

Apesar do nosso habitual longo serão de quinta-feira, reunimo-nos na sexta-feira às quinze horas. Até os redactores compareceram. O que era tanto mais surpreendente quanto com o tempo se instituía que eles já só anunciavam os textos das respectivas secções por telefone, combinavam as coisas fugazmente, e estavam cada vez menos dispostos a introduzirem eles próprios os textos nos computadores. Reportavam-se à minha divisa, segundo a qual os artigos se destinavam exclusivamente a preencher os espaços entre os anúncios. Por isso não sabiam nunca se as suas contribuições iriam mesmo aparecer. A partir de Junho, o mais tardar a partir de Julho, deveriam receber contratos honorários. Para isso eu iria contratar uma nova secretária. No que toca aos empregados davam-me plena liberdade, porque cinquenta dólares a mais ou a menos por mês não faziam grande diferença.

Éramos tantos que as poucas escovas de limpeza, baldes, espátulas e pincéis não chegaram. Só no sábado foi possível trabalhar em todas as divisões. Logo na sexta-feira seguinte pudemos ocupar a cozinha. Dei dinheiro à Tanja e à Ljudmila para comprarem louça, talheres, copos e uma máquina de café, um investimento que, estava convencido, compensaria. Logo que regressaram, cada um desembulhou, como que por comum acordo, algo para comer — a mesa ficou cheia

num abrir e fechar de olhos e bebemos e conversámos pela noite fora.

Eu esforçava-me por manter a cabeça fria no meio de tanta confusão e estava empenhado em manter este ambiente tanto tempo quanto possível. Nunca até então houvera tantas sugestões para optimização do processo de trabalho e para melhorar o jornal. Era nossa ambição produzirmos a próxima edição já nestas instalações, e utilizámos a quarta-feira, que é um dia importante de produção, para fazer as arrumações e limpar as janelas. Ninguém se surpreendeu por, apesar de um volume de publicidade inusitadamente alto e de um dia a menos, termos terminado mais cedo do que é costume. Sim, na quinta-feira poderíamos ter ido para casa antes da meia-noite, não tivessem sido os problemas com a impressora.

A coisa tinha finalmente pegado. Uma nova vida iria agora começar. Quando eu chegava ao trabalho por volta das dez não encontrava só, como dantes, Tanja, a nossa secretária – que tinha acabado de fazer dezassete anos –, mas dava com os três lugares ao computador já ocupados. Se até então ninguém se sentira responsável pelo telefone quando a Tanja não estava, agora acontecia com mais frequência do que eu gostaria os jornalistas ou as moças da composição, Ljudmila e Irina, levantarem o auscultador. A alegria e o empenhamento de cada colaborador faziam-se até sentir do outro lado da linha. Em contrapartida a Tanja passava agora metade do dia a percorrer lojas e mercados para comprar carne, legumes, mel, queijo, ovos, manteiga e ingredientes para *borch*, *solianka*, *pelmeni*, *pizza*, rolos de carne e pastéis a preço baixo. Como secretária tornara-se de facto dispensável.

Eu nada empreendi contra isto porque os nossos almoços eram indiscutivelmente o ponto alto do dia. Não só sabiam fabulosamente, era também mais barato e a alimentação regular fazia bem a todos. Eles davam-me o que sobrava e eu obtinha desta forma mais uma refeição quente. *Last but not least* ou *v konze konzov*, como dizem os russos, o colectivo, a equipa era forjada pelas refeições comuns. Apesar de, sabe Deus, não falarmos só de trabalho, as reuniões da redacção resolviam-se deste modo por si, a coordenação entre o serviço externo e a colocação de anúncios funcionava lindamente e qualquer sugestão, quer viesse da distribuição, de leitores, autores ou clientes – qualquer sugestão era tomada, desenvolvida e como que se aplicava sozinha. Até os colaboradores honorários rapidamente perceberam a mudança de clima e compareciam agora preferencialmente entre as três e as quatro horas da tarde. Por delicadeza, a maioria deles passara a participar nas nossas refeições com géneros especialmente valiosos por só serem obtidos ou através de longas esperas em bichas ou a preços usurários. Assim eles não só eram tolerados, como eram mesmo esperados, porque traziam ora beringelas ora carne ou peixe, uma vez por outra, *pelmeni*. Até entre fumadores e não fumadores prevalecia um acordo que era rigorosamente observado sem perturbar nem o trabalho nem o conforto ou, melhor, o ambiente doméstico. Um dependia do outro e, conforme a hora do dia, só a tónica mudava. As receitas aumentaram sensivelmente. A direcção da empresa na Alemanha congratulou-nos pelo empurrão dado pela equipa, falou do esperado desenvolvimento e deu-me carta branca para a distribuição dos prémios – nos devidos limites, é

claro. Raramente um trabalho me satisfizera tanto. À noite, quando o sol pairava sobre a nossa casa como num emblema e o Palácio Beloselsky-Belozersky em frente se abrasava de vermelho, eu fumava um cigarro na varanda e olhava orgulhoso para o Nevsky a meus pés.

Este período de ouro durou uns escassos três meses. No início de Agosto apoderou-se de mim uma inquietude que na altura expliquei com a conjugação de diferentes factores. Na origem estaria sobretudo um excesso de trabalho. Porque quando o período de férias atingiu o seu auge, mas o esperado abrandamento de Verão não apareceu e as receitas quase não desceram, tornou-se necessário voltar a fazer serões – os primeiros nas nossas novas instalações – e eu adiei as minhas férias outra vez. Foi com certeza imprudente considerar-me, já há um ano, insubstituível, apesar de o ambiente na equipa, agora reduzida, se manter ameno e bom.

Sonja, cujo marido, um coronel da unidade de blindados, morrera há dois anos e cuja filha Polina levara o noivo caprichoso e desempregado para casa, dormia agora de vez em quando na redacção, porque o último metro já partira há muito tempo e ela poupava assim as três horas do caminho de ida e volta. Quando eu chegava de manhã, já ela tinha preparado o chá, limpo o apartamento e lavado a louça.

Em fins de Setembro, já o período de férias fora ultrapassado, adiei as minhas férias de novo. A minha inquietude não desaparecera, pelo contrário, aumentara. Apesar de estarmos de novo completos e de não termos mais páginas para levar a cabo do que nos meses anteriores, continuávamos a fazer serões. Depois das

férias é particularmente grande a necessidade de contar e todos precisam de tempo para se voltarem a habituar ao trabalho. Na Alemanha não é diferente. Mas quando os serões começaram a alargar-se às quartas-feiras, tornou-se claro que eu tinha de agir, sobretudo porque obviamente ninguém, além de mim, tinha quaisquer objecções a este novo desenvolvimento. Elaborei planos flexíveis que, no entanto, terminavam na quinta-feira às dezanove horas. Todos deveriam assumir um pouco de responsabilidade.

Quando, em meados de Outubro, precisei de um novo cartucho para a impressora e abri o armário dos materiais de trabalho, não quis acreditar nos meus próprios olhos. Bem arrumados, encontravam-se lá toalhas de mesa, guardanapos, roupa de cama, toalhas de mão, lenços, panos de limpeza, sacos de maquiagem, meias de senhora e roupa interior. Por detrás de vasos, pires, um serviço de café e garfos de cozinha, encontrei as nossas reservas de papel e finalmente também o cartucho.

Chamei as quatro senhoras à parte e exigi uma explicação. Mas elas não sabiam o que haveria para explicar. Que elas passavam com frequência a noite aqui, que eram mesmo a isso obrigadas, sabia-o eu bem. Nem sequer o meu plano poderia alterar isso e um pouco de conforto era sempre agradável. Tudo o resto acontecia por si mesmo. Contudo elas ofereceram-se para colocar a roupa interior e as outras coisas de que as mulheres necessitam para a higiene pessoal atrás da roupa da cama. Sobre o estado da casa de banho, que, embora impecavelmente limpa, mais lembrava um salão de cabeleireiro, nem comecei. Naturalmente que eu nada

tinha contra o facto de na casa de banho estarem os sapatos de ir à rua e de as senhoras andarem pela redacção de chinelos ou com sapatos de trazer por casa. Mas se no início só lá havia quatro pares, o seu número rapidamente duplicou.

Depois desta conversa, já não me livreí da impressão de que elas cochichavam sobre mim e se riam nas minhas costas.

Por muito que eu evocasse o estado anterior e habilmente promettesse prémios, que eu esgotara até aos limites do possível, o cumprimento do horário de trabalho piorava de dia para dia. As refeições alargavam-se de tal modo que entre as três e as seis já praticamente nada acontecia. Depois preparava-se o chá e ofereciam-se bolos. Embora eles cumprissem todas as suas tarefas diárias, isso nada dizia sobre o horário de trabalho. Não querendo levar eu próprio as senhoras à casa de carro – uma perda de, no mínimo, três horas – não poderia levantar quaisquer objecções ao facto de dormirem na redacção. O risco de as pôr simplesmente na rua era demasiado elevado. Além disso eu estava tanto mais atado de pés e mãos quanto nenhum deles, da secretária ao redactor, era pago à hora, mas conforme as receitas no caso da entrega pontual do jornal. E pontual significava sexta às sete da manhã. Assim eles chegavam agora a atingir entre setenta e noventa dólares por mês. Mas aquilo já não era trabalhar.

Junto de Boris e Schenja, os redactores, e de Anton, o fotógrafo, também não encontrei nenhuma compreensão. Enquanto as mulheres fizessem o seu trabalho e ainda aviassem o trabalho de casa – esta expressão já dizia tudo –, eu devia era ficar contente. Eles só não

dormiam cá de noite porque tinham família e carro. Porém, como nada os atraía para casa, a vadiagem também se apoderou deles. Agora interrompiam o trabalho regularmente para irem à *bania*, os banhos russos. Quando voltavam, tomavam primeiro uma bebida – e depois, a maior parte das vezes, adormeciam à secretária. As mulheres cuidavam deles como de heróis.

Apesar disto entregavam um jornal que se podia ver, mesmo que por vezes escasseassem os últimos cuidados. Eu simplesmente não sabia onde traçar os limites.

O que teria eu a objectar a um frigorífico, a um canto para duche com cortina feito à mão, a tapetes nos gabinetes de trabalho, ao sofá-cama que colocaram na sala de recepção, à estante de livros e às reproduções de antigos quadros de Petersburgo?

Numa manhã em princípio de Novembro, eu cheguei mais cedo do que o habitual, estavam as mulheres ocupadas em colocar outra vez os cortinados de veludo vermelho que eu deitara para o lixo com as minhas próprias mãos quando nos mudáramos para cá. Dos estores brancos só restavam os ganchos por cima das janelas. Surgira a oportunidade de intervir, finalmente!

Os cortinados tinham sido feitos de novo, o tecido escolhido para corresponder ao anterior pelo menos na cor. O ambiente, fiquei a saber, era demasiado frio e impessoal com estores. Só tinham sido precisas duas semanas, explicaram elas com orgulho, só duas semanas desde o momento de tirar as medidas e fazer a compra até ao último ponto. Os estores incomodavam ao pendurar as cortinas, depois voltariam naturalmente

ao seu lugar. Mas elas não mo poderiam ter dito antes? Era para ser uma surpresa, a sério, uma surpresa. Como poderiam elas saber que eu não ficaria contente, como poderiam ter imaginado uma coisa destas, não ficar contente e ainda por cima ralhar. As lágrimas precipitavam-se aos olhos de Sonja. Tinham pago tudo com o dinheiro dos prémios. Não iria custar nada à empresa.

Como chefe está-se naturalmente sempre de alguma forma só, separado das vidas dos outros. Isso é normal e tem a sua razão de ser, contudo para mim esta experiência na Rússia era nova. Por sua vez, eles censuravam-me por me isolar cada vez mais do grupo. Eu já não aceitava convites, era sempre o primeiro a levantar-me da mesa, fazia cara de poucos amigos, já não me ria das piadas, apontava sempre para o relógio e elogios, então, já não tinha nenhuns para lhes dar, apesar de os artigos, a apresentação, os anúncios, o serviço e a distribuição não terem par em toda a cidade. Estaria eu com problemas em casa?

Adoro ir à *baniã*, adoro boa comida e também participo naturalmente em conversas interessantes. Mas estou habituado a organizar o trabalho de forma tão eficiente quanto possível para depois gozar o tempo livre, seja na sauna ou numa jantarada. A expressão "*trabalho é trabalho, conhaque é conhaque*" tem a sua razão de ser, mesmo que possa parecer demasiado simples.

Eu estava numa situação horrível. Ou participava nesta imbecilidade desgastante e praticamente deixava de sair da redacção e não chegava a dormir ou deixava-os estar. Mas um capitão é sempre o último a largar o barco.

As mulheres já nem sequer ao fim-de-semana iam para casa. Elas limpavam, lavavam a sua roupa, à tarde iam passear e comer gelado, depois à noite a um concerto, ao cinema ou às vezes dançar. O caminho de regresso à redacção era sempre curto.

As mulheres de Boris e Schenja, intrigadas com as ausências dos maridos, preparavam-se para os apanharem de surpresa. Isso levou a que, aliviadas e felizes, ficassem sentadas na nossa cozinha, elogiando o aconchego e falando bem-dispostas em vez de levarem os maridos para casa. Estes, por seu lado, esperavam agora regularmente pelas mulheres e jogavam xadrez depois de terem feito o seu trabalho ou de o terem adiado para o dia seguinte.

Também os vizinhos do prédio participavam na animada vida do meu pessoal, tocavam à porta com a desculpa de já não terem sal ou de não saberem da chave de casa e terem de esperar que a mulher voltasse. Naturalmente era-lhes oferecido chá e enquanto a visita estivesse presente era má educação trabalhar. Quando finalmente a esposa aparecia com a chave, conversavam ambos mais duas horitas, não sem no final se recomendarem como colaboradores. Os honorários que com o passar dos tempos pagávamos a vizinhos e seus familiares, teriam chegado para o saneamento da escada.

Entretanto eu trabalhava furiosamente para com o meu exemplo sinalizar aos outros que se podiam fazer as coisas de outra forma. Eu até realizava trabalhos de dactilografia, o que, no teclado cirílico, me custava uma data de tempo. Mas, como todas as outras medidas, também esta não deu em nada. Pelo contrário. Um revirar de olhos e encolher de ombros ainda foram as

reacções mais amáveis. Tanja apontava-me os meus erros e Anton, o fotógrafo, não achou bem que o chefe se imiscuisse em trabalhos de que nada entendia. Ele citou-me: que era indiferente quando se fazia um jornal, desde que ele fosse bom e saísse a tempo.

Sempre que eu queria responder era como se a minha cabeça tivesse sido esvaziada. Assim, também não me ocorreu qualquer argumento adequado quando eles apresentaram com orgulho um televisor portátil, naturalmente só para estarem a par das notícias da actualidade – isto num semanário! O gato preto, que no início tinha o seu prato à frente da porta, dormia agora na cozinha – era Inverno. Ou queria eu que ele morresse congelado? Os vizinhos até tocavam quando *Blintchik*, assim se chamava, estava à nossa porta.

Num domingo no início de Dezembro, tinha-me esquecido de enviar um fax, entrei de manhã na redacção. Da sala de recepção vinham gemidos. As quatro mulheres estavam à volta do sofá no qual uma senhora idosa estava deitada. Sibilaram-me que por amor de Deus não fizesse barulho, o médico já estava informado, a avó da Irina tinha vindo fazer uma visita e não se sentia bem. Tinha gemido a noite toda, elas quase não tinham pregado olho. Na terça-feira a avó morreu, graças a Deus não na redacção. Mas a sua morte foi o suficiente para pôr seriamente em perigo o aparecimento do próximo número, de tal forma as mulheres ficaram afectadas.

Eu já não sabia como continuar. Os meus olhos ardiam, as mãos suavam, nos pulmões sentia picadas de agulhas. Quando ainda por cima a Sonja me aconselhou – eu considerara-a em tempos minha

confidente – a não fazer nada além de ficar sentado na cozinha, beber chá, fumar ou ir passear, mas, em caso algum, preocupar-me, libertei-me do seu abraço e atirei-me porta fora. Infelizmente ao bater com a porta apanhei o *Blintchik* que entrava a roçar-se. O grito do gato foi horrível e as mulheres acorreram em lamentos.

Menos furioso do que perplexo informei finalmente a minha direcção empresarial no fax semanal. Redigi cuidadosamente, mais por alusões. Tinha de fazê-lo, para estar garantido caso um destes dias os de Estugarda aparecessem à porta. Como poderia então explicar-lhes o nosso caos, para já não falar do facto de eu próprio sofrer com ele.

Ainda na mesma noite, note-se que era sexta-feira, recebi um telefonema. Ligaram-me ao gerente.

– Silêncio! – gritei para dentro, para a sala e preparei-me para o que desse e viesse.

O economista Schärfer não era homem para amabilidades e explicou-me brevemente, depois de parecer que precisava de recordar o assunto por que me estava a telefonar, que eu iria receber o dinheiro necessário por um correio. Eu deveria preparar tudo, para que a compra ainda se realizasse neste ano, “ou será que os russos também põem a data atrasada?” Eu perguntei-lhe se não estava a fazer confusão, eu não lhe tinha pedido dinheiro.

– Não, como assim? – respondeu ele. O jornal não corria mal – e comprar imóveis nunca era errado. Eu deveria comprar um outro apartamento, mas lá estabelecer desde o início uma organização laboral de acordo com os parâmetros ocidentais. Eficiência como base para o domínio do mercado!

– Para que o enviámos a si? – ouvi-o rir do outro lado.

– E o nosso apartamento? – perguntei em alvoroço.

– Deixe-o para as mulheres. Ou prefere pô-las na rua?

Eu neguei, ele desejou-me um bom fim-de-semana, uma abençoada festa de Natal e um Ano Novo com saúde e sucesso. Eu desejei-lhe o mesmo.

Depois de desligar encontrei o olhar expectante do pessoal. Mas eu não disse nada, abri pela primeira vez desde há meses a porta da varanda, saí para os flocos de neve que caíam pacificamente e acendi um cigarro.

Como os palácios à nossa volta estavam festivamente iluminados. Como brilhava, como cintilava, o infundável Nevsky. Gradualmente as luzes perdiam os contornos. Pelas minhas pernas, roçava-se *Blintchik*.

Todos os contos publicados na revista *Ficções* têm direitos de autor, da revista ou dos próprios autores. Estes contos apenas podem ser usados com autorização expressa da revista ou dos autores, e de acordo com a legislação geral sobre direitos de autor.

© Direitos dos contos incluídos neste número:

"O Senhor Hua Wei" © Zhang Tianyi; "Aldeia das Cataratas" (in "My Sister's Hand in Mine") © Farrar, Strauss and Giroux; "O Obelisco" (in "The Life to Come and Other Stories") © Edward Arnold; "33 Momentos de Felicidade" © Berlinverlag.

Foram feitos os esforços para localizar todos os titulares de direitos ainda em vigor. *Ficções* agradece as informações que lhe sejam enviadas sobre eventuais omissões ou erros, que serão corrigidos num próximo número da revista.

FICÇÕES nº 1 (1º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

FICÇÕES nº 2 (2º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES nº 3 (1º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzatti | Mário de Carvalho | José Eduardo Aqualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímir Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES nº 4 (2º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES nº 5 (1º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez |

FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre Dubus | Kazuo Ishiguro

FICÇÕES nº 6 (2º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhtzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

FICÇÕES de humor (Abril de 2003)

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K. Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lardner | Dezso Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mario Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

FICÇÕES nº 7 (1º semestre de 2003)

Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil | Georges Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar

FICÇÕES de bichos (Julho de 2003)

Machado de Assis | Aquilino Ribeiro | Virginia Woolf | Graciliano Ramos | Carlos de Oliveira | Bernard Malamud | Jorge de Sena | Ingeborg Bachmann | Agustina Bessa-Luís | Panos Karnezis | Maria Velho da Costa

FICÇÕES nº 8 (2º semestre de 2003)

Ramalho Ortigão | Villiers de L'Isle-Adam | Elisabeth Bishop | Ray Bradbury | Doris Lessing | Augusto Abelaira | José Rodrigues Miguéis

FICÇÕES nº 9 (1º semestre de 2004)

Prosper Mérimée | Leopold von Sacher-Masoch | Júlio Dantas | Cesare Pavese | Hannes Pétursson | Fernando Sorrentino | Robert Coover | Óscar de Sá | Artur Manuel Pires

FICÇÕES de guerra (Julho de 2004)

Alexandre Herculano | Villiers de L'Isle-Adam | Rudyard Kipling | William Carlos Williams | Andrei Platónov | Graham Greene | José Martins Garcia | Giuseppe Pontiggia

A *Ficções* comemora a sua décima edição sob o império do amor, da viagem e da descoberta. No conto de abertura, *Amor*, de Maupassant, em tradução de João Martins, é uma paisagem nevoenta e gelada que se transfigura pela humanidade de um casal de patos; em *Um Sonho do Armagedão*, de H.G. Wells, com tradução de José Manuel Mota, apresenta-se um mundo homérico, apocalíptico, de sonho e pesadelo mais reais do que a vida acordada. Zhang Tianyi, um dos renovadores da literatura chinesa, dá-nos em *O Senhor Hua Wei*, o retrato do perfeito burocrata. A tradução do original chinês é de Rosa Vieira de Almeida. João Paulo Moreira traduziu *Aldeia das Cataratas*, uma verdadeira “viagem para o mundo”, um dos contos mais representativos do universo de Jane Bowles. E.M. Forster, o autor de *A Room With a View* e de *Howard’s End*, entre outros romances, tem aqui um texto de uma limpidez excruciante, *O Obelisco*, em tradução de Elsa Margarida de Sousa. No conto de John Updike, *A Outra Vida*, em tradução de Pedro Afonso Dias, é uma simples viagem a Inglaterra que acaba transformada numa verdadeira visita à transcendência. E, por fim, inclui-se o texto do jovem Ingo Schulze, em tradução de Marília Mendes, retirado de *33 Momentos de Felicidade*, uma história de usos e costumes da contemporânea Petersburgo.

ISBN 972-8625-18-9



9 789728 625184